

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais

IMAGEM DAS REDES: AS FOTOGRAFIAS
DA “CRACOLÂNDIA” NO *TWITTER*

JOÃO GUILHERME BERTHOLINI MASSARO

São Paulo

2023

JOÃO GUILHERME BERTHOLINI MASSARO

**IMAGEM DAS REDES: AS FOTOGRAFIAS
DA “CRACOLÂNDIA” NO *TWITTER***

Dissertação apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Orientação: Profa. Dra. Rosemary Segurado

São Paulo

2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Rosemary Segurado
(Orientadora – PEPG/CS – PUCSP)

Prof. Dr. Miguel Wady Chaia
(PEPG/CS – PUCSP)

Prof^a. Dra. Helga do Nascimento de Almeida
(CEPPI/UFMG– UNIVASF)

AGRADECIMENTOS

Um trabalho de pesquisa é, na maior parte do tempo, um processo solitário. Agradeço a todas as pessoas que, pelas trocas durante este processo, o tornaram mais povoado e leve. Carolina, Sérgio, Fabiana, Maria, Ariel, Luana, Paulo, Almunita, João, tantos outros amigos, e também os professores que, para além das aulas, tem a troca constante de conhecimento e ensino como prática diária de convivência. Agradeço também o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) por viabilizar esta pesquisa, a Alessandra por revisá-lo, e especialmente a Rose, minha orientadora e professora, pela generosidade, disponibilidade e por trazer caminhos onde e quando não pareciam ser possíveis.

RESUMO

Por serem tecnicamente reproduzíveis, as fotografias, a partir de seu surgimento, foram ruptura no entendimento daquilo que conferia a um objeto o *status* de arte. Dentre muitos de seus potenciais, as fotografias também são suporte importante para a representação, a comunicação e o debate sobre a realidade social. Atualmente, a reprodutibilidade técnica que as caracterizam vive outro momento: as fotografias são distribuídas na internet em escalas sem precedentes, visualizadas em telas de *smartphones* e demais dispositivos tecnológicos. Soma-se a este contexto as redes sociais *online*, espaços digitais em que emissores e receptores se confundem, configurando novos formatos de compartilhamento delas e de debater as realidades sociais que elas representam. Diante deste cenário, esta pesquisa procura compreender como questões sensíveis, incômodas da realidade social, são representadas na realidade das redes sociais por meio das fotografias. Para tanto, a pesquisa se debruça sobre as fotografias que falam da “Cracolândia”, que há décadas habita o centro da capital paulista, e foram publicadas na rede social *Twitter* durante o período em que esta população ocupou a Praça Princesa Isabel e de lá foi expulsa numa série de ações policiais da chamada operação “Caronte”. O que estas fotografias podem nos dizer, enquanto mediadoras entre a realidade social complexa da “Cracolândia” e a realidade das redes sociais *online*?

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia redes sociais; Fotografia Twitter; Cracolândia imagens; Cracolândia imagem

ABSTRACT

Photographs, since their emergence and because of their capability of technical reproduction, were a rupture in the understanding of what gave objects the status of art. Among many of their potentials, photographs are also an important support for representation, communication, and debate about social reality. Currently, the technical reproducibility that characterizes it is experiencing another moment: photographs are distributed on unprecedented scales online, viewed on smartphone screens and other technological devices. Added to this context are social media networks, digital spaces in which senders and receivers are confused, configuring new formats for sharing pictures and debating social realities they represent. Given this scenario, this research seeks to understand how sensitive, uncomfortable issues of social reality are represented in the reality of social media through photographs. To this end, the research focuses on photographs that speak about “Cracolândia”, which has been inhabiting the center of São Paulo for decades and were posted on *Twitter* during the period in which this population occupied Praça Princesa Isabel and was removed from there in a series of police actions in the so-called “Caronte” operation. As mediators between the complex social reality of “Cracolândia” and the reality of online social networks, what can these photographs tell us?

KEYWORDS

Social media photographs; Twitter photographs; pictures Cracolândia; images Cracolândia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
PRIMEIRO CAPÍTULO: A FOTOGRAFIA, SUAS REPRESENTAÇÕES, REPRODUÇÕES, SUPERFÍCIES E AS REDES	23
1.1. Testemunho subjetivo e reproduzível: a fotografia como documento	24
1.2. Novas camadas: a fotografia vista por telas e redes	36
SEGUNDO CAPÍTULO: TERRITÓRIO VIVO, EM DISPUTA.....	50
2.1. Uma visão da “Cracolândia”	50
2.2. O espaço, a cidade, seus espetáculos e implicações	59
2.3. As categorias de análise.....	66
TERCEIRO CAPÍTULO.....	70
3.1. Metodologia adotada e resultados preliminares	72
3.2. A “Cracolândia” que existe no Twitter	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110
ANEXOS.....	114

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tweet com fotografia que mostra parte da “Cracolândia” próxima do cruzamento entre a rua Helvétia e a Avenida São João, no centro da capital paulista	11
Figura 2 – <i>Tweet</i> com fotografia da tela de uma televisão, que mostra a parte térrea do Edifício Racy, no cruzamento da rua Helvétia com a Avenida São João	13
Figura 3 – <i>Tweet</i> com fotografias que mostram a Praça Princesa Isabel antes e depois da principal ação da operação “Caronte”	50
Figura 4 – Comparativo sobre a incidência de pessoas em situação de rua no centro de São Paulo: Total Subprefeitura Sé e apenas os distritos República e Santa Cecília.....	55
Figura 5 – Parte da capa do jornal <i>Folha de S. Paulo</i> de 12 de maio de 2022	57
Figura 6 – A movimentação da “Cracolândia” no centro de São Paulo	58
Figura 7 – A operação “Caronte” vista pela primeira vez.....	70
Figura 8 – A fotografia mais publicada	80
Figura 9 – O espaço sem o “fluxo”	82
Figura 10 e 11 – A Praça Princesa Isabel na altura dos nossos olhos, e do alto	84
Figura 12 – A Praça do alto, mediada por telas.....	88
Figura 13 – A captura de vídeo	90
Figura 14 – As fotografias de telas.....	94
Figuras 15 e 16 – A presença policial	96
Figura 17 – A reprodução de tela com captura de vídeo	98
Figura 18 – O “fluxo” na altura do olhar, à distância.....	100
Figura 19 – O corpo fora da multidão	102
Figura 20 – Uma imagem imaginada	106

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Os <i>tweets</i> de janeiro de 2022	114
Anexo 2 – Os <i>tweets</i> de fevereiro de 2022	118
Anexo 3 – Os <i>tweets</i> de março de 2022	120
Anexo 4 – Os <i>tweets</i> de abril de 2022	130
Anexo 5 – Os <i>tweets</i> de maio de 2022	135
Anexo 6 – Os <i>tweets</i> de junho de 2022	157
Anexo 7 – Os <i>tweets</i> de julho de 2022	164

Na mesma medida em que criam solidariedade, escrevi, as fotos atrofiam a solidariedade. Isso é verdade? Achei que era, quando o escrevi. Agora, não estou tão certa. Qual a prova de que as fotos produzem um impacto decrescente, de que nossa cultura de espectadores neutraliza a força moral das fotos de atrocidades? (Susan Sontag)

INTRODUÇÃO

Em 19 de setembro de 2022, por volta das 15h, duas viaturas policiais saíram violentamente da Avenida São João, no centro da capital paulista, e faziam uma curva estreita em direção à rua Helvétia, no sentido oposto ao do elevado João Goulart, mais conhecido como “Minhocão”¹. Antes mesmo de o carro que vinha à frente parar, bombas de gás já atingiam a multidão que tomava o quarteirão, causando a sua dispersão imediata.

Figura 1 – *Tweet* com fotografia que mostra parte da “Cracolândia” próxima do cruzamento entre a rua Helvétia e a Avenida São João, no centro de São Paulo.



Fonte: Reprodução/Twitter, 2023²

¹ Inaugurado em 1971, o “Minhocão” é via expressa que corta boa parte do centro antigo de São Paulo, sobre a Avenida São João e a rua Amaral Gurgel. Concebido e executado pelo então prefeito da capital Paulo Maluf, sendo a maior obra de infraestrutura na América Latina naquele momento, tem 3,3km de extensão.

² Disponível em: <https://twitter.com/acbtj/status/1526005858303344640>. Acesso em 23/09/2023.

Enquanto os policiais saíam das viaturas, o fluxo de carros e ônibus na Avenida São João era interrompido pelas pessoas que fugiam das bombas e tiros, indo em direção à avenida, muitos carregando todos os pertences que puderam recolher, inclusive carrinhos de supermercado e animais. Era um fluxo bem diferente do que formavam os carros no trânsito de São Paulo. A maioria dos que compunham a multidão que começara a se dispersar era de pessoas que moram nas ruas da capital. Para quem também mora na cidade, em especial na região central, é imediato saber que elas formavam o chamado “fluxo”, ou seja, que estão ali no entorno da compra e consumo do crack, droga de fácil acesso e fortes efeitos no corpo de quem a consome, da perda de apetite à euforia.

Os primeiros policiais abriam o caminho com armas empunhadas e bombas de gás, enquanto os demais começavam a enfileirar, na lateral direita da rua, uma seleção de pessoas, todos homens e majoritariamente negros, colocadas de costas para a parede e com as pernas abertas. Ao mesmo tempo, quatro assistentes sociais, todos brancos, saíam em direção à esquina da avenida. Um deles arrastava outra colega por dentro dos braços, que parecia estar inconsciente, e a colocava sentada nos degraus de um dos comércios que ficam no andar térreo do Edifício Racy, marco arquitetônico da cidade³, enquanto outra a abanava, e a última não conseguia controlar uma crise nervosa, chorando ininterruptamente.

Na calçada oposta, à esquerda, numa pequena ilha que separa a Avenida São João de um dos acessos ao “Minhocão”, uma mulher negra, de cabelos alaranjados e presos, vestindo uma blusa regata preta e uma calça da cor vinho, colada ao corpo, chamava repetidamente por alguém de nome Ricardo, enquanto segurava, pela coleira, seu cachorro e sequer notava minha presença ao seu lado. Quanto mais os policiais adentravam a multidão, mais seu desespero aumentava, no intuito de encontrar, ou ao menos saber, se Ricardo estava bem. Os estouros das balas e bombas cessaram, mas a fumaça encobria boa parte da visão de onde estávamos, além da ardência nos olhos pelo efeito do gás. Parecia impossível ter notícias de Ricardo naquele momento.

Com o fim dos estouros e do barulho das sirenes, aquele lugar movimentado do centro da cidade parecia até silencioso, mas por pouco tempo. Na avenida, as buzinas e arranques dos carros

³ Conhecido popularmente como “Copanzinho” por ter forma ondular semelhante ao do famoso edifício Copan, projetado por Oscar Niemeyer em 1951, o Edifício Racy foi projetado em 1955 e inaugurado em 1957, quase uma década antes da conclusão do próprio Copan. O Racy foi idealizado pelos arquitetos Aron Kogan e Waldomiro Zarzur, os mesmos do edifício Mirante do Vale, um dos maiores de São Paulo, localizado no Vale do Anhangabaú, e do São Vito, demolido em 2011, depois de ser conhecido por décadas como um dos maiores cortiços verticais da cidade.

que se acumulavam no trânsito causado pela chegada das viaturas voltavam a ser ouvidos e, naquele quarteirão da rua Helvétia, muitas das pessoas que ali permaneciam falavam simultaneamente, inclusive os policiais, que revistavam os homens enfileirados, todos olhando para a parede do edifício, com as mãos entrelaçadas atrás de suas cabeças.

Figura 2 – *Tweet* com fotografia da tela de uma televisão, que mostra a parte térrea do Edifício Racy, no cruzamento da rua Helvétia com a Avenida São João.



Fonte: Reprodução/Twitter, 2023⁴

A mulher ao meu lado dá as costas para a cena. Inconformada, sai em direção à Avenida São João, ainda sem controlar as lágrimas. Parece ter percebido que encontrar Ricardo seria impossível naquele momento. Sigo o meu caminho também e atravesso a rua. Vejo que os agentes de saúde permaneciam na esquina, próximos de uma das viaturas policiais. Aquela que desmaiara começava, ainda sentada, a beber um copo d'água oferecido por uma das colegas, enquanto a que chorara, em pé, parecia mais calma, ainda que com o semblante apático. A poucos metros dali, na

⁴ Disponível em: <https://twitter.com/VaGrangeiro/status/1529026916484890625>. Acesso em 23/09/2023.

mesma calçada e no andar térreo do Edifício Racy, o letreiro de uma “igreja apostólica, com voz profética e pessoas plurais” chama a atenção: “Cidade de Refúgio”.

Ao presenciar uma cena como esta, é tentador sentenciar que o cenário é de uma guerra civil, em que a presença da força institucional atua sobre uma população com características visivelmente específicas diante das demais, ou utilizar expressão equivalente para defini-lo. Mas esta é apenas uma das muitas cenas que vem acontecendo desde o começo da década de 1990, quando a primeira apreensão do crack aconteceu na capital, e que falam de uma questão muito mais complexa do que o tráfico de drogas. Já em 1995, em reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*, o tráfico e o consumo do crack que aglomera centenas de pessoas no centro da cidade de São Paulo ganhavam o apelido pejorativo que até hoje é utilizado (e que, por isso e sempre entre aspas, também é utilizado nesta pesquisa) para identificá-lo: “Cracolândia”⁵.

Descrevo o que presenciei naquele dia com o intuito de criar uma imagem capaz de representar o meu testemunho. Sei que a maneira como o conduzo, trazendo detalhes, intensificando algumas partes que, acredito, podem enriquecer esse imaginário, é estratégia similar do que teria feito se estivesse registrando o que vi com uma câmera fotográfica. A escolha de ângulos, pontos focais e outros recursos disponíveis nos dispositivos fotográficos são formas de conduzir a uma perspectiva daquilo que se testemunha, da mesma forma como os recursos de uma escrita podem fazê-lo. E sabemos que, na contemporaneidade, estamos cada vez mais pensando por meio das imagens, como o cientista social e fotógrafo José de Souza Martins coloca:

“A fotografia junta fragmentos visuais. Sem a imagem a cotidianidade seria impossível. Mesmo quando não temos uma fotografia para cada situação, o imaginário cria a imagem em nós e para nós. De certo modo, em boa parte, hoje, pensamos fotograficamente.”
(Martins, 2022, p. 42)

Podemos dizer que as imagens são parte importante do nosso cotidiano. Elas estão no nosso imaginário, as relatamos de diversas formas, inclusive quando fazemos fotografias sem sermos profissionais. Segundo o filósofo Guy Debord, não apenas estamos rodeados por imagens, mas também estamos vendo a realidade por meio destas representações que, segundo o autor, são de ordens espetaculares: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de

⁵ Em reportagem de maio de 2022, o portal de notícias Uol faz um breve histórico do surgimento da “Cracolândia”, e que será citado mais à frente. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/05/13/o-que-e-a-cracolandia-entenda-como-foi-formada-e-a-origem-do-nome.htm>>. Acesso em 07/05/2023.

produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação”⁶.

Atualmente, estas modernas condições de produção, no caso das imagens, vêm ganhando outro espaço de circulação com as redes sociais *online*. Estas novas plataformas digitais e o aperfeiçoamento tanto delas quanto de aparelhos celulares e outros dispositivos fotográficos vem possibilitando a produção, publicação e compartilhamento de fotografias por qualquer de seus usuários, o que modifica lugares antes definidos da comunicação:

“O decisivo na comunicação seriam as mediações e a trajetória, a história, a experiência, a formação daqueles que recebem a mensagem. O polo decisivo da comunicação de massas seria o do receptor. Com a emergência da internet, emissor e receptor se confundem. Uma foto captada por uma pessoa comum pode gerar um efeito devastador nas redes digitais através de replicações virais que podem ser realizadas por milhares de pessoas. Enfim, os processos de formação da opinião, fundamentais para a democracia, continuam gerando controvérsias teóricas.” (Silveira, 2019, p. 39)

Enquanto fotógrafo, artista e jornalista ciente do potencial destas ferramentas como mediadoras e provocadoras de debates sobre nossos problemas sociais, procuro entender como ficam as fotografias que representam cenas como a que presenciei e relatei diante desta nova dinâmica das redes sociais *online*. Faz parte desta nova dinâmica a compreensão de que o estatuto da imagem foi modificado pelas tecnologias digitais, a internet e, conseqüentemente, as redes sociais *online*: as fotografias vivem o máximo de sua capacidade de serem tecnicamente reproduzidas, talvez sua principal característica desde seu surgimento, quando se tornou ruptura no entendimento do que define a obra de arte (Benjamin, 2011). Se vemos uma autonomia maior de usuários quanto ao que publicam, comentam, interagem e veem, então as redes sociais *online* abrem novo espaço, capaz de nos trazer respostas sobre o uso das imagens que abordam temas sensíveis enquanto formas de encurtar – ou aumentar – distâncias entre quem as vê e o que elas mostram. Sabemos que estas e outras mudanças na comunicação, provocadas pelas novas tecnologias, trazem consigo uma série de implicações políticas (Silveira, 2019). Sabemos, portanto, que as fotografias também fazem parte disto.

A partir destes apontamentos, fica a pergunta que norteia esta investigação: como as realidades social e *online* se complementam – e se distanciam – na mediação das fotografias que abordam questões sensíveis? Ao mesmo tempo em que as redes sociais *online* replicam fotografias e, potencialmente, multiplicam seu alcance, parece não haver tempo ou condições para refletirmos

⁶ DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 13.

sobre elas, num ambiente em que somos bombardeados por informações de todo tipo, e acessado por telas e dispositivos tecnológicos que mais parecem nos facilitar o escape. Em outras palavras, esta pesquisa parte da hipótese de que, apesar de encurtar a distância entre uma fotografia que aborde tema sensível e seu possível receptor ao amplificar audiências, reproduções e interações, o que vemos nas redes sociais *online* não necessariamente encurta a distância entre as complexidades da realidade social e nós, que as observamos por telas de *smartphones* ou dispositivos similares.

De forma a representar as partes deste questionamento geral, esta pesquisa se debruça nas fotografias que foram publicadas na rede social *Twitter* sobre a chamada “Cracolândia” durante período de intensa movimentação desta, entre janeiro e agosto de 2022. Nestes oito meses, o “fluxo” da “Cracolândia” – que antes se concentrava em seu endereço mais conhecido, próximo à estação de trem Júlio Prestes – se deslocou para a Praça Princesa Isabel, onde a aglomeração seguiu crescendo, até sua expulsão definitiva do local, feita por meio da principal investida da chamada operação “Caronte”, em 11 de maio de 2022. Nos meses seguintes, o “fluxo” passou por diversos endereços do centro de São Paulo, sempre sendo alvo de novas ações policiais, cujos objetivos principais eram a sua dispersão e a apreensão de drogas, e a Praça Princesa Isabel se transformou em parque, fechado por grades. Apesar das diversas tentativas de extirpá-la do cenário da capital por parte do poder público, a “Cracolândia” persiste, compondo a paisagem do centro de São Paulo. É uma questão que envolve pessoas em situações vulneráveis, muitas moradoras das ruas, tráfico e uso de drogas, presença de atuação institucional, intervenção policial, especulação imobiliária, decadência de uma parte importante do território ocupado pela capital paulista. Tão complexa quanto a realidade social da “Cracolândia” é a sua relação entre a natureza das fotografias digitais e suas representações publicadas no *Twitter* durante o período.

Segundo relatório do *Reuters Institute* de 2023, a rede social *Twitter* continua sendo mais propícia para notícias, participação de jornalistas e, portanto, assuntos como o abordado por esta pesquisa. Apesar das movimentações constantes entre número de usuários das demais redes, o *Twitter* é a que mais se mostra estável quanto a participação de jovens entre 18 e 24 anos, nos nove anos que o instituto realiza esta pesquisa. Em 2021, o número de entrevistados que afirmaram acessar notícias e informações via redes sociais *online* se igualou ao número que afirmava procurá-las diretamente em sites e outras fontes diretas da mídia. Em 2023, já são 32% os que afirmam fazer o caminho pelas redes e apenas 22% seguem procurando diretamente nas fontes de jornais e portais oficiais. O relatório aponta também que há um crescimento significativo no interesse dos

usuários das redes sociais *online* pelo conteúdo em imagens. “Ainda que formatos audiovisuais não venham a substituir o texto *online*”, conclui, “tais formatos estão no caminho de se tornarem parte mais importante da mistura na próxima década”⁷.

Criado em 2006, e conhecido por suas mensagens curtas, o *Twitter* rapidamente se tornou uma plataforma de influência nos debates políticos e sociais. Já em 2010, 20% dos usuários da plataforma utilizavam seus perfis para espalhar notícias e demais conteúdos informativos. O número pode parecer baixo, mas estes já eram os perfis com maior média de seguidores na plataforma, e não os demais 80%, que concentravam suas publicações em temáticas sobre sua vida cotidiana (Naaman, 2010). Em outubro de 2022, após longa negociação, a plataforma foi comprada pelo bilionário norte-americano Elon Musk, pela quantia de US\$ 44 bilhões⁸. Uma das medidas tomadas pelo bilionário desde a aquisição foi a troca do nome da empresa para *X*, em julho de 2023. Com a mudança do nome veio também a destituição do símbolo emblemático da plataforma, um pássaro azul que, junto do nome *Twitter*, associava a agilidade nas publicações ao canto curto dos pássaros. Esta pesquisa foi iniciada meses antes da aquisição da plataforma por Musk, bem como a coleta das imagens aconteceu neste período, utilizando método que não é mais possível, devido às alterações recentes. Por estes motivos, optou-se pela manutenção do termo *Twitter* para nomear a plataforma neste trabalho.

O formato ágil do *Twitter* sugere impulsividade e simplicidade na maneira de nos expressarmos, ao mesmo tempo em que se tornou a plataforma preferida de uso político e geração de debates (Ott, 2017). Talvez o caso mais conhecido deste uso é a presença do ex-presidente norte-americano Donald Trump, que utilizou a plataforma como um dos principais meios de comunicação durante campanhas eleitorais e, enquanto chefe de Estado, mesmo depois de banido da plataforma, voltou ao *Twitter* com pouco mais de 87 milhões de seguidores⁹. São razões como estas que fazem do *Twitter* a plataforma de escolha para esta pesquisa. Ainda que sua origem e preferência seja o formato textual, a plataforma disponibiliza o campo de publicação para fotografias e este é, frequentemente, utilizado por seus usuários. Ferramentas como o *retweet*, em que é possível compartilhar publicações de outros usuários, e mesmo a possibilidade de obter

⁷ O relatório completo pode ser acessado em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023/dnr-executive-summary>. Acesso em 10/07/2023.

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/10/28/elon-musk-e-twitter-a-cronologia-da-primeira-negociacao-ate-a-compra-da-rede-social.ghtml>. Acesso em 01/10/2023.

⁹ Informação obtida em consulta do dia 5/10/2023.

fotografias de terceiros e publicá-las novamente ou de fazer seus próprios registros, trazem para as fotografias que ali circulam apropriações e outras implicações além daquelas que já existem na própria imagem que carregam. Se o *Twitter* é espaço de debates e usos políticos, então o que nele está publicado sobre a “Cracolândia” é certamente do interesse desta investigação, já que esta é uma questão de desdobramentos políticos e sociais. Determinados estes pontos, podemos reformular a pergunta que permeia esta investigação da seguinte forma: que fotografias são essas que abordam a “Cracolândia” no *Twitter* e o que elas nos dizem de uma realidade social tão complexa como esta?

No intuito de elucidar os pontos desta pesquisa, foram elaborados três capítulos. No primeiro, foi estabelecida a discussão sobre os caminhos da fotografia, desde o que seu surgimento significou para o entendimento do que é uma obra de arte até sua presença nas redes sociais *online*, digitais e vistas por meio de telas. O ponto de partida deste capítulo são as colocações de Walter Benjamin (2011, 2015) sobre o fato de o objeto fotográfico ser reproduzível tecnicamente. Questionar a autenticidade enquanto peça única, o que conferia a uma obra o status de arte, já não era possível para a fotografia. Benjamin é autor essencial para a investigação proposta nesta dissertação, já que parte do tema aqui proposto busca compreender o que acontece quando a fotografia ganha novas camadas de reprodutibilidade com as novas tecnologias. Numa rede social *online* como o *Twitter*, vemos imagens em telas, digitais, reproduzidas de forma ainda mais rápida do que este primeiro momento apontado pelo autor. Vilém Flusser (2011, 2012), também filósofo, é quem nos dá caminhos para compreender as novas possibilidades de reproduções atuais. É dele o conceito que define o que são as “imagens técnicas”, projetadas em telas por pontos luminosos. Para o autor, estamos cada vez mais em um elogio às superfícies, já que estas imagens sequer são objetos, como as fotografias analógicas e impressas em papéis, ou seja, são primordialmente informações vistas por meio de pontos luminosos que, se olharmos atentamente, sequer são imagens de fato.

Para compreender os caminhos da fotografia até aqui, foi preciso olhar não apenas para suas características e transformações técnicas, mas também para seu sentido como objeto de valor documental, histórico, e capaz de nos dizer muito sobre a realidade social que carregam. Susan Sontag (2003, 2004), filósofa norte-americana que estabelece interessante conversa com Benjamin, é uma das autoras que esta pesquisa tem como referência. Sontag aponta para a fotografia enquanto testemunho subjetivo e não como uma verdade absoluta da realidade. Ao analisarmos uma

fotografia, precisamos partir desta constatação primeira, sem que isso a invalide na qualidade de documento capaz de nos trazer informações sobre a realidade ali representada:

Seja a foto entendida como um objeto ingênuo ou como a obra de um artífice experiente, seu significado – e a reação do espectador – depende de como a imagem é identificada ou erroneamente identificada; ou seja, depende das palavras. (...) Normalmente, se existe alguma distância com relação ao tema, aquilo que uma foto “diz” pode ser lido de várias maneiras. (Sontag, 2003, p. 28)

José de Souza Martins (2022), Denise Camargo (2004), Rossana Reguillo (2023) e Boris Kossoy (2012) são autores que a pesquisa também traz para esta conversa, tanto para a compreensão da fotografia enquanto documento de relevância histórica e social, quanto para pensar as fotografias que nos revelam violências, atrocidades, nos são incômodas (Segurado, 2007) ou, como a própria Sontag afirma, imagens que nos são “afitivas” (2003). São ideias que abrem caminhos para a próxima etapa deste capítulo, que consiste na contextualização das fotografias como mediadoras entre a realidade social que representam e a realidade digital das redes sociais *online*, em especial o *Twitter*, plataforma escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa.

Para compreendermos a nova realidade da Internet com a participação das redes sociais *online*, autores mais recentes, principalmente o professor e pesquisador Fabio La Rocca (2014, 2016, 2018), Rosemary Segurado (2007, 2011), Sergio Amadeu da Silveira (2019) e Wagner Souza e Silva (2015, 2019, 2021) são trazidos para o debate desta investigação. São autores que apontam para a percepção de que não estamos apenas num debate se fotografias projetadas em telas nos aproximam ou distanciam da realidade, mas de que, na atualidade, somos todos emissores e receptores de informação e comunicação, também nos confundindo com uma realidade conectada pela Internet. É como na afirmação de Silveira citada anteriormente: uma fotografia pode ser publicada nas redes sociais *online* por qualquer pessoa, e esta pode ser replicada repetidas vezes. Vale acrescentar a isto que a fotografia em si também pode ser produzida por qualquer pessoa, seja pelas câmeras embutidas em *smartphones* ou outros dispositivos fotográficos (Silva, 2015).

Expostas as colocações sobre a fotografia em si, o segundo capítulo apresenta breve histórico do assunto que as fotografias analisadas nesta pesquisa mostram: a “Cracolândia”. Do surgimento do crack na capital paulista, ainda na década de 1980, até as frequentes operações policiais dos últimos anos – em especial o período no qual estipulamos para a coleta das fotografias desta investigação, a história do que entendemos como “Cracolândia” não se resume ao consumo e tráfico desta droga. No histórico aqui apresentado, veremos como falar da “Cracolândia” é também falar da história do centro da cidade mais rica e desigual do país, sua arquitetura,

desenvolvimento, abandono e especulação imobiliária. É dentro deste processo que se encontram também o alto número de moradores de rua da região e as investidas policiais contra esta população, e o embate entre compreender este cenário, não apenas como questão de segurança ou saúde pública, mas sim como algo complexo e repleto de significados.

Por ser esta pesquisa um olhar sobre imagens que representam uma realidade social, este segundo capítulo também apresenta a reflexão sobre o histórico apresentado, inspirado nas colocações do pesquisador Fabio La Rocca sobre a necessidade de metáforas para compreendermos as cidades. O geógrafo e pesquisador Milton Santos (1978, 2002a, 2002b, 2011, 2020) é outro autor importante para esta discussão. É dele o conceito de espaço utilizado nesta pesquisa, pois nos fala da necessidade de o entendermos enquanto território ocupado pela história, seus habitantes e tensões sociais que geram. Os apontamentos de Santos sobre a globalização como processo de nossa desumanização e precarização dos espaços, assim como sua visão crítica sobre a completa ausência de cidadania no nosso país são outras de suas reflexões aqui apresentadas, pois nos ajudam a estabelecer relação entre quem olha para as fotografias de uma realidade social tão complexa como a da “Cracolândia” e quem está ali representado.

Este segundo capítulo é encerrado com a apresentação de dez categorias analíticas, estabelecidas com base no que está apresentado nos primeiros capítulos, e numa primeira observação do conjunto total de fotografias coletadas para esta pesquisa. As categorias são: autoria e tempo, ou seja, se foi possível identificar tanto a autoria das fotografias publicadas quanto o momento em que estes registros foram feitos; a replicação das imagens, levando em consideração que replicar imagens e publicações são práticas comuns dos usuários do *Twitter*; que tipo de usuário da plataforma publicou estas imagens, se perfis da mídia profissional ou dos demais usuários; a perspectiva espacial das fotografias, o que elas revelam do centro da capital paulista; ângulos e abrangências, ou seja, de quais perspectivas sobre o cenário da “Cracolândia” estas fotografias foram produzidas; se os corpos da população que ali habita são revelados enquanto indivíduos, ou enquanto multidão; a identificação destes habitantes do “fluxo”, se conseguimos compreender, ao observar estas fotografias, as singularidades do que as principais estatísticas sobre a população em situação de rua nos mostram; se o uso do crack em espaço aberto está registrado, considerando que essa, na qualidade de discurso, é a peça central que define a “Cracolândia”; como está representada a presença de atuação institucional, considerando que o período em que a amostra foi coletada foi de intensas operações policiais; a exclusão e a precariedade, ou seja, quais os principais aspectos

que as fotografias mostram, de forma a distinguir a “Cracolândia” de nós, os observadores desta população; a presença das telas, levando em consideração que sua mediação entre nós, observadores, e a realidade social da “Cracolândia”, é feita por meio delas, quando acessamos o *Twitter*.

O terceiro e último capítulo apresenta os principais resultados e considerações propostos por esta pesquisa. Para obter amostra de análise, foi considerado como marco temporal o dia 11 de maio de 2022, dia em que a principal fase da operação “Caronte” expulsou em definitivo a “Cracolândia” da Praça Princesa Isabel. Os quatro meses anteriores, e os quatro seguintes, foram determinados como tempo suficiente para que pudéssemos observar se as fotografias publicadas no *Twitter*, plataforma que tanto se apoia na temporalidade de suas publicações e debates, acompanhavam a temporalidade do que acontecia com a “Cracolândia”. Nos quatro meses anteriores à ação, o “fluxo” ocupava gradativamente a Praça e, nos quatro meses seguintes, a Praça foi fechada, cercada e renomeada como Parque, enquanto o “fluxo” seguiu sendo alvo de novas operações policiais pelo centro da capital, ocupando temporariamente outros pontos deste território. Por meio de buscas sistemáticas na ferramenta de pesquisa do *Twitter*, encontramos 1665 resultados com o termo “Cracolândia” e o uso do espaço para fotografias da plataforma neste período. Deste total, notamos que eram 335 publicações, 20,12% do total, as que efetivamente continham imagens da “Cracolândia” e, nestas, 401 fotografias estavam publicadas (já que é possível um usuário publicar, em um mesmo tweet, mais de uma fotografia).

Entendemos que uma pesquisa empenhada em compreender a representação da realidade social da “Cracolândia” em um espaço como o *Twitter* necessita de reflexão além dos dados estatísticos obtidos por meio de observação e levantamento quantitativo desta amostra total. Por isso, também entendemos que a melhor maneira de apresentar esta amostra seria através da seleção e análise de 13 destas fotografias, consideradas capazes de representar as principais características observadas neste conjunto e interpretadas a partir das categorias analíticas antes estipuladas. Não nos parece possível falar de fotografias que mediam realidades tão diferentes quanto as que carregam, e as realidades *online* em que estão submetidas, sem a utilização de metáforas (La Rocca, 2018) e o entendimento de que fotografias são documentos carregados de subjetividades (Kossoy, 2012).

A apresentação dos resultados desta pesquisa é, portanto, feita em conjunto, incluindo tais dados em meio à interpretação e à análise qualitativa das 13 fotografias, cuja escolha levou em

consideração o intuito principal de trazer aos nossos leitores como “é” a “Cracolândia” que “está” no *Twitter*. Esta investigação se entende como um caminho para compreender esta complexa relação entre uma realidade social e o “mundo-imagem” (Sontag, 2004) que a representa no contexto das redes sociais *online*, e revela como, apesar de seu alcance ampliado, ver a “Cracolândia” neste ambiente digital não significa obter peças suficientes para compreendê-la, ainda que isso pareça ser possível. Da forma como são projetadas nas telas até o acesso de quem a executa, o que fica da “Cracolândia” até chegar em quem a vê em uma publicação do *Twitter* projetada na tela de um dispositivo? Assim como a realidade social é repleta de camadas, a realidade social *online* também o é, e suas camadas parecem encurtar a distância daquilo que vemos, ao mesmo tempo que nos distanciam ainda mais.

PRIMEIRO CAPÍTULO: A FOTOGRAFIA, SUAS REPRESENTAÇÕES, REPRODUÇÕES, SUPERFÍCIES E AS REDES

Porque analisar as fotografias sobre a “Cracolândia” que são publicadas no *Twitter*? Para responder tal pergunta, este primeiro capítulo busca situar a fotografia enquanto documento relevante para a compreensão do mundo e das relações sociais, bem como situá-la como objeto de reprodução técnica e sua representação da realidade, especialmente quando tais representações abordam questões sociais complexas – como é o caso da “Cracolândia” – ou, como Susan Sontag (2003) coloca, são fotografias “aflitivas”. Ainda que tenha sido a fotografia a responsável pelo rompimento da ideia de autenticidade no campo das artes, perdendo sua aura (Benjamin, 2011, 2015), este formato permanece sendo ferramenta potencial para questionamentos. Sua reprodutibilidade, que ora parecia problemática – para as artes, ora é vantajosa – para quem busca a comunicação em massa, a transformou em suporte útil para a espetacularização que vivemos da realidade, algo que Debord (1997) nos ensina.

A fotografia é parte do nosso cotidiano, como mostra José de Souza Martins (2022), e tem ganhado camadas que amplificaram ainda mais sua capacidade de reprodução e alcance com as novas tecnologias e as redes sociais *online*. Mas este novo alcance, para além de simplesmente atingir públicos maiores, complexificou as questões que envolvem a percepção das fotografias. Segundo Vilém Flusser (2011), uma fotografia projetada em uma tela é o que a própria frase diz: uma projeção. Pontos luminosos que vemos, por poucos segundos, formarem uma imagem modificam nossa percepção da fotografia e da realidade que ela nos apresenta. Com base neste pensamento, anterior à chegada das redes sociais *online*, podemos nos questionar como o espaço destas redes – em especial o *Twitter*, modifica ainda mais nossa percepção das fotografias e, conseqüentemente, da realidade que elas nos revelam. Uma comunicação modificada acontece ali, que coloca em nova negociação a maneira como as imagens mantêm o imaginário social presente, segundo Wagner Souza e Silva (2015).

Levantados os pontos deste capítulo inicial, partiremos para a etapa seguinte desta investigação, com a contextualização da “Cracolândia”. Veremos como essa se situa no território da capital paulista, e quais interpretações possíveis podemos fazer sobre imagens que procuram representá-la dentro do ambiente do *Twitter*.

1.1. Testemunho subjetivo e reproduzível: a fotografia como documento

Passado pouco mais de um século desde o surgimento da fotografia, o filósofo Walter Benjamin (2011) identificava na reprodução técnica de obras de arte uma distinção fundamental de sua reprodução manual: a cópia do original pode ir ao encontro do receptor, colocando a obra, ainda que não seja a autêntica, em “situações inatingíveis a esse mesmo original”¹⁰. É famosa a afirmação do autor, publicada originalmente em 1931, sem sentenciar negativamente sua própria constatação, de que a reprodutibilidade técnica da obra de arte a faz perder sua aura, já que é na reprodução onde se quebra a tradição e a autenticidade, a existência única que confere ao objeto o seu lugar enquanto arte.

Importante marcar aqui que Benjamin (2015) entendia a fotografia – e especialmente o cinema – como agentes centrais nessa mudança dos tempos, causada pela reprodutibilidade técnica. O autor olhava a fotografia como lugar diferente do que se entendia a arte, ainda ligada à ideia do divino, de inspiração e reprodução distantes de processo mecânico, como o que acontece nas câmeras fotográficas. Para Benjamin (2011), a fotografia fora, durante todo o seu primeiro século de existência, justificada por teóricos “diante do mesmo tribunal que ela havia derrubado”¹¹.

A tradição se quebrava com as tecnologias e reconhecer este processo não significava necessariamente condená-lo, mas sim compreendê-lo como caminho para outras possibilidades, inclusive o nosso desejo de atingir as massas:

Mas fazer as coisas se aproximarem de nós, ou antes, das massas, é uma tendência tão apaixonada do homem contemporâneo quanto a superação do caráter único das coisas, em cada situação, através da sua reprodução. Cada dia fica mais irresistível a necessidade de possuir o objeto de tão perto quanto possível, na imagem, ou melhor, na sua reprodução. E cada dia fica mais nítida a diferença entre a reprodução, como ela nos é oferecida pelos jornais ilustrados e pelas atualidades cinematográficas, e a imagem. Nesta, a unicidade e a durabilidade se associam tão intimamente como, na reprodução, a transitoriedade e a reprodutibilidade. Retirar o objeto do seu invólucro, destruir sua aura, é a característica de uma forma de percepção cuja capacidade de captar o “semelhante” no mundo é tão aguda que, graças à reprodução, ela consegue captá-lo até no fenômeno único. (Benjamin, 2011, p. 101)

É possível entender com isso que, apesar de a aura da obra de arte se perder no copiar mecânico desta, o próprio processo traz algo de autêntico:

¹⁰ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. 1ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2015. p. 44

¹¹ _____. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 1ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2011. p. 92

Ainda que isso não valha de modo algum apenas para a obra de arte, mas analogamente também, por exemplo, para uma paisagem que passa diante do espectador em um filme, um núcleo altamente sensível é tocado no objeto da arte por meio desse processo, núcleo este que não é tão frágil num objeto natural. É essa a sua autenticidade. A autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que nela é originalmente transmissível, desde sua duração material até seu testemunho histórico. Como esse testemunho está fundado sobre a duração material, no caso da reprodução, na qual esta última tornou-se inacessível ao homem, também o primeiro – o testemunho histórico da coisa – torna-se instável. E somente isso. (Benjamin, 2015, p. 44)

Refletindo sobre as afirmações de Benjamin quanto à presença genuína de objetos mecanicamente reproduzidos (como é o caso da fotografia), a filósofa norte-americana Susan Sontag argumenta que, ao adentrar em museus e galerias, a fotografia tem sim uma espécie de autenticidade (Sontag, 2004). A autora entende o original de uma fotografia como diferente do original de uma pintura, já que toda fotografia partiria de um negativo original, enquanto a pintura é sempre autêntica. Quando vemos uma fotografia em um jornal, exemplifica, estamos vendo “fotos de fotos”, já nas galerias e museus vemos ampliações feitas diretamente do negativo original, o que nos proporciona “prazeres visuais que não são reproduzíveis”¹². Em contrapartida, tal autenticidade, para Benjamin, é contestável, já que “é possível uma multiplicidade de revelações a partir de uma chapa fotográfica; a pergunta pela revelação autêntica não faz sentido”¹³. Se o critério que validava a produção artística era sua autenticidade, afirma Benjamin, então a reprodução transforma totalmente a função social da arte. “No lugar de sua fundação ritual, esta deve fundar-se em outra práxis, a saber: a política”¹⁴, conclui.

Se Benjamin, como visto anteriormente, vê a imagem reproduzida se tornar objeto irresistível de ser possuído, Sontag diz que a fotografia é uma aquisição capaz de estabelecer uma relação de consumo entre nós, detentores do objeto, e os eventos que nela estão representados, “tanto os eventos que fazem parte de nossa experiência como com aqueles que dela não fazem parte – uma distinção de tipos de experiência que tal consumo de efeito viciante vem turvar”¹⁵. Tal afirmação soa ainda mais pertinente se pensada junto da máxima do filósofo Guy Debord, em que o “espetáculo é o *capital* em tal grau de acumulação que se torna imagem”¹⁶, indicando haver relação intrínseca entre o que uma

¹² SONTAG, Susan. Sobre fotografia. 1ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 2004. p. 156

¹³ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. 1ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2015. p. 44

¹⁴ *Ibidem*, p. 44

¹⁵ SONTAG, Susan. Sobre fotografia. 1ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 2004. p. 162

¹⁶ DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 25

imagem é capaz de nos trazer e a forma como a olhamos, muito pautada pela possibilidade de adquirirmos informação, mas como experiência relacionada ao consumo.

A importância das imagens fotográficas estaria em serem meios pelos quais mais e mais eventos passam a fazer parte das nossas experiências, nos fornecendo “conhecimento dissociado da experiência e dela independente”¹⁷. Importante lembrarmos aqui que a imagem fotográfica, ainda que tenha rompido com a tradição da arte, partiu dela e, portanto, sempre carrega em si possibilidades de questionamentos e rompimentos com o próprio processo que procura dominá-la, algo típico deste campo:

Provocar incômodos, inquietudes e inconformismos são as possíveis sensações diante de qualquer forma de criação artística. Estas características podem potencializar práticas políticas capazes de abrir brechas para as rebeldias necessárias de movimentos que se contraponham a toda e qualquer forma de dominação e de opressão impostas pelos dispositivos da dinâmica capitalista. (Segurado, 2007, p. 49)

Em 1977, ano em que Susan Sontag publica o ensaio aqui citado *Sobre Fotografia*, onde propunha diálogo com o que Benjamin escrevera décadas antes, a tecnologia digital não era uma realidade da fotografia, muito menos as redes sociais *online*, espaço em que as fotografias que esta pesquisa pretende investigar estão. Neste novo cenário, o que fica do objeto fotográfico, dos prazeres visuais irreproduzíveis, de sua autenticidade? Dois pontos chamam atenção na afirmação de Benjamin (2015) citada anteriormente, e que conversam com esta investigação: o testemunho histórico da coisa (e sua instabilidade), e o todo que é transmissível. Para analisarmos as fotografias aqui pretendidas, é preciso entender o que elas carregam consigo, e onde estão inseridas.

Segundo Benjamin (2015), a fotografia não é apenas capaz de registrar um momento, mas também de se tornar um testemunho histórico. O fotógrafo e historiador Boris Kossoy entende a fotografia como documento visual intrigante, de conteúdo revelador, mas simultaneamente “detonador de emoções”¹⁸. Susan Sontag, assim como Benjamin, sentencia: “Fotos fornecem um testemunho”¹⁹. Ainda que possa parecer definitiva em sua afirmação, é importante notarmos que um testemunho não é o mesmo que uma verdade única, incontestável. “Algo de que ouvimos falar mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto”²⁰, continua. Uma fotografia, ainda que capaz de distorcer aquilo que registra, sempre nos traz o pressuposto de que algo semelhante

¹⁷ SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. 1ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 2004. p. 162

¹⁸ KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014. p. 30

¹⁹ SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. 1ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 2004. p. 16

²⁰ *Ibidem*.

ao que está na imagem existe ou já existiu; mesmo quando há limitações na fotografia, seja pelo amadorismo de quem a fez, ou a pretensão artística deste, qualquer fotografia nos parece estabelecer uma relação “mais inocente, e, portanto, mais acurada, com a realidade visível do que outros objetos miméticos”²¹

Kossoy (2012) não tem dúvidas da relevância da fotografia para compreendermos o passado, mesmo reconhecendo que sua importância como documento não foi devidamente percebida. Para o historiador, há duas razões fundamentais e reveladoras na resistência em utilizar a fotografia como fonte histórica e instrumento de pesquisa, sendo elas a tradição da escrita como principal meio de transmissão do saber, e a segunda, decorrente da primeira, no fato de a informação visual necessitar de outros caminhos que não os já codificados pelo campo da escrita. Guy Debord (1997) percebe o fim da linguagem da comunicação como a conhecíamos, o que abre caminho para a necessidade de reencontrarmos uma linguagem comum:

A linguagem da comunicação está perdida – eis o que expressa *positivamente* o movimento de decomposição moderna de toda arte, seu aniquilamento formal. O que esse movimento expressa *negativamente* é o fato de uma linguagem comum ter de ser reencontrada, mas não na conclusão unilateral que, para a arte da sociedade histórica, *sempre chegava tarde demais*, falando com *outros* do que foi vivido sem diálogo real, e admitindo essa deficiência da vida. Essa linguagem precisa ser reencontrada na práxis, que reúne em si a atividade direta e sua linguagem. Trata-se de possuir efetivamente a comunidade do diálogo e o jogo com o tempo que foram *representados* pela obra poético-artística. (1997, p. 122)

Se a tradição da escrita se mantém como principal forma de transmissão do saber, as imagens apenas serviriam como ilustrações dentro deste processo? O filósofo checo-brasileiro Vilém Flusser considera fundamental a relação entre textos e imagens para compreendermos a história do Ocidente. O autor descreve tal relação como uma luta da escrita contra a imagem de consequências imprevistas, e entende a escrita como uma capacidade nova de “codificar planos em retas e abstrair todas as dimensões, com exceção de uma: a da *conceituação*”²². Ora, se a escrita codifica e decifra textos por meio de conceitos, ela é mais abstrata do que o pensamento imaginativo, diz o autor. Para Flusser, quando inventamos a escrita, nos afastamos do mundo concreto ao invés de nos aproximarmos dele. A escrita surge, portanto, “de um passo para aquém das imagens e não de um passo em direção ao

²¹ SONTAG, Susan. Sobre fotografia. 1ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 2004. p. 16

²² FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa-preta. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2011. p. 23

mundo”, e “textos não significam o mundo diretamente, mas através de imagens rasgadas”²³. A função dos textos, conclui Flusser, é explicar as imagens.

Sontag (2004) chama de moralistas aqueles que, apesar de amarem as fotografias, “sempre esperam que as palavras salvem a imagem”²⁴ e lembra que Walter Benjamin sugeria aos escritores que tirassem suas próprias fotografias. Estes moralistas estariam exigindo da fotografia a fala, o que nenhuma pode efetivamente fazer. A legenda, diz a filósofa, seria o que falta numa fotografia. Ainda assim, esta não passa de uma interpretação – portanto, limitante – da imagem contida no objeto fotográfico. Sontag conclui que “a legenda é uma luva que se veste e se retira muito facilmente”²⁵. Interpretar seria, portanto, importante possibilidade a ser reconhecida quando nos dispomos a analisar fotografias. Para Flusser (2011), os textos são tão mediações entre nós e o mundo quanto as imagens, mas estes podem “tapar as imagens” que pretendem nos representar algo. Estaríamos, assim, incapazes de decifrar os próprios textos, e sem conseguir reconstruir as imagens por eles abstraídas. O autor sugere uma crise dos textos que implica no próprio naufrágio da História (e parte desta compreensão para apresentar o que são as imagens técnicas – conceito que será observado mais à frente neste mesmo capítulo). Se os textos não mais significarem imagens, a própria História para, pois não haveria mais nada a ser explicado.

Para entender uma fotografia na qualidade de fonte de conhecimento, é preciso reconhecer suas particularidades, a começar por retirar desta uma ideia de “objetividade positivista”²⁶. Segundo Kossoy (2012), “o registro do testemunho fotográfico não é isento e sua verdade é apenas relativa, iconográfica *strictu sensu*. Sua materialização sempre se fez a partir do processo de criação do fotógrafo, um processo, pois, marcado pela subjetividade”²⁷. O exemplo disso é o que a artista e educadora Denise Camargo constata ao analisar uma fotografia de 1992 feita pelo fotógrafo Severino Silva em uma favela de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, em que crianças parecem jogar futebol com a cabeça de um homem desprendida de seu corpo (Camargo, 2004). Neste caso, é a ideia de objetividade que faz com que tenhamos a impressão de que a cena de fato se deu daquela forma. Mas os recursos técnicos dos dispositivos fotográficos dependem de decisões de quem os utiliza e seu resultado depende do que os receptores puderam interpretar. Mesmo os editores da primeira

²³ *Ibidem.* p. 24

²⁴ SONTAG, Susan. Sobre fotografia. 1ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 2004. p. 123

²⁵ *Ibidem.* p. 125

²⁶ KOSSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014. p. 114

²⁷ *Ibidem.* p. 116

publicação desta fotografia, muito provavelmente, foram convencidos de que a ilusão criada pelo fotógrafo era efetivamente o que estava acontecendo, diz a autora.

Para Camargo (2004), a “imagem fotográfica reapresenta o real, e como num sinal de cumplicidade, o ato manifesto da captura da imagem coloca o fotógrafo como responsável pelo ficcional que toda imagem contém. Ela nunca é o real, mas uma representação dele”²⁸. Sontag (2004) coloca o ato de fotografar como uma anotação do mundo, e considera errada a ideia de que há diferença fundamental entre o olhar individual e o fotógrafo que registra objetivamente, documentando. Ambos seriam extensões do que significa a fotografia, ou seja, “anotar potencialmente tudo no mundo, de todos os ângulos possíveis”²⁹.

Ainda que se tenha certa resistência ao uso da fotografia enquanto documento, é na verdade relativa mencionada por Kossoy (2012) que muito de seu potencial de conhecimento pode ser encontrado. O sociólogo e fotógrafo José de Souza Martins aponta que, “em particular na Sociologia, a imagem, sobretudo a fotografia, por ser flagrante, revelou as insuficiências da palavra como documento da consciência social e como matéria-prima do conhecimento”³⁰. Não é da subjetividade do processo do fotógrafo, como apontada por Kossoy, que Martins se refere somente. Este propõe que, ao analisarmos as fotografias, elas também nos revelam imprecisões da vida cotidiana, e colocam o que pode parecer-nos irrelevante, num primeiro momento, em um lugar de certo protagonismo:

Na análise sociológica, preferimos as nossas precisões às imprecisões do outro, sem oferecermos ao leitor um esclarecimento sociológico consistente para essa escolha arbitrária, embora justificável, com os critérios da ciência. No entanto, muito se perde por isso na própria compreensão sociológica, já que a imprecisão, a impressão, a incerteza, o irrelevante do mundo cotidiano, é o que domina as relações sociais e a consciência que baliza e orienta o interacionismo de tateio que é próprio da cotidianidade. Na vida cotidiana, a relação social é uma construção que envolve reciprocidades. (Martins, 2022. p. 164)

Podemos compreender, aqui, os critérios da ciência (mas também os códigos já definidos para o campo da escrita que Kossoy mencionara) como parte da reciprocidade entre estes e o que o mundo cotidiano representado nas imagens nos oferece. A imagem fotográfica, segundo Kossoy, é “fragmento retratado” e pode nos levar a entendê-la como expressão da realidade. Ainda que seja rica em informações, ela não substitui a realidade em si. “Ler” uma ou mais imagens fixas exige

²⁸ CAMARGO, Denise. O achatamento da perspectiva: leitura de uma imagem de morte e violência. *Studium*. Campinas, SP, n. 17, p. 66-74, 2019. p. 4-5

²⁹ SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. 1ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 2004. p. 192

³⁰ MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2022. p. 10

reconhecer seu caráter ambíguo, saber que estamos as interpretando com base nos nossos próprios repertórios culturais, preconceitos, ideologias e situações econômicas também.

É importante trazer para esta discussão o conceito de *scanning*, do filósofo Vilém Flusser (2011), complementar ao que está apresentado até aqui para pensarmos a leitura de imagens. *Scanning* é o ato de “vaguear pela superfície da imagem”³¹. Mas se a olharmos rapidamente, diz o autor, não obteremos mais do que significado tão superficial quanto a sua própria superfície. É preciso compreender que tal deciframento se faz com vaguear cuidadoso, capaz de “restituir as dimensões abstraídas”, define Flusser. Podemos entender com isto que fazem parte de tais dimensões os recursos técnicos utilizados pelo fotógrafo e seu desejo de interpretar a realidade (Camargo, 2004). No caso da fotografia de Severino Silva analisada por Denise Camargo, por exemplo, é o uso da teleobjetiva que achata a perspectiva, aproximando os planos da cena e confundindo a noção real do espaço para quem olha a fotografia³².

É como se precisássemos voltar para o que antecede a própria leitura para conseguir realizar a análise de uma imagem. É o olhar que nos conecta primeiramente ao mundo, antes mesmo de nos expressarmos pela fala ou pela escrita (Camargo, 2004). Segundo Walter Benjamin (2015), a fotografia foi o que nos libertou pela primeira vez do uso das mãos no processo de reprodução figurativa, transferindo tal tarefa exclusivamente aos olhos e, como estes apreendem “mais rápido do que a mão desenha, o processo de reprodução figurativa foi acelerado de modo tão intenso que agora ele podia acompanhar o ritmo da fala”³³. As imagens são signos que nos dão acesso ao mundo e as fotografias podem nos parecer um milagre capaz de fazer a realidade ser ela mesma (Camargo, 2004), mas analisá-las é exercício para além de suas primeiras e imediatas impressões. No caso das fotografias, tensões empurram as imagens que elas carregam para além de seus enquadramentos, gerando “sobre-significados ocultos e não intencionais”³⁴. Segundo Martins (2022), as fotografias inventam paisagens, cenários, pessoas, e mesmo a ideia do “Outro”³⁵. Para o autor, se “a fotografia

³¹ FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa-preta. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2011. p. 21

³² CAMARGO, Denise. O achatamento da perspectiva: leitura de uma imagem de morte e violência. *Studium*. Campinas, SP, n. 17, p. 66-74, 2019. p. 5

³³ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. 1ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2015. p. 43

³⁴ MARTINS, José de Souza. Sociologia da fotografia e da imagem. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2022. p. 152-153

³⁵ “Como diz Scherer, sintetizando análises de diferentes autores que trabalharam com o tema, a fotografia moldou e codificou estereótipos prévios, transformou o sujeito em objeto e, nas situações coloniais, categorizou, definiu, dominou e até inventou o Outro.” (Martins, 2022, p. 153).

aparentemente ‘congela’ um momento, sociologicamente, de fato, ‘descongela’ esse momento ao remetê-lo para a dimensão da história, da cultura e das relações sociais”³⁶.

Martins pontua também que as fotografias são, em certa medida, imagens de uma realidade social e compreender o que carregam exige de nós informações que estão fora delas. “É na tensão entre o *punctum*, como ponto de impacto visual, e a coadjuvação dos componentes complementares da imagem, residuais e imprecisos, que se pode fazer a leitura não só da imagem, mas do imaginado que a situa e define”³⁷. Reconhecer a imagem enquanto documento é, portanto, reconhecê-la como “documento do imaginário social, e não preponderantemente como documento da factualidade social”³⁸.

Mas ainda que as fotografias conttenham um imaginário social, elas nos aproximam daquilo que representam? Segundo Sontag (2004), elas também são instrumento de despersonalização da nossa relação com o mundo. A câmera fotográfica nos traz intimidade com o que nos é exótico e abstração com o que nos é familiar, oferecendo participação e alienação simultaneamente, diz a autora. Mesmo quando as fotografias nos mostram guerras, desastres e acidentes, a proximidade com a imagem supre mais nossa curiosidade do que nos convida a participar do evento ali representado:

Uma sociedade que torna normativo aspirar a nunca ter experiências de fracasso, privação, desgraça, dor, doenças terríveis, e em que a própria morte é vista não como natural e inevitável mas como uma calamidade cruel e merecida, cria uma tremenda curiosidade em torno desses fatos — curiosidade que é, em parte, satisfeita por meio da atividade de tirar fotos. A sensação de estar isento de calamidades estimula o interesse em olhar fotos dolorosas, e olhar para elas sugere e reforça o sentimento de estar a salvo. Em parte isso ocorre porque a pessoa está “aqui” e não “lá”, e em parte devido ao caráter de inevitabilidade que todos os fatos adquirem quando transmutados em imagens. No mundo real, algo *está* acontecendo e ninguém sabe o que *vai* acontecer. No mundo-imagem, aquilo *aconteceu* e sempre *acontecerá* daquela maneira. (2004, p. 183)

Nesse mundo-imagem do qual Sontag fala, em que estamos próximos e distantes do que as imagens nos mostram, mesmo quando falam de calamidades (algo próximo do que as fotografias analisadas nesta pesquisa abordam³⁹), podemos retomar, mais uma vez, o exemplo da fotografia de Severino Silva que Camargo (2004) analisa, em que um garoto parece jogar futebol com uma

³⁶ MARTINS, José de Souza. Sociologia da fotografia e da imagem. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2022. p. 65

³⁷ MARTINS, José de Souza. Sociologia da fotografia e da imagem. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2022. p. 173

³⁸ *Ibidem*, p. 174

³⁹ No artigo “Atravessamentos do tempo e do olhar na imagem jornalística de vidas precárias da ‘Cracolândia’ (SP)”, os autores utilizam do termo “vida precária”, conceituado por Judith Butler, e das ideias de biopoder e biopolítica de Michel Foucault para analisar fotografias feitas por portais de notícias da mídia paulista sobre a questão da “Cracolândia”. No artigo, os autores consideram representadas nas fotografias o sofrimento de indivíduos, a desconsideração das vidas precárias, dentre outros. (Martino; Amá; Marques, 2021)

cabeça humana desprendida de seu corpo, para pensarmos esta curiosidade mencionada por Sontag. Para Camargo, as imagens que procuram questionar a ideia de que a “violência é instituída”⁴⁰, utilizando dos recursos técnicos dos dispositivos fotográficos e das decisões do fotógrafo ao enquadrar o que observa, não tem a dor das pessoas em evidência, mas sim a curiosidade e a surpresa por verem uma nova cena de crime. Não há, na fotografia, espectadores, o que torna o espetáculo da cena incompleto, segundo a autora. A dor é “normal numa sociedade que tudo aposta na venda do produto violência”, então o que nos mobiliza ao observar a cena estaria mais no inusitado do que no choque que ela poderia nos fazer sentir⁴¹.

Se a dor pode parecer normal na cena capturada por Severino Silva, seria normal também quem a vê por meio de sua fotografia não ser mobilizado pela dor ou pelo choque, mas sim pela curiosidade? Para a cientista política Rosemary Segurado (2007), há um paradigma no campo da comunicação, que valoriza o entretenimento, em detrimento da alteridade no encontro com o outro, algo advindo dos processos culturais. Neste sentido, o capital se apropria da vida e isso se expressa na política, nos meios de comunicação, até mesmo no campo da arte:

Nessa perspectiva, observa-se que a estetização do sofrimento humano torna-se uma expressão artística extremamente valorizada nos templos das artes e também se faz presente no discurso político das democracias de plantão. Entre a denúncia e o esquecimento, a estetização não dá conta de exprimir a complexidade da vida, permanecendo apenas na sua superfície. (2007, p. 49)

Segundo Sontag (2003), uma fotografia que nos é aflitiva pode sim nos chocar. Mas o problema destas, diz a autora, é que elas não nos ajudam a compreender o que suas imagens representam. Narrativas podem nos ajudar a compreender algo, fotografias apenas nos perseguem. Parece que, se estamos próximos daquilo que as imagens representam, ainda que elas possam despersonalizar o mundo, uma fotografia aflitiva nos conecta a outros desejos também, mais do que nos incita a refletir sobre o que ali está representado:

Podemos nos sentir obrigados a olhar fotos que recordam graves crimes e crueldades. Deveríamos nos sentir obrigados a refletir sobre o que significa olhar tais fotos, sobre a capacidade de assimilar efetivamente aquilo que elas mostram. Nem todas as reações a tais fotos estão sob a supervisão da razão e da consciência. A maioria das imagens de corpos torturados e mutilados suscita, na verdade, um interesse lascivo (...). Todos sabem que não é a mera curiosidade que faz o trânsito de uma estrada ficar mais lento na passagem pelo local onde houve um acidente horrível. Para muitos, é também o desejo de ver algo horripilante. (Sontag, 2003, p. 41)

⁴⁰ CAMARGO, Denise. O achatamento da perspectiva: leitura de uma imagem de morte e violência. *Studium*. Campinas, SP, n. 17, p. 66-74, 2019. p. 5

⁴¹ *Ibidem*. p. 5

É possível buscar entendimento sobre nossas reações ao que vemos nas fotografias pela própria história e, como Benjamin a coloca, constantemente, atrelada à barbárie (2011). Para o autor, nunca existiu “monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura”⁴². Segundo o autor, uma nova forma de miséria surge durante a Primeira Guerra Mundial, experiência radicalmente desmoralizante, e cujo desenvolvimento da técnica acaba se sobrepondo à própria vida humana. Uma nova ruptura teria surgido neste momento:

Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? A horrível mixórdia de estilo e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorratamente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie. (2011, p. 115)

Esta nova barbárie, diz Benjamin (2011), tem algo de positivo, pois a desilusão radical também trouxe a possibilidade daqueles que buscam transformar esta pobreza em algo decente de seguirem em frente e começarem de novo, ainda que fosse eminente a possibilidade de novas guerras. É, principalmente, sobre as guerras e suas representações em fotografias que Susan Sontag (2003) se debruça em *Diante da dor dos outros*, décadas depois do que Benjamin escrevera. “Que fazer com um conhecimento como o que trazem as fotos de um sofrimento distante?” pergunta a autora⁴³. É possível que tenhamos certa satisfação ao pensarmos que aquele sofrimento não está acontecendo conosco, diz, mesmo quando este outro são pessoas com quem poderíamos nos identificar de alguma forma. Imagens de atrocidades são objetos de contemplação e podem nos tornar mais insensíveis, ou mais rígidos, ou nos obrigar “a reconhecer a existência do incorrigível”⁴⁴.

Rossana Reguillo (2003), professora e pesquisadora mexicana, entende o olhar como um espaço onde as tensões são permanentes e que ver imagens de “cenas limítrofes, que perturbam a vida cotidiana”, nos provoca uma luta entre o conhecimento sensível e o que bloqueamos como esvaziamento. Ao analisar imagens reveladas em 2004 pela rede norte-americana CBS, em que

⁴² BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 1ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2011. p. 225

⁴³ SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. 2ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 2003. p. 42

⁴⁴ *Ibidem*.

soldados estadunidenses eram vistos torturando prisioneiros iraquianos, Reguillo afirma ser a principal informação destes documentos fotográficos a cumplicidade entre o nosso olhar e a cena de casualidade grotesca. “Os corpos torturados estão a mercê dos torturadores, e este ou aquele acaba por ser a sobrinha ou a filha de alguém, ou o marido de um de ‘nós’”⁴⁵. O que ocorre quando olhamos fotografias como estas é um pacto de leitura, diz Reguillo, pois nos envolvemos na cena e, por conta disso, só podemos suportá-la se transformarmos o corpo torturado em anomalia, retirando dele sua humanidade.

Se nos chocam ou não, as fotografias gravam fragmentos da realidade ao congelarem gestos e paisagens, perpetuando um momento (Kossoy, 2012). A fotografia é, segundo Kossoy, “memória e com ela se confunde”, e “fonte inesgotável de informação e emoção”⁴⁶. Mas mesmo que sejamos capazes de chegar à realidade social que uma fotografia propôs documentar, essa sempre estará aquém do momento em que se fez (Martins, 2022). A realidade que a fotografia nos apresenta, diz Martins, é uma realidade mediada pelo olhar do fotógrafo, por seu lugar social, pelo que pensa e representa, e mediada pelo próprio equipamento fotográfico, que “racionaliza e tecnifica a produção da imagem”:

Com a fotografia, a sociedade passa a ver mais e a ver menos ao mesmo tempo, porque passa ver através da mediação de um instrumento técnico da sociedade racional e moderna. No entanto, eu não diria que a fotografia de interesse sociológico possa ser considerada híbrida combinação de ficção e realidade. O ilusório é sociologicamente mediação constitutiva do real. (2022, p. 66)

A câmera fotográfica trouxe à sociedade moderna uma consciência visual própria, diz Martins (2022). Ela amplia as possibilidades da consciência fantasiosa, ao mesmo tempo que nos é libertadora do mundo da razão e da técnica. Importante observar que esta consciência fantasiosa está baseada no que nos parece real e objetivo, por conta dos recursos técnicos fotográficos, mas também baseada na “representação de uma sociedade que oculta e domestica sob a razão e a

⁴⁵ Tradução a partir do original: “La información principal que nos dan estos documentos fotográficos es precisamente la de su efecto más sobrecogedor, el de la complicidad del ojo que mira y la ausencia de causalidad o, mejor, una causalidad que por absurda es grotesca: los cuerpos torturados están a merced del torturador y este o esta resulta ser la sobrina de alguien, la hija de alguien, el esposo de alguna de “nosotros”. Es decir, el estatuto de visibilidad propone un pacto de lectura: todos los presentes, aun los lectores de diarios o televidentes, estamos involucrados en la escena y solo es posible resistirla mediante el recurso de transformar al cuerpo torturado en una anomalía, suspendiendo cualquier posibilidad de conferir humanidad al cuerpo sometido”. (Reguillo, 2023, p. 8-9)

⁴⁶ KOSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. p. 168.

racionalização algumas de suas necessidades fundamentais de expressão, de emoção, de criação e de vivência”⁴⁷.

Olhar as fotografias com a expectativa de que possam nos trazer informações puras da sociedade ali representada seria um engano e perde-se muito se não forem consideradas as suas mediações e interveniências. Ainda segundo Martins (2022), há uma perda quando consideramos haver distinção entre fotografia documental e fotografia artística. São muitos os exemplos em que o documental está presente na fotografia artística, e que a fotografia documental tem dimensões artísticas. “A insistência nessa fratura limita e empobrece o campo da Sociologia Visual”, diz. Há de se considerar, também, que “o amadorismo fotográfico” é crescente enquanto fonte documental para a Sociologia e traz novas orientações e aperfeiçoamentos estéticos.

As coisas estão mesmo mudando. Durante o primeiro século de existência da fotografia, a arte era lida fundamentalmente através de um conceito fetichista e antitécnico (e a fotografia, conseqüentemente, era desconsiderada arte), alheio ao que poderia trazer seu próprio fim com a chegada das novas técnicas (Benjamin, 2011). Boa parte do que valoriza uma obra de arte segue sendo sua distinção entre o autêntico e o falso, sabemos, mas as mídias são capazes de abolir estas distinções ou, ao menos, modificarem tais sentidos (Sontag, 2004):

As mídias são essencialmente sem conteúdo (esta é a verdade por trás da célebre afirmação de Marshall McLuhan de que a mensagem é o próprio meio); seu tom característico é irônico, ou indiferente, ou parodístico. É inevitável que a arte esteja, cada vez mais, destinada a terminar como fotos. (2004, p. 165)

Pode-se pensar, a partir de tal afirmação, que as mídias não apenas são capazes de abolir a distinção entre o que é original e o que é falso, mas também interferir em outras camadas. Para Sontag (2004), a fotografia pode tanto se adaptar a ideia tradicional das belas-artes, em que fotógrafos produzem objetos específicos e com valores próprios, como também ser objeto que afirma estar a arte obsoleta. Confirmar estas ideias seria, assim, o poder da fotografia. As mídias, diz a autora, são democráticas, no sentido de permitirem que qualquer pessoa possa aprender suas técnicas e porque enfraquecem a ideia do autor e da originalidade.

Até aqui, vimos como uma fotografia pode alcançar reproduções técnicas infinitas (Benjamin, 2011, 2015), e que são documentos dignos de análises aprofundadas para compreendermos o imaginário social (Martins, 2022; Kossoy, 2012). Também vimos como

⁴⁷ MARTINS, José de Souza. Sociologia da fotografia e da imagem. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2022. p. 67

fotografias que abordam temas como violências e outras atrocidades fazem parte desse mesmo imaginário social que as imagens podem representar (Camargo, 2004; Sontag, 2003, 2004; Reguillo, 2023). Mas novas camadas precisam ser acrescentadas, a partir do que Sontag afirma sobre o potencial das mídias e o que José de Souza Martins alerta sobre o amadorismo fotográfico como importante parte da Sociologia Visual (2022).

A partir das reflexões apontadas na primeira parte deste capítulo, podemos dizer que esta pesquisa se propõe a uma leitura das fotografias que representam a “Cracolândia” na rede social *Twitter*. Mas, para que essa leitura seja possível, é preciso também apresentar não apenas as redes sociais *online*, o *Twitter* especificamente, mas também o que muda na fotografia quando esta é vista e reproduzida em telas.

1.2. Novas camadas: a fotografia vista por telas e redes

Quando Susan Sontag evoca a famosa frase de Marshal McLuhan (2007) de que os meios são a própria mensagem, a autora traz provocação que não se limita a entender a fotografia como mídia em si e sua potência em transformar o sentido de autenticidade de uma obra de arte, mas sim que um meio como a fotografia também está inserido em outros meios e esta é a própria força de seu conteúdo. Segundo McLuhan, os meios, assim como as máquinas e suas tecnologias, trazem consequências sociais e pessoais para a humanidade:

“Numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir e estilhaçar todas as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes, de ser um tanto chocante lembrar que, para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem. Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos. (...) porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas”. (2007, p. 21-22)

Para McLuhan, o conteúdo de um meio seria como “uma ‘bola’ de carne que o assaltante leva consigo para distrair o cão de guarda da mente”⁴⁸. Ao olhar, especificamente, para as fotografias, o autor afirma ser impossível compreendê-las sem antes se atentar para suas relações com outros meios, sejam estes anteriores ou posteriores a elas. Ainda lembra que James Joyce se

⁴⁸ MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 2007, 18a edição. p. 33

referia às fotografias como “escrita automática” e sabia que estas tinham efeitos em nossos sentidos, linguagem e processos mentais, considerando-as rivais e usurpadoras da palavra. Depois, diz McLuhan, foram as fotografias que prepararam o cinema para se tornar sinônimo de ilusão e fantasia, “substituindo o mundo correto da realidade pela realidade do carretel de películas”⁴⁹.

A imagem, portanto, se torna elemento de mediação constante entre nós e o mundo. Isto não significa que tal mediação não esteja carregada de novos elementos, capazes de interferir no entendimento individual daquilo que vemos:

No plano das técnicas, a imagem construída e escolhida por *outra pessoa* se tornou a principal ligação do indivíduo com o mundo que, antes, ele olhava por si mesmo, de cada lugar aonde pudesse ir. A partir de então, é evidente que a imagem será a sustentação de tudo, pois dentro de uma imagem é possível justapor sem contradição qualquer coisa. O fluxo de imagens carrega tudo; outra pessoa comanda a seu bel-prazer esse resumo simplificado do mundo sensível, escolhe aonde irá esse fluxo e também o ritmo do que deve aí manifestar-se, como perpétua surpresa arbitrária que não deixa nenhum tempo para a reflexão, tudo isso independente do que o espectador possa entender ou pensar (...). O discurso espetacular faz calar, além do que é propriamente secreto, tudo o que não lhe convém. O que ele mostra vem sempre isolado do ambiente, do passado, das intenções, das consequências. É, portanto, totalmente ilógico. (Debord, 1997, p. 188)

A ideia de controle por meio de uma cultura fragmentária é o que também sugere Susan Sontag, que vê a imagem como peça central deste processo:

Uma sociedade capitalista requer uma cultura com base em imagens. Precisa fornecer grande quantidade de entretenimento a fim de estimular o consumo e anestesiar as feridas de classe, de raça e de sexo (...). As faculdades geminadas da câmera, subjetivizar a realidade e objetificá-la, servem idealmente a essas necessidades e as reforçam. As câmeras definem a realidade de duas maneiras essenciais para o funcionamento de uma sociedade industrial avançada: como um espetáculo (para as massas) e como um objeto de vigilância (para os governantes). A produção de imagens também supre uma ideologia dominante. A mudança social é substituída por uma mudança em imagens. (2004, p. 195)

Diante da cultura fragmentada, McLuhan (2007) afirma ser a fotografia um “bordel sem paredes”, por ser um bem produzido em massa, capaz de estender e multiplicar a própria imagem humana em proporções mercadológicas. Enquanto estudioso dos meios, diz o autor, é preciso compreender a visão como tradução de um sentido para outro, sendo esta constatação uma útil indicação de que há distorção em qualquer forma de linguagem ou de cultura. “A distorção tendenciosa da vida de nossos sentidos por obra da tecnologia parece ser um fato que preferimos ignorar em nossas vidas diárias”⁵⁰.

⁴⁹ MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 2007, 18a edição. p. 219

⁵⁰ MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 2007, 18a edição. p. 217

Ignorar como a tecnologia opera é, de certa forma, ponto de partida para apresentar as ideias de Vilém Flusser (2011; 2012) sobre o que chama de “imagens técnicas” e os aparelhos que estão por trás delas, servindo como importantes conceitos utilizados nesta pesquisa. Para o autor, seria primordial o entendimento dos mecanismos dos aparelhos tecnológicos a fim de não vivermos simplesmente em função destes, e a fotografia seria peça-chave para este entendimento. Ao descrever o que chama de “caixa preta composta de caixas pretas”, ou seja, um complexo jogo de aparelhos que estariam se programando mutuamente e de forma automática, Flusser conclui que “nenhum homem pode mais controlar o jogo. E quem dele participar, longe de o controlar, será por ele controlado. A autonomia dos aparelhos levou à inversão de sua relação com os homens. Estes, sem exceção, funcionam em função dos aparelhos”⁵¹.

Tentar quebrar este ciclo passa por compreender a fotografia e o aparelho fotográfico, já que estes foram os primeiros a produzir as imagens técnicas e, por isso, nos servem de modelos para compreendermos todos os aparelhos que os sucederam. Em poucas palavras, uma imagem técnica é “imagem produzida por aparelhos. Aparelhos são produtos da técnica que, por sua vez, é texto científico aplicado. Imagens técnicas são, portanto, produtos indiretos de textos – o que lhes confere posição histórica e ontológica diferente das imagens tradicionais”⁵². As fotografias são, conseqüentemente, “imagens técnicas que transcodificam conceitos em superfícies. Decifrá-las é descobrir o que os conceitos significam”⁵³.

A diferença fundamental entre as imagens técnicas e as imagens tradicionais, diz o autor, está nas suas superfícies. As imagens tradicionais transformam os volumes daquilo que foi capturado em uma superfície; as imagens técnicas são as próprias superfícies construídas por pontos. As imagens técnicas, como toda imagem, “é também mágica e seu observador tende a projetar essa magia sobre o mundo”⁵⁴. Estas imagens exercem fascínio mágico sobre nós, palpável e constante. Cada vez mais vivenciamos e agimos em função do que estas imagens – e, conseqüentemente, sua magia – nos trazem. Seria urgente, então, sabermos que tipo de imagens são essas.

Mais uma vez, a relação entre imagens e escrita aparece como ponto a ser levantado. Um dos sintomas da revolução cultural que vivemos nas últimas décadas, afirma Flusser (2012), são as

⁵¹ FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa-preta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2011. p. 96

⁵² *Ibidem*. p. 29

⁵³ *Ibidem*. p. 64

⁵⁴ *Ibidem*. p. 32

imagens técnicas. Sejam elas apresentadas como fotografias, filmes, imagens de TV ou de computador, estas assumem o lugar anteriormente detido pelos textos de nos trazerem as informações. “Não mais vivenciamos, conhecemos e valorizamos o mundo graças a linhas escritas, mas agora graças a superfícies imaginadas. Como a estrutura da mediação influi sobre a mensagem, há mutação na nossa vivência”⁵⁵. Segundo Flusser (2011), as imagens técnicas têm como função “emancipar a sociedade da necessidade de pensar conceitualmente”⁵⁶. Neste processo, estaríamos substituindo nossa capacidade conceitual por uma nova capacidade imaginativa:

A hipótese aqui defendida é esta: a invenção do aparelho fotográfico é o ponto a partir do qual a existência humana vai abandonando a estrutura do deslizamento linear, próprio dos textos, para assumir a estrutura de saltar quântico, próprio dos aparelhos. O aparelho fotográfico, enquanto protótipo, é o patriarca em todos os seus aspectos, desde os gestos exteriorizados ao mais íntimo dos pensamentos, desejos e sentimentos. (2011, p. 94)

Esse novo nível de consciência que produz as tecno-imagens precisa que seu receptor o compreenda. “A recepção das imagens técnicas exige de nós consciência que resista ao fascínio mágico que delas emana e ao comportamento mágico-ritual que provocam”⁵⁷. Quando produzimos uma imagem técnica, produzimos uma imagem por meio de cálculo oculto realizado por máquina, e cujo resultado se mostra através de superfície de pontos em telas. Decifrar tais imagens é, portanto, compreender que elas apenas pretendem significar o mesmo que as imagens tradicionais, ou seja, que estariam apenas revelando o que seu produtor diz.

As imagens técnicas estão no campo das virtualidades. Não são matéria, mas sim algo surgido de elementos pontuais. Com isso, Flusser (2012) conclui que o universo emergente é a própria virtualidade e, conseqüentemente, “também somos feitos de virtualidade”⁵⁸. Neste cenário, o objeto fotográfico perde seu valor e são as fotografias que estariam nos manipulando, reprimindo nossa consciência histórica e desviando nosso pensamento crítico sobre a própria produção destas por meio de aparelhos tecnológicos. “Assim, as fotografias vão formando círculo mágico em torno da sociedade, o universo das fotografias. Contemplar tal universo visando quebrar o círculo seria emancipar a sociedade do absurdo”⁵⁹.

Nesse novo universo das tecno-imagens, afirma Flusser (2011), a fotografia enquanto objeto perde seu valor, e o que fica de mais relevante é sua informação, ainda que tal informação

⁵⁵ FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa-preta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2011. p. 15

⁵⁶ *Ibidem*. p. 33

⁵⁷ FLUSSER, Vilém. *O universo das imagens técnicas*. 1a edição. São Paulo: Annablume, 2012. p. 37

⁵⁸ *Ibidem*. p. 29

⁵⁹ FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa-preta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2011. p. 85

não seja sobre a imagem ali representada, mas sim o funcionamento técnico que forma esta imagem. Se pensarmos no que Sontag (2004) diz sobre nossa distância com aquilo que vemos nas fotografias e a possibilidade de ficarmos mais curiosos do que chocados quando vemos imagens que representam violências (Camargo, 2004), estaríamos ainda mais distantes quando as vemos projetadas por pontos em telas? “Pois imagens fotográficas tendem a subtrair o sentimento de algo que experimentamos em primeira mão, e os sentimentos que elas despertam, em larga medida, não são os mesmos que temos na vida real”, ainda que muitas vezes “algo nos perturba mais em forma de fotografia do que quando o experimentamos de fato”⁶⁰. A autora parte de um relato pessoal para tal afirmação, comparando a experiência de ter acompanhado, em Xangai, uma grave cirurgia de perto, que durou três horas, com assistir num cinema de Paris a representação de outro procedimento cirúrgico. Para ela, estar presente, paramentada e entre profissionais atarefados durante o procedimento, a transformaram em “adulto inibido, visitante cortês, testemunha respeitosa”. Já a cirurgia no cinema “exclui não só essa participação modesta como tudo que pode haver de ativo em presenciar”. No cinema, o diretor “já escolheu de antemão que partes da cirurgia eu posso ver; a câmera olha por mim – e me obriga a olhar, deixando a mim, como única opção, não olhar”⁶¹, conclui.

McLuhan (2007) afirma existirem meios quentes e frios⁶² e coloca fotografia e televisão como meios praticamente opostos. A fotografia, para o autor, é exemplo de meio quente por ser visualmente de “alta definição”, enquanto a televisão é meio frio justamente por projetar imagens em telas formadas por pontos luminosos. Segundo ele, o espectador da televisão é a própria tela, bombardeado por impulsos luminosos que, vale ressaltar, nunca estão parados: “três milhões de pontos por segundo formam a imagem-chuveiro que o telespectador recebe. Desses, ele capta algumas poucas dúzias, com as quais forma uma imagem”⁶³.

O que podemos dizer, então, sobre a forma como vemos fotografias na atualidade? De 1964, quando McLuhan publica originalmente estes conceitos, para a atualidade, as telas ganharam novas camadas, seja no aperfeiçoamento de suas superfícies ou no seu uso, em aparelhos celulares,

⁶⁰ SONTAG, Susan. Sobre fotografia. 1ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 2004. p. 184

⁶¹ *Ibidem*. p. 185

⁶² Segundo McLuhan, os meios quentes são aqueles cujas informações nos chegam em “alta definição”, ou seja, “não deixam muita coisa a ser preenchida ou completada pela audiência” (McLuhan, 2007, p. 38). O oposto acontece quando se trata de um meio frio, em que a quantidade baixa de informação que nos é fornecida deixam muito a ser preenchido por nós mesmos. Exemplo disso, segundo McLuhan, é a caricatura e o desenho animado pois, diferentemente das fotografias, nos fornecem pouca informação visual daquilo que representam.

⁶³ *Ibidem*. p. 351

computadores e demais dispositivos. Nesse meio de tempo, Flusser (2012) já indicava estarmos redefinindo a nossa própria imaginação por meio das novas tecnologias:

As gerações anteriores não podiam sequer imaginar o que o termo “imaginar” significa; que estamos vivendo em mundo imaginário, no mundo das fotografias, dos filmes, do vídeo, de hologramas, mundo radicalmente inimaginável para as gerações precedentes; que esta nossa imaginação ao quadrado (“imaginação²”), essa nossa capacidade de olhar o universo pontual de distância superficial a fim de torná-lo concreto, é emergência de nível de consciência novo. Elogio da superficialidade. (2012, p. 55)

Do mundo-imagem de Sontag (2004), em que ainda estamos e sempre estivemos permeados de imagens, para o mundo imaginário de Flusser, parece mesmo que a fotografia nos distancia do real. O universo fotográfico descrito pelo autor não é apenas a representação, mas “estar” nele, “viver” ele e, principalmente, “agir em função” de fotografias, ou seja, é existir num “mundo-mosaico” em que “*conhecer* passa a ser elaborar colagens fotográficas para se ter ‘visão de mundo’”⁶⁴. Flusser nos aproxima do que experimentamos atualmente com as redes sociais *online*, os *smartphones* e as demais ferramentas novas⁶⁵, se pensarmos que nelas as imagens técnicas se reproduzem com capacidade, agilidade e forma muito além daquela pensada por Benjamin (2015).

As redes sociais *online*, ainda que não totalmente, tem mudado a forma como vemos as coisas. Rossana Reguillo (2023) entende estas redes como parte essencial de uma reconfiguração da internet e das nossas sociabilidades, inclusive mudando nossa compreensão do espaço público:

O conhecimento é cada vez mais produzido online, na conjugação de saberes que advêm de diferentes áreas, da investigação e divulgação de projetos que assentam em formas de experimentação e aprendizagem colaborativa através de diferentes ferramentas tecnológicas. Entre 2007 e 2009 surgiram o MySpace, o Facebook, o Twitter, que revolucionaram o que hoje entendemos como espaço público, o que entendemos como interação, o que entendemos como comunicação e, principalmente – no meu caso –, a forma de abordar as diferentes formas de produzir conhecimento (2023, p. 16)⁶⁶

⁶⁴ FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa-preta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2011. p. 93

⁶⁵ Segundo o filósofo Byung-Chul Han, temos atualmente relação obsessiva com tais aparatos: “Dos smartphones, que prometem mais liberdade, parte uma coação fatal, a saber, uma coação da comunicação. Com isso se tem uma relação quase obsessiva, compulsória com o aparato digital. *Também aqui a liberdade se inverte em coação*. As redes sociais fortalecem enormemente essa pressão de comunicação. Ela resulta, em última instância, da lógica do capital. Mais comunicação significa mais capital. A circulação acelerada de comunicação e informação leva à circulação acelerada de capital” (HAN, 2018, p. 41). Tal afirmação específica para a situação das redes sociais *online* o que já era percebido por Karl Marx e Friederich Engels quando diziam a célebre frase de que “tudo que é sólido se desmancha no ar” (2001).

⁶⁶ Tradução a partir do original: “El conocimiento se produce cada vez más en red, en la combinación de saberes que provienen de campos distintos, a partir de la investigación y difusión de proyectos que se fundamentan en formas de experimentación y aprendizaje colaborativo a través de distintas herramientas tecnológicas. La irrupción de las redes sociales ha sido fundamental para la reconfiguración de internet y los modos de socialidad. Entre 2007 y 2009 aparecieron MySpace, Facebook, Twitter, que revolucionaron lo que entendemos hoy por espacio público, lo que entendemos por interacción, lo que entendemos por comunicación y, especialmente – en mi caso –, la manera de acercarnos a formas distintas de producir conocimiento.”

Se as redes sociais *online* modificam nosso entendimento sobre a comunicação, pode-se pressupor que as imagens que nela circulam também fazem parte deste processo, não apenas pelo seu caráter representativo e informativo, mas também pela forma como a própria dinâmica das redes opera sobre elas. O professor e pesquisador Wagner Souza e Silva (2015), ao analisar as mudanças na maneira como vemos fotografias atualmente, nota uma descentralização na distribuição dessas imagens com o surgimento e popularização das redes e demais canais:

Até recentemente, tais narrativas tecnoimagéticas eram preponderantemente definidas por uma indústria cultural estruturada e centralizada em grandes produtores, os quais detinham os domínios tecnológicos de produção e transmissão. Com a ascensão de novos canais de distribuição, tal como vemos ocorrer a partir de nichos específicos na web, como Youtube, Vimeo, Instagram e afins, vem sendo possível observar uma desarticulação e descentralização de tal modelo comunicacional baseado num centro irradiador de informação, sustentado por uma lógica que levava em conta um receptor passivo. O contexto da comunicação passa agora também a lidar com consumidores-produtores de conteúdo, o que vem renegociando as formas com que as imagens circulam no âmbito da manutenção do imaginário social. (2015, p. 331)

Em poucas palavras, podemos afirmar que, nas redes sociais *online*, não somos apenas receptores do que grandes produtores nos transmitem por seus canais de compartilhamento de informação. Nós também produzimos conteúdos e, com isso, também estamos contribuindo para a representação da realidade que as imagens nas redes acabam por formar. Compreender esta dinâmica também passa pelas modificações do suporte das imagens ou, como Silva afirma, a “desmaterialização da imagem fotográfica produzida pelo numérico revelou o peso material antes presente na lógica de produção das fotografias”⁶⁷. O papel e outros suportes continuam sendo meios para as fotografias, principalmente nas artes, e tais suportes sempre trouxeram às fotografias uma forma específica e determinada de lhe conferir valor, qualidade e estética, inclusive usando disto para diferenciar fotografias amadoras de profissionais. Mas a materialidade da fotografia, assim como suas distinções e valores, vem perdendo seu espaço para as novas tecnologias digitais, ou seja, “o interfaceamento agora se transfere ao universo da tela, esteja ela nas câmeras, nos *smartphones* ou nos computadores”⁶⁸.

Neste universo de telas, é importante lembrarmos que as imagens ganham novos contornos, podendo redefinir o significado do que é “imaginar” e, com isso, modificarem nossa percepção do

⁶⁷ SILVA, Wagner Souza e. Considerações sobre a presença do fotojornalismo no Instagram. Triáde: comunicação, cultura e mídia. Sorocaba, SP, v. 3, n. 6, p. 108-123, dez. 2015. p. 332

⁶⁸ *Ibidem*, p. 332

que por elas é representado⁶⁹. Mesmo antes do surgimento das redes sociais *online*, Sontag (2003) afirmava que, na era dos “cibermodelos”, são as imagens que representamos em nossas mentes que nos ajudam a recordar, mas essa forma de nos lembrarmos das coisas ofusca outras maneiras de as compreendermos. “O problema não é que as pessoas lembrem por meio de fotos, mas que só se lembrem das fotos”⁷⁰. Para Flusser (2012), é uma nova “verdade” o que vivemos com as imagens técnicas, cuja desinformação “pode ser calculada com probabilidade tão grande que tal desinformação definitiva pode ser tida por informação ‘verdadeira’”⁷¹. Na atualidade, as fotografias passam a circular por aplicativos (como as redes sociais *online*) que cada vez mais intervêm na forma como as vemos, sempre mediadas por telas (Silva, 2015).

Mas o universo de telas que Silva (2015) descreve não se resume a afetar apenas a nossa percepção das fotografias. É próprio dos sistemas de comunicação a produção e a disseminação de informações, imagens e estéticas de forma contínua e substituível, algo que impulsiona o capital, cada vez mais intervindo nas subjetividades dos indivíduos (Segurado, 2007). Segundo Segurado (2011), a maneira como a Internet vem se estruturando, desde os anos 1990, sugere uma comunicação livre – ao menos em tese, permitindo que qualquer usuário crie e publique conteúdo sem qualquer tipo de autorização, pública ou privada. Tal “liberdade” também se traduz, segundo a autora, em transformações significativas nas nossas relações sociais e políticas. Em pouco tempo incorporamos ferramentas digitais nas nossas vidas, inclusive no que diz respeito às conexões entre pessoas e grupos e à produção de informações e de conhecimento. Mais recentemente, as redes sociais passam a fazer parte deste contexto, como a autora já indicava em 2011 e Castells em *A sociedade em rede* (2013), e potencializam também a mudança na forma como a comunicação se estabelece:

A interatividade é uma das características que mais diferenciam a Internet dos outros meios de comunicação. Enquanto os meios de comunicação tradicionais se baseiam no paradigma clássico da relação unidirecional entre emissor e receptor, com possibilidades limitadas de interação, a rede se notabiliza pela diversificação de ferramentas comunicacionais. O aspecto multidirecional proporcionado pela rede redimensiona as tradicionais formas de comunicações permitindo fóruns de discussão, cujo uso crescente

⁶⁹ “Redefinamos ‘imaginar’ no significado aqui pretendido: imaginar é fazer com que aparelhos munidos de teclas computem os elementos pontuais do universo para formarem imagens e destarte, permitirem que vivamos e ajamos concretamente em mundo tornado impalpável, inconcebível e inimaginável por abstração desvairada. A definição visa captar a situação na qual estamos; captar o clima espectral do nosso mundo; mostrar como tendemos atualmente a desprezar toda ‘explicação profunda’ e a preferir ‘superficialidade empolgante’; mostrar o quanto critérios históricos do tipo ‘verdadeiro e falso’, ‘dado e feito’, ‘autêntico e artificial’, ‘real e aparente’, não se aplicam mais ao nosso mundo”. (Flusser, 2012, p. 60)

⁷⁰ SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. 2a edição. São Paulo: Cia das Letras, 2003, p. 38

⁷¹ FLUSSER, Vilém. O universo das imagens técnicas. 1a edição. São Paulo: Annablume, 2012. p. 30

proporciona a potencialização de redes sociais. Ferramentas como *blogs, sites, orkut, twitter*, são exemplos concretos da dinamização das formas de comunicação entre indivíduos e entre coletivos. (Segurado, 2011, p. 59)

Passado pouco mais de uma década do que Segurado aponta, as redes sociais *online* ganharam proporções ainda maiores. Segundo relatório divulgado pelo Insper – Instituto de Ensino e Pesquisa⁷², mais da metade da população mundial já acessa regularmente a internet, sendo uma média de sete horas por dia o tempo que o indivíduo permanece conectado. O Brasil é o terceiro país no mundo a ficar mais tempo conectado, com média superior de mais de dez horas diárias. O mesmo relatório aponta que passamos cerca de um terço deste tempo nas redes sociais *online*. Estas, diz o relatório, ganharam 424 milhões de novos usuários no mundo todo somente em 2022, totalizando 4,6 bilhões de pessoas. Neste mesmo ano, o *Twitter*, rede social que esta pesquisa analisa especificamente, totalizava 436 milhões de usuários. O Brasil é o quarto país com maior número de usuários desta rede social no mundo, com quase 20 milhões de brasileiros conectados no início de 2022⁷³. É relevante apontar também que as operadoras de celular oferecem planos com valores populares e uso livre de algumas das principais redes sociais *online*, como o *Facebook*, o *Whatsapp*, o *Instagram* e o *Twitter*, o que facilita a penetração destas plataformas nas nossas formas de comunicação, interação e informação.

Lançado em 2006, o *Twitter* sempre teve como base em seu formato a ideia de que as publicações de um perfil podem ser vistas potencialmente por todos os demais usuários, não apenas amigos. A plataforma possui recursos como o *retweet*, ferramenta que aumenta ainda mais esta possibilidade, já que um usuário pode replicar a publicação de outro em seu próprio perfil, aumentando assim o número de usuários que também podem acessar tal conteúdo. É, essencialmente, uma rede social *online* que desde o princípio se entende enquanto plataforma de publicação de conteúdo, e não uma plataforma voltada para as relações pessoais⁷⁴. Durante seus primeiros anos, o *Twitter* era essencialmente uma rede social que priorizava o textual, e somente

⁷² Disponível em: <https://www.insper.edu.br/noticias/mundo-se-aproxima-da-marca-de-5-bilhoes-de-usuarios-de-internet-63-da-populacao/> (acesso em 01/03/2023). O relatório completo pode ser acessado em <https://datareportal.com/reports/digital-2022-global-overview-report>.

⁷³ Dado obtido pelo acesso à reportagem do jornal Valor Econômico, disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/internacional-e-commodities/noticia/2022/04/25/brasil-tem-a-quarta-maior-base-de-usuarios-do-twitter-no-mundo.ghtml> (acesso em 01/03/2023). Os dados utilizados na reportagem são da empresa Statista, disponíveis em: <https://www.statista.com/topics/1164/social-networks/> (acesso em 01/03/2023).

⁷⁴ A definição aqui exposta é baseada na reportagem “The age of social media is ending”, disponível em: <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2022/11/twitter-facebook-social-media-decline/672074/> (acesso em 11/11/2022).

em 2010 as fotografias publicadas pelos usuários passaram a serem visualizadas diretamente nas publicações, tornando, com isso, o acesso às imagens mais dinâmico e imediato⁷⁵.

Apesar de o *Twitter* dinamizar a forma como as publicações são distribuídas, isto não significa que a plataforma, assim como as demais, busque com isso priorizar o máximo alcance de todas as publicações. Na prática, o que um usuário publica e vê publicado por outros passa pela interferência das próprias redes, feita por meio de algoritmos programados para executar a tarefa. Esta interferência tem como principal intuito direcionar aos seus usuários conteúdos que possam ser de seu interesse, em especial aqueles que são patrocinados. Segundo o cientista político Sérgio Amadeu da Silveira (2019), tal prática gera “opacidade” nas redes, e tem implicações políticas e sociais:

No cenário crescentemente dominado pelas plataformas digitais e seus algoritmos surge uma outra exigência democrática. Tão importante quanto a liberdade de expressão é a liberdade de visualização. Todas as pessoas têm o direito de ver, ler e ouvir conteúdos políticos sem que sejam filtrados por algoritmos cujos critérios e parâmetros de operação são ocultados ou ofuscados pelas plataformas onde ocorrem os debates públicos. (2019, p. 94)

São dois os argumentos que se contrapõem à liberdade para visualizar conteúdos nas redes, afirma Silveira. Dado o volume de conteúdo publicado, seria impossível que um usuário recebesse o material de importância política completo em seu perfil, e em segundo lugar o que foi mencionado anteriormente, de que os algoritmos entregam aos usuários o conteúdo que realmente os interessa. O resultado de tal combinação é:

As duas objeções à liberdade de visualização de conteúdos reduzem drasticamente o encontro dos viventes com o inusitado, o improvável, o imprevisível, o aleatório, o inesperado, o oposto, o irritante, o diferente, enfim com o acontecimento súbito e não estandardizado, pois os algoritmos mediadores distribuem as notícias e opiniões conforme o padrão necessário para satisfazer cada pessoa ou “melhorar sua experiência”. (2019, p. 94)

De certa forma, o que Silveira percebe nesta nova realidade é o que Debord (1997) já anunciava, décadas antes do surgimento das redes sociais *online* e seus novos mecanismos de consequências políticas para a nossa comunicação:

Se às vezes uma espécie de desinformação desordenada ameaça surgir – a serviço de alguns interesses particulares em conflito passageiro – e também receber crédito,

⁷⁵ Disponível em: <https://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2010/09/14/novo-twitter-vai-permitir-visualizacao-de-fotos-e-videos-na-rede-social.jhtm#:~:text=%27Novo%20Twitter%27%20vai%20permitir%20visualização,2010%20%2D%20UOL%20Tecnologia%20%2D%20Da%20Redação> (Acesso em 10/03/2023).

tornando-se incontrolável e opondo-se assim ao trabalho de conjunto de uma desinformação menos irresponsável, não se trata de temer que nessa se encontrem envolvidos outros manipuladores mais experimentados ou mais sutis: é simplesmente porque a desinformação se desenvolve agora *num mundo onde já não há espaço para nenhuma verificação*. (1997, p. 204)

Ainda que Silveira esteja atento às questões de ordem política num sentido estrito, pode-se concluir que tais considerações se aplicam também aos demais conteúdos compartilhados nas redes sociais *online* e, vale dizer, às imagens que nelas circulam. Segundo o pesquisador Fabio La Rocca (2016), há uma tendência de fusão entre os espaços urbanos e o espaço digital, em especial nas redes sociais *online*. Os diversos dispositivos tecnológicos à nossa disposição transformam a nós mesmos em suportes de informações. “Isso quer dizer que o corpo se torna uma extensão das diferentes tecnologias que nos acompanham no quotidiano e fazem circular, assim, na velocidade do espaço, informações, imagens, mensagens”⁷⁶.

Definitivamente, estamos conectados por meio da internet e, conseqüentemente, por telas e em boa parte por redes sociais *online*. Segundo Reguillo (2023), vivemos “tecno-acelerações” implacáveis nos últimos anos, capazes de redefinir praticamente todas as dimensões da vida social. É um “mundo-vida cada vez mais conectado”, diz a autora, que gera enormidade de dados sobre nossas localidades, regiões e, apesar de não resolverem nossos problemas sociais, criam condições e possibilidades para o fazermos. Neste contexto, Reguillo volta a Benjamin para pensar as imagens: resta saber se elas podem de fato transformar por meio do sensível, interesse principal de Benjamin quando estudava a relação que se estabelece entre a estética e a técnica. Há de se perguntar “se a peça-testemunho pode produzir reflexão sobre o que poderes governamentais silenciam ou invisibilizam, e o que os poderes midiáticos reduzem a estatísticas”⁷⁷.

Mas Benjamin (2015), como mencionado anteriormente, considerava a disputa entre a pintura e a fotografia do século XIX, que suscitava questionamento quanto ao valor artístico destas, uma brincadeira perto do que estava por vir com o surgimento do filme. Este, segundo o autor, se tornava obra de arte a partir de sua montagem, uma montagem “da qual cada parte constituinte singular é a reprodução de um evento que não é uma obra de arte em si, nem gera uma por meio de

⁷⁶ LA ROCCA, Fabio. Territórios híbridos: conectividade e experiências comunicativas tecnometropolitanas. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, vol. 23, núm. 3, set/dez/ 2016. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. p. 5

⁷⁷ Tradução a partir do original: “La pregunta que debe formularse es si esta pieza-testigo puede operar una transformación en el sensorium, esa sensibilidad tecnosocial que interesara a Walter Benjamin para estudiar la relación entre la técnica y la estética. Esto es, si la pieza-testigo puede producir reflexividad sobre aquello que los poderes gubernamentales callan o invisibilizan y que los poderes mediáticos reducen a estadísticas” (2023, p. 14).

sua fotografia”⁷⁸. O que diria Benjamin diante das imagens técnicas publicadas no mundo conectado?

“Os produtores de imagens técnicas tateiam. Condensam, nas pontas dos seus dedos imagens”⁷⁹, nos lembra Flusser (2012). “Tais imagens não são superfícies efetivas. São imagens imaginadas”⁸⁰. As imagens técnicas têm grande permeabilidade no nosso cotidiano, fazendo com que seja impossível distanciar sujeitos de máquinas na atualidade (Silva, Lopes; 2019). Não estamos mais apenas produzindo representações do mundo concreto, mas sim concretizando imagens que refletem uma subjetividade:

Com as imagens técnicas circulando pelas telas, passamos a reconhecer a imaginação como um processo de projeção e extroversão. Uma fotografia, ainda que seja um objeto (superfície) fruto de outro objeto (a câmera), e apesar de operar a partir de possibilidades programadas (tal como nos alerta Flusser), é um acontecimento investido de subjetividades projetadas. Não somente no caso dos retratos, autorretratos e selfies – em que a personificação é imediatamente objetificada, mas também nas imagens diversas produzidas a partir do gesto de fotografar: da captura de cenas do mundo passamos à construção de mundos encenados que reforçam a fotografia e a imagem técnica em geral (do vídeo, cinema e imagens de síntese) como um fundamental mecanismo mediador entre nossas identidades e círculos sociais. (2019, p. 229)

“A conectividade tecnológica será um sintoma da construção das identidades sociais e o fluxo de imagens, um entrelaçamento dinâmico para referir-se a diversos territórios existenciais do mundo social e também ao habitat digital que é a tela”⁸¹, afirma La Rocca (2014). Para o pesquisador, é inegável a importância das telas enquanto extensões permanentes de nossos corpos, pois estas estabelecem relação constante entre nós e o mundo, através de processo de identificação capaz de transformar a maneira como vemos o cotidiano; as telas não são meros dispositivos tecnológicos, são dispositivos óticos que definem a maneira como estamos no mundo e nos relacionamos com o real⁸².

Neste primeiro capítulo, vimos como a fotografia, por ser reproduzível tecnicamente, rompeu com conceitos estabelecidos de valorização da produção de imagens na qualidade de obras de arte e como tal reprodutibilidade técnica abriu novas perspectivas para a representação do real

⁷⁸ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. 1ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2015. p. 55

⁷⁹ FLUSSER, Vilém. O universo das imagens técnicas. 1a edição. São Paulo: Annablume, 2012. p. 49

⁸⁰ *Ibidem*. p. 49

⁸¹ LA ROCCA, Fábio. A reprodutibilidade tecnológica da imagem. Tessituras, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 114-128, jul./dez. 2014. p. 14

⁸² LA ROCCA, Fabio. A mutação visual do mundo social. Revista Lusófona de Estudos Culturais, vol. 3, núm. 2, 2017, pp. 25-31. p. 30

por meio deste tipo de imagem. Vimos também que a fotografia é documento de relevância, tanto para estudo histórico quanto social, com atenção especial às fotografias que nos colocam diante de atrocidades, violências, que nos são aflitivas. A fotografia que Benjamin analisara nas primeiras décadas do século XX ganhou ainda mais camadas: são imagens técnicas, reproduzidas por pontos luminosos em telas; superfícies por onde as imagens passam não são objetos fotográficos. Por último, foi necessária a contextualização destas fotografias e suas reproduções na atualidade, onde nos comunicamos e nos informamos por meio de telas ainda mais sofisticadas, onde sua reprodutibilidade técnica é ainda mais veloz, e cujas conectividades rápidas e de grandes alcances, como as que acontecem nas redes sociais *online*, interferem na nossa percepção do real.

Tais ideias são fundamentais para nos situarmos diante das fotografias que esta pesquisa se dispõe a ler. No capítulo seguinte, propomos um olhar sobre a “Cracolândia” como espaço social da capital paulista. Ainda que repleta de particularidades, a “Cracolândia” é parte da trama social da cidade como um todo. A partir destas colocações, retomaremos o entendimento sobre as fotografias que a representam e o potencial destas quando vistas no *Twitter*, além da apresentação das categorias de análise propostas por esta pesquisa, cujo propósito é o de orientar nosso olhar diante das imagens coletadas. Em suma, o segundo capítulo é uma proposta para estabelecer conversa entre os espaços político-social e o das redes sociais *online*. Como vimos até aqui, são mundos que conversam entre si, cada vez mais atrelados ao nosso cotidiano e às nossas percepções.

A redemocratização não estará completa enquanto todos não forem considerados igualmente cidadãos, seja qual for o lugar em que se encontrem. (Milton Santos)

SEGUNDO CAPÍTULO: TERRITÓRIO VIVO, EM DISPUTA

Figura 3 – *Tweet* com fotografias que mostram a Praça Princesa Isabel antes e depois da principal ação da operação “Caronte”



Fonte: Reprodução/*Twitter*, 2023⁸³.

2.1. Uma visão da “Cracolândia”

Em visita ao Brasil, em 2017, o neurocientista norte-americano Carl Hart, referência em pesquisas sobre uso de drogas e dependência química, fez ressalva quando questionado sobre o termo “Cracolândia”: “O que está acontecendo na ‘Cracolândia’? Pode haver o uso de crack, mas são tantas outras coisas acontecendo ali, e que precisam da atenção do público”⁸⁴. Segundo Hart,

⁸³ Disponível em: <https://twitter.com/jomeloescritora/status/1525082055159291909>. Acesso em 20/09/2023.

⁸⁴ Trecho de entrevista ao médico Drauzio Varella. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wAWLQmdVLIQ>. Acesso em 15/07/2023.

fazem parte da mesma situação: o processo de exclusão de parcela da população; o consumo de outras drogas; a identificação e organização próprias de um conjunto de pessoas que circulam em torno do que é visto como o único foco daquele cenário, na maioria das vezes. Neste capítulo, faremos breve contextualização da “Cracolândia” da capital paulista, já que esta pesquisa procura identificar como esta realidade social está representada na rede social *Twitter* por meio de fotografias e parte do princípio de que estas não necessariamente encurtam a distância entre o que elas revelam e quem as observa. É preciso, também, interpretar a “Cracolândia”, pois seus significados são múltiplos, de consequências políticas em disputa por interesses antagônicos, seja sobre o próprio território do centro da capital ou pela população que compõe o “fluxo”, o consumo e o tráfico de drogas, a segurança pública e a vulnerabilidade social.

Vimos anteriormente que, segundo reportagem do portal Uol, o termo “Cracolândia” surge em 1995, em reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*. Ao associar o que acontece na região com um famoso parque de diversões, é possível entender que o choque inicial é quanto à permissividade de se ter venda e consumo de drogas em espaço público. Mas, como Hart menciona, o que chamamos de “Cracolândia” não envolve apenas o consumo de uma droga acessível, barata e facilmente consumida⁸⁵, mas sim uma situação de pobreza e exclusão com muitos desdobramentos. A fim de nos situar nesta realidade complexa e de nos entendermos implicados nela, emprestamos as colocações do geógrafo Milton Santos (1978) sobre o espaço enquanto território geográfico habitado e, portanto, de múltiplas implicações:

O espaço, por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais. (1978, p. 171)

O espaço é também influenciado pelo tempo. Se a sociedade se movimenta no espaço, este reflete seus processos, sua evolução no tempo. Ele é resultado de conexões entre nós, a sociedade, e a paisagem, ambas em constante mudança (Santos, 1978). Se o espaço é o território habitado, então o habitar traz consigo disputas sociais e desigualdades:

Dessa maneira instrumentalizado, o território é causa de maior desigualdade entre firmas, instituições e sobretudo entre os homens. Em lugar de se tornar o desejado instrumento de igualdade individual e de fortalecimento da cidadania, o território manterá o seu papel atualmente perverso, não apenas alojando, mas na verdade criando cidadãos desiguais,

⁸⁵ Em outro trecho da entrevista aqui citada, Hart e Drauzio Varella comentam sobre a queda no número de contaminações de HIV e Hepatites com o surgimento do crack. Por ser droga inalada e de efeito similar ao da cocaína e heroína, além de mais barata, o consumo do crack diminui o uso de seringas entre usuários: <https://www.youtube.com/watch?v=zb6sRUNr6Jw>. Acesso em 15/07/2023.

não apenas pelo seu lugar na produção, mas também em função do lugar onde vivem. (2002a, p. 134)

Compreender a “Cracolândia” é, portanto, também entender a história da região onde ela se encontra, quais são as tensões sociais ali presentes e, principalmente, que sua realidade é reflexo de práxis coletiva – ou seja, que implica a todos nós e, conseqüentemente, quem a observa em fotografias como as aqui analisadas – e reproduzida de nossas relações com o próprio território.

A “Cracolândia” está situada na região da Luz, mais precisamente nos Campos Elíseos, bairro da região central da capital cuja história e boa parte de suas construções mais antigas remontam a época do café. Ainda no século XIX, foi um dos primeiros bairros de loteamento organizado da capital, feito pelo suíço Frederico Gleite e o alemão Victor Nothman, cujos nomes estão homenageados em duas de suas principais alamedas⁸⁶. O bairro atrai uma elite cafeeira neste período, consequência da inauguração da Estação da Luz, em 1867, que ligava o centro da capital com o porto de Santos (Arruda, 2014). Um século depois, em 1961, e próxima da estação ferroviária, era inaugurada a estação rodoviária da Luz. Com capacidade para mais de dois mil ônibus ao dia, a estação foi, ao mesmo tempo, símbolo do desenvolvimento da cidade e da decadência do bairro onde foi instalada, sendo desativada apenas 20 anos depois de sua inauguração, quando o Terminal Rodoviário Tietê foi inaugurado, em 1982. Com o fluxo crescente de habitantes e transportes, o bairro já havia sido abandonado pelas elites, dando espaço para o surgimento de cortiços e habitações populares⁸⁷.

O processo de transformação dos Campos Elíseos coincide com o seu tombamento, em 1986, e com a chegada do crack na capital, no final dos anos 1980. Ainda que a primeira apreensão da droga aconteça em 1990, na Zona Leste da cidade, a região central se torna o ponto principal para tráfico e consumo no mesmo período (Arruda, 2014). Até que, em 1995, é inaugurada a primeira delegacia específica para o combate ao tráfico do crack que, segundo reportagem da *Folha de S. Paulo*, se profissionalizara, em especial na região central da cidade⁸⁸. As alamedas que levam os nomes dos fundadores do bairro inspirado na famosa avenida da capital francesa passaram a ser

⁸⁶ Dados obtidos em documento de tombamento do perímetro e das edificações do bairro, feito pelo Condephaat. Disponível no portal da Prefeitura de São Paulo: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/27f4b_PROC.%20SC%20N%2024.506%20-%20Bairro%20de%20Campos%20Eliseos.pdf. Acesso em 15/05/2023.

⁸⁷ Breve histórico da Estação Rodoviária da Luz pode ser visto em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/memoria/antiga-rodoviaria-da-luz>. Acesso em 16/06/2023.

⁸⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/7/19/cotidiano/17.html>. Acesso em 16/06/2023.

habitadas, entre idas e vindas, pelo “fluxo” da “Cracolândia”. Entre idas e vindas porque, como o próprio nome sugere, este “fluxo” pode mudar de endereço e tamanho, de acordo com fatores como as investidas policiais para combater o tráfico e dispersar usuários e demais moradores das ruas da região. E são diversas as atuações do Estado neste espaço, segundo a urbanista e professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Raquel Rolnik:

Desde meados dos anos 1990, quando se reconheceu a penetração do consumo de crack na cidade e sua concentração em uma região entre a Santa Efigênia e os Campos Elísios, que incursões deste tipo se repetem: em 1999, uma grande operação do Departamento de Investigações sobre Narcóticos (Denarc), sob as ordens do então governador Mario Covas, efetuou inúmeras prisões na região; em 2005, durante a gestão do então prefeito José Serra, a “Operação Limpa Cracolândia” dispersou os usuários que se concentravam no entorno da antiga Estação da Luz, fazendo que estes se transferissem para a região dos Campos Elísios. Ao longo de 2012, durante a gestão Kassab, a “Operação Sufoco” reprimia diariamente, de forma violenta, o chamado “fluxo”, com a intenção de impedir sua permanência nas ruas.⁸⁹

A ideia por parte do poder público de que a “Cracolândia” é questão quase exclusiva do combate ao tráfico, como pudemos ver até aqui, é recorrente. Em maio de 2017, enquanto a Virada Cultural, importante evento que ocupava diversas ruas do centro, acontecia, nova operação policial foi deflagrada, sob a gestão do então governador Geraldo Alckmin. Concomitantemente, o então prefeito João Doria anunciava a extinção do Programa Braços Abertos, de seu antecessor Fernando Haddad, e a substituição pelo Programa Redenção, como cumprimento de uma de suas principais pautas durante sua campanha eleitoral⁹⁰. Em menos de quatro anos, o Programa Braços Abertos foi o que mais fugiu à regra, instituindo medidas como o acesso à moradia dos frequentadores da “Cracolândia” em hotéis da região, reinserção no mercado de trabalho, distribuição de refeições diárias e a não dispersão da população. Segundo o psicanalista Antonio Lancetti, consultor para a idealização e acompanhamento do Programa, o Braços Abertos não era a solução total para a questão, mas sim o início do processo. “Ao oferecer moradia nos hotéis da região, alimentação e trabalho – inicialmente na varrição como método denominado ‘*low threshold*’ (baixa exigência e preparo) –, o programa partiu de evidências empíricas”, afirma Lancetti. “A pesquisa nacional sobre uso de crack no Brasil publicada em 2014 pela Fiocruz constatou que 80% dos 30 mil usuários pesquisados em 26 capitais são negros ou pardos, 80% são homens, 80% não chegaram

⁸⁹ Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/2018/05/22/10213/>. Acesso em 10/06/2023.

⁹⁰ Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1886022-policia-faz-megaoperacao-de-combate-ao-traffic-na-cracolandia.shtml?mobile>. Acesso em 10/06/2023.

ao ensino médio, 50% estiveram presos”⁹¹. A abordagem do Braços Abertos partia, portanto, de perspectiva humanizada da situação, entendendo que a solução para a questão não parte da repressão policial, mas sim do conhecimento das particularidades da população que ali transita.

De fato, a “Cracolândia” não é frequentada apenas por consumidores do crack. De acordo com estudo realizado em 2021 pelo Lecuca – Levantamento de Cenas de Uso em Capitais, cerca de 1.343 pessoas frequentavam a “Cracolândia”, sendo 73,8% homens, 22,5% mulheres, e 3,7% pessoas transgêneras. Estes dados refletem o total da população em situação de rua, segundo o censo publicado pela Prefeitura de São Paulo: 80,1% são homens cisgêneros, 16,9% mulheres cisgêneras, e 3% são pessoas transgêneras. 66,4% do total entrevistado pelo Lecuca afirma ser da própria capital, 25,1% de outros estados. Segundo os entrevistados, 68,7% não possui atividade remunerada e 53% dizem não ter qualquer fonte de renda. São 66,3% os que de fato moram nas ruas, ou seja, há uma parcela considerável que tem moradia e, desses, 14,9% moram em hotéis ou pensões. São 57,4% do total de entrevistados que afirmam frequentar há mais de cinco anos a “Cracolândia”.

Ainda que 78,9% dos frequentadores sejam usuários de crack, apenas 22% consomem somente esta substância. Apesar de ser numericamente menor, a população de pessoas trans é a que mais relata agressões físicas (58,3%) e a troca de sexo por drogas (75%). Além disso, 41% de todos os entrevistados pelo estudo afirmam não ter qualquer tipo de suporte social ou familiar, 35% já estavam em situação de rua antes do consumo do crack e 39,5% usaram a droga pela primeira vez antes de completarem 18 anos⁹². O levantamento não traz informações quanto à raça e à etnia que, segundo outro censo, realizado pelo Observatório Brasileiro de Políticas Públicas Com a População em Situação de Rua, das 37.200 pessoas vivendo nas ruas da capital paulista, 23.982 são pardas ou pretas, representando 64,47% do total⁹³.

No censo da população em situação de rua de 2021, das 31.884 pessoas que o levantamento afirma viverem nas ruas, 12.851 estão na região da subprefeitura da Sé, centro da capital, representando mais de 40% do total. Se aproximarmos, dentro desta subprefeitura, para os distritos República e Santa Cecília, área que abrange o perímetro por onde a “Cracolândia” circula, vemos

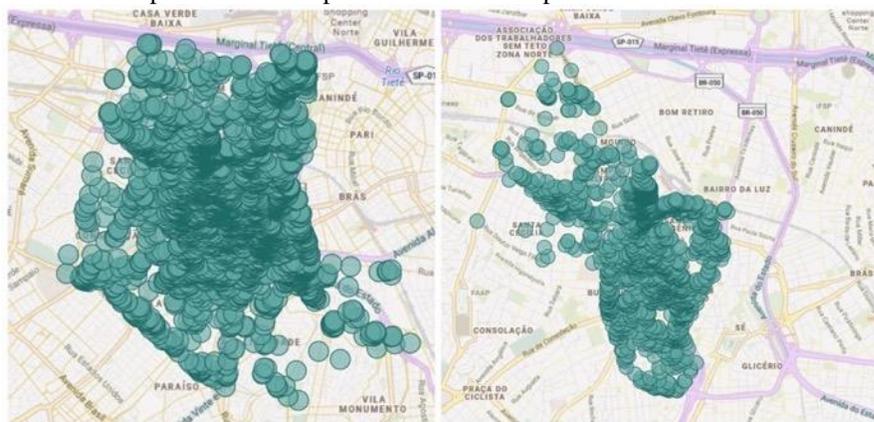
⁹¹ Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/opiniaio/2014/12/1567423-programa-anticrack-de-bracos-abertos-da-prefeitura-de-sao-paulo-tem-tido-exito-sim.shtml>. Acesso em 10/06/2023.

⁹² O relatório completo pode ser acessado em: https://lecuca.uniad.org.br/Relatorio-LECUCA22_Final.pdf. Acesso em 17/05/2023.

⁹³ As tabelas e mapeamentos completos do Observatório estão em: https://obpoprua.direito.ufmg.br/repositorio_dados_tabelas.html#tabelas_perfis. Acesso em 15/05/2023.

que 7.662 pessoas, ou 24% do total da população em situação de rua da capital, está localizada neste mesmo território⁹⁴. É nítido o adensamento pelas reproduções dos mapas contidos no relatório e aqui reproduzidos:

Figura 4 – Comparativo sobre a incidência de pessoas em situação de rua no centro de São Paulo: Total Subprefeitura Sé e apenas os distritos República e Santa Cecília



Fonte: Censo da População em Situação de Rua de 2021⁹⁵.

Segundo o relatório divulgado pelo Lecuca, o período pesquisado pelo Laboratório acompanhou a movimentação de parte da “Cracolândia” para a Praça Princesa Isabel, iniciada ainda em 2021, como consequência das primeiras investidas da operação policial “Caronte”, e concretizada em março de 2022⁹⁶. Em 11 de maio de 2022, a principal fase da operação “Caronte” é deflagrada diretamente na Praça Princesa Isabel. Em ação coordenada entre a Polícia Militar e o grupo de elite da Guarda Civil Metropolitana (IOPE), cerca de 500 agentes adentraram a praça munidos de balas de borrachas e bombas de gás, com o objetivo de retirar toda a população que se adensava na Praça naqueles últimos meses.

⁹⁴ O relatório completo em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiZWE4MTE5MGItZjRmMi00ZTcyLTgxOTMtMjc3MDAwMDM0NGI5IiwidCI6ImE0ZTA2MDVjLWUzOTUtNDZIYS1iMmE4LThlNjE1NGM5MGUwNyJ9>. Acesso em 01/06/2023.

⁹⁵ Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiZWE4MTE5MGItZjRmMi00ZTcyLTgxOTMtMjc3MDAwMDM0NGI5IiwidCI6ImE0ZTA2MDVjLWUzOTUtNDZIYS1iMmE4LThlNjE1NGM5MGUwNyJ9>. Acesso em 01/06/2023.

⁹⁶ Segundo reportagem da *Folha de S.Paulo*, a migração definitiva acontece por determinação do próprio tráfico. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/03/cracolandia-fica-deserta-apos-usuarios-se-espalharem-pelo-centro-de-sao-paulo.shtml>. Acesso em 02/06/2023.

Segundo reportagem da *Folha de S. Paulo* publicada no dia da ação⁹⁷, oficiais gritavam para os usuários e moradores da praça: “todo mundo para debaixo do cavalo”, se referindo ao enorme monumento em homenagem ao Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro, instalado na Praça e um dos maiores do Brasil⁹⁸. Nas fotografias do momento da operação, vemos agentes cercando um número considerável de pessoas, em sua maioria sentadas no chão, mas o referido cavalo sequer consta nas imagens, dada a altura de seu pedestal e a impossibilidade de encaixá-lo na mesma imagem àquela distância.

No dia seguinte, entretanto, é o cavalo quem ganha destaque na capa da edição impressa do jornal (Figura 5). Em duas fotografias feitas de um mesmo ângulo, mas em tempos diferentes, formando um antes e depois típico do jornalismo, vemos o enorme pedestal e a imponência do monumento ficarem ainda maiores em relação às pequenas figuras humanas e barracas no “antes”, e apenas os resquícios disso no “depois”. Foi proposital que este capítulo trouxesse em sua abertura um *tweet* que utilizou do mesmo recurso do jornal (Figura 3) para comentar os resultados da ação do dia 11 de maio de 2022. Ainda que as fotografias ali publicadas não tragam a mesma sofisticação da capa do jornal, está ali a repetição de um ângulo fotográfico, o monumento sobre o espaço ocupado da Praça, permitindo que a temporalidade das imagens sejam a expressão máxima das consequências de uma megaoperação policial.

⁹⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/05/policia-invade-nova-cracolandia-expulsa-usuarios-da-praca-e-prende-trafficantes.shtml>. Acesso em 17/05/2023.

⁹⁸ De autoria do escultor Victor Brecheret, o monumento tem o total de 48 metros de altura, 21 metros acima do previsto quando seu projeto foi aprovado em concurso para a construção em homenagem ao patrono do Exército Brasileiro. Concluído em 1945, o monumento é inaugurado somente em 1960, após quinze anos de discussões sobre o local onde seria instalado em definitivo. Informações obtidas em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-16042007-092110/publico/dissertacao.pdf>. Acesso em 20/06/2023.

Figura 5 – Parte da capa do jornal *Folha de S. Paulo* de 12 de maio de 2022



Fonte: Reprodução Acervo Digital *Folha de S. Paulo*, 2023⁹⁹.

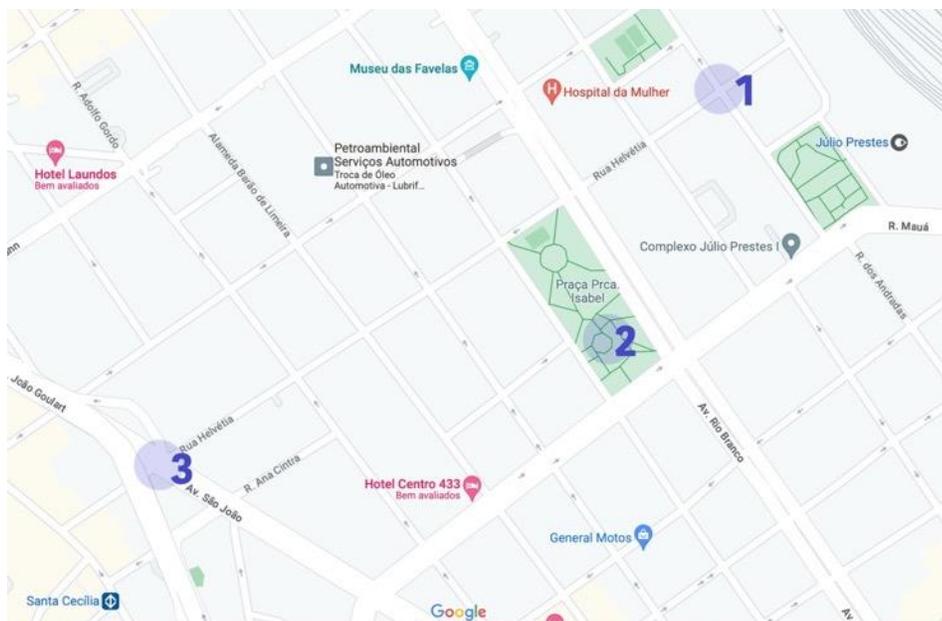
Por ser o dia 11 a data da principal ação da operação “Caronte”, esta pesquisa o estipulou como marco temporal para a coleta de amostra das fotografias publicadas sobre a “Cracolândia” na rede social *Twitter* e um período de oito meses no entorno deste marco, ou seja, os quatro meses anteriores e os quatro meses posteriores à data. A expectativa com esta delimitação foi de que esta temporalidade trouxesse material suficiente para observar se as publicações feitas no *Twitter* acompanharam os acontecimentos na “Cracolândia”, tanto a movimentação do “fluxo” até a total ocupação da Praça Princesa Isabel, entre janeiro e o começo de maio de 2022, quanto sua

⁹⁹ Disponível em:

<https://acervo.folha.uol.com.br/digital/leitor.do?numero=49909&maxTouch=0&anchor=6455748&pd=949d3195140293b7cf2ea2807b9b4693>

movimentação por outras localidades das proximidades, após a ação do dia 11 de maio. Ainda que a Praça Princesa Isabel não tenha sido ocupada novamente pela “Cracolândia”, os resultados da Operação Caronte também não trouxeram seu fim, apenas tornaram a movimentação do “fluxo” mais constante, na tentativa de dispersá-lo.

Figura 6 – A movimentação da “Cracolândia” no centro de São Paulo



1. Cruzamento da Rua Helvética com a Alameda Dino Bueno, onde o “fluxo” se concentrou por mais tempo desde seu surgimento, e estava no final do ano de 2021;
2. A Praça Princesa Isabel (a área circulada mostra onde o monumento em homenagem ao Duque de Caxias está instalado na Praça);
3. Cruzamento da Rua Helvética com a Avenida São João, um dos locais onde o “fluxo” se instalou, após a operação “Caronte” expulsá-lo da Praça Princesa Isabel.

Fonte: Reprodução/GoogleMaps, 2023.

Cerca de um mês depois do esvaziamento da Praça, o “fluxo” passou a se concentrar próximo do encontro da Avenida São João com a Rua Helvética, também na região dos Campos Elíseos, e a Prefeitura chegou a utilizar cones de trânsito para delimitar seu espaço a apenas metade da rua ocupada¹⁰⁰. Desde a expulsão do “fluxo” da Praça Princesa Isabel, a tática do poder público segue sendo a de provocar a dispersão da população, sempre que ela volta a se concentrar. Em junho de 2023, agora em parte da Rua Guaianases, comerciantes alegavam extorsão do tráfico para garantir que o “fluxo” mudasse de endereço e agentes da Guarda Civil Metropolitana também eram

¹⁰⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/06/prefeitura-isola-usuarios-de-drogas-da-cracolandia-da-rua-helveticia-com-cones.shtml>. Acesso em 20/06/2023.

acusados de extorqui-los para o mesmo fim¹⁰¹. O desejo de o poder público ver o “fluxo” se dissipar por completo trouxe a mobilização de moradores contra a chegada da “Cracolândia” perto de seus endereços, o abandono de alguns residentes e a queda no valor de venda e aluguel de imóveis da região¹⁰². A tática de dispersão constante do “fluxo” com intervenções policiais tem repercutido nas redes sociais *online*, ao ponto de alguns perfis monetizarem a transmissão e a publicação de vídeos e fotografias das passagens da “Cracolândia” pela região central da cidade¹⁰³.

A presença da monetização desta realidade está além de quem vem lucrando com a sua espetacularização *online*. O centro da cidade, por seu passado histórico de inúmeras possibilidades de revitalização, é alvo de intensa especulação imobiliária. Revitalizar também significa, num caso como este, a expulsão de populações como a que constitui a “Cracolândia”, bem como higienizar o território, valorizá-lo de acordo com a demanda e interesse de classes econômicas mais altas (Menezes, 2016). Segundo informações do LabCidade – Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade, do qual a urbanista Raquel Rolnik é uma das coordenadoras, a especulação imobiliária na região enfrenta resistência por ser área de patrimônio histórico e, principalmente, espaço de pensões, cortiços e outras moradias populares, além da própria “Cracolândia”. O Estado justifica boa parte de suas intervenções no local – que resultam em demolições e lacrações de imóveis – com o objetivo de eliminar esta última. Mas como o “fluxo” é feito de população flutuante, ele tende a mudar sua localização e, de certa forma, expandir suas características¹⁰⁴.

2.2. O espaço, a cidade, seus espetáculos e implicações

Se nosso interesse é o de compreender o que as fotografias sobre a “Cracolândia” publicadas no *Twitter* podem dizer sobre ela, então é preciso pensar significados possíveis para

¹⁰¹ Reportagens disponíveis em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/06/criminosos-cobram-r-30-mil-para-tirar-cracolandia-de-ruas-do-centro-de-sp-dizem-comerciantes.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=twfolha; e <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/06/prefeitura-de-sp-pede-prisao-de-gcms-suspeitos-de-extorquir-comerciantes-na-cracolandia.shtml>. Acesso em 20/06/2023.

¹⁰² “Após dispersão da cracolândia, preço dos imóveis caiu 27% em ruas afetadas”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/08/apos-dispersao-da-cracolandia-preco-dos-imoveis-caiu-27-em-ruas-afetadas.shtml>. Acesso em 21/08/2023.

¹⁰³ “Lives na cracolândia: vídeos que ‘vendem’ a tragédia engajam e dão dinheiro”. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2023/05/16/cracolandia-porque-plataformas-monetizam-lives-em-cima-da-vulnerabilidade.htm>. Acesso em 20/06/2023.

¹⁰⁴ Disponível em <http://www.labcidade.fau.usp.br/regiao-da-luz-em-disputa-mapeamento-dos-processos-em-curso/>. Acesso em 15/05/2023.

interpretar tal realidade e, conseqüentemente, as imagens que a representam. Até aqui, vimos como a “Cracolândia” é espaço onde habita uma população flutuante com particularidades muito além do consumo do crack, está situada em região histórica de intensa especulação imobiliária e é alvo de intervenções institucionais por parte do município e do Estado. Numa pesquisa como esta, entende-se que interpretações simbólicas e metáforas são necessárias para compreender a complexa relação entre as próprias complexidades desta realidade social, o universo das redes sociais *online* e o que surge da mediação feita pelas imagens:

Ter uma “imagem” da cidade, isso significa combinar nossos sentidos para compor um olhar, uma decodificação dos elementos urbanos. A leitura e a visualização dos elementos da cidade na climatologia pós-moderna nos permitem lhe dar um sentido, elaborar imperativos estilísticos para uma análise de sua atualização permanente. Uma cidade em modo *work in progress* e que forma um tipo de unidade simbólica, precisa de novos indicadores, de metáforas expressivas que nos ajudem a recentralizar o contexto de referência dessa climatologia. (La Rocca, 2018, p. 24)

Nesta investigação, buscamos uma leitura de elementos urbanos por meio das imagens que são publicadas em uma rede social *online*. À luz do que La Rocca (2017) pontua, podemos afirmar que esta busca é por novos indicadores capazes de “recentralizar” a questão principal do tema aqui abordado, ou seja, o que as fotografias publicadas no *Twitter* podem nos dizer sobre uma realidade social como a da “Cracolândia”. Segundo o autor,

Do ponto de vista climatológico do nosso tempo, relacionado com o presente, estamos imersos nele e nas suas facetas sociais e culturais, existindo uma proeminência das imagens que sugerem uma mudança de episteme, na qual as próprias imagens, num sentido fenomenológico, colocam a nossa consciência em relação com as coisas e os sentidos, associando, nesta perspectiva, as pessoas com o mundo e o ser, numa espécie de visão da essência. Os diversos aparelhos, como a fotografia, o vídeo, os ecrãs, são formas que desenvolvem uma linguagem atenta de compreensão da realidade, onde a apresentação visual mostra fenômenos sociais. Todas as imagens são integradas numa experiência social e cultural de vida. Isso significa que quando analisamos o mundo social visual, trata-se de um processo de produção de conhecimento. (2017, p. 28)

Porém, tal produção de conhecimento não significa conhecer a amplitude da realidade social, mas um novo conhecimento desta, atravessado por outros elementos. Um destes, no caso desta pesquisa, certamente é o próprio *Twitter*, cujo próprio formato contribui para ressignificar uma fotografia:

Isto sugere a necessidade de abordarmos como o meio fotográfico, enquanto conjunto de práticas e discursos historicamente gerados, informa a produção e o uso de imagens do

Twitter e, ao mesmo tempo, como o *Twitter* contribui para a reconfiguração da fotografia enquanto uma rede sócio-técnica. (Vis, *et al.*, 2014, p. 396)¹⁰⁵

A popularização das câmeras digitais – muitas conectadas em redes, como as embutidas nos *smartphones* – permitiu a produção em massa de imagens que respondem à eventos de crises e que foram disponibilizadas nas redes sociais *online*, criando uma nova maneira de testemunharmos a realidade (Vis, *et al.*, 2014). E os eventos de crises, as atrocidades (Sontag, 2013) e demais incômodos (Segurado, 2007), como vimos, chamam tanto a nossa atenção quanto fazem parte da construção imagética da nossa realidade social. Já em 1968, Guy Debord pontuava sobre o que chamou de “unidade da miséria”, algo que a espetacularização trazida pelas imagens se alimenta, ao mesmo tempo que a repele:

Sob as oposições espetaculares esconde-se a *unidade da miséria*. Se formas diversas da mesma alienação se combatem sob as máscaras da escolha total, é porque todas foram construídas sobre as contradições reais reprimidas. Conforme as necessidades do estágio particular da miséria que o espetáculo nega e mantém, ele existe sob forma *concentrada* ou sob forma *difusa*. Em ambos os casos, ele não passa de uma imagem de unificação feliz cercada de desolação e pavor; ocupa o centro tranquilo da desgraça. (Debord, 1997, p. 42)

Falar da “Cracolândia”, como vimos no breve histórico apresentado, é considerar uma realidade social repleta de contradições que não podem ser omitidas debaixo do discurso e aspecto único de uma guerra às drogas. Dentre tantos simbolismos possíveis, podemos começar por um dos mais abrangentes: na maior, mais rica e desigual cidade do país, é no mínimo simbólico que uma de suas questões sociais mais explícitas esteja situada no centro de seu território. Para Milton Santos (2011), a importância do espaço geográfico no mundo globalizado está diretamente relacionada aos atores sociais mais poderosos, que reservam para si os melhores pedaços – e o restante para os outros – a partir da lógica da competitividade levada ao extremo. Neste cenário, os espaços revelam os “movimentos de fundo da sociedade”:

Mas o território não é um dado neutro nem um ator passivo. Produz-se uma verdadeira esquizofrenia, já que os lugares escolhidos acolhem e beneficiam os vetores da racionalidade dominante mas também permitem a emergência de outras formas de vida. Essa esquizofrenia do território e do lugar tem um papel ativo na formação da consciência. O espaço geográfico não apenas revela o transcurso da história como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente. (2011, p. 79)

¹⁰⁵ Tradução a partir do original: “This suggests the need to address how the medium of photography as a set of historically generated practices and discourses informs the making and use of Twitter images, and at the same time, how Twitter contributes to the reconfiguration of photography as a socio-technical network”.

São Paulo é uma cidade que saltou de alguns milhares de habitantes, em 1890, para mais de dez milhões em pouco mais de um século (Santos, 2020). O rápido processo de urbanização brasileiro tende a marginalizar populações de classes econômicas mais baixas, enquanto as detentoras do poder se mantêm nas regiões centrais. Neste sentido, permanecer no centro da cidade explica tanto a pressão da especulação imobiliária em retomar a região para si quanto revela tamanho simbolismo que é a permanência da “Cracolândia” no local, além de nos dar caminhos para entender que nosso próprio interesse nela está relacionado a isso. Se a tendência das dinâmicas de classes é marginalizar os que nada tem, a “Cracolândia” não estar na margem do território é o que a torna digna da nossa atenção, ou uma oposição espetacular onde imagens a negam e a mantêm simultaneamente (Debord, 1997).

O processo de globalização nos trouxe a naturalização das situações de pobreza, exclusões e misérias, além da noção de que, numa sociedade de produtividades extremas, esperança e generosidade não cabem mais (Santos, 2011). Neste cenário, os espaços públicos também foram privatizados, transformando desde o lazer até a simples convivência essencial em cenários que inserem a população como um todo no mundo do consumo (Santos, 2002a), o que também nos ajuda a entender o incômodo causado pela “Cracolândia”, principalmente quando esta ocupava uma praça que, após sua remoção, é transformada em parque com grades em seu entorno, à espera do poder privado para sua manutenção¹⁰⁶. No que diz respeito ao território central, portanto, a questão parece ficar entre quem efetivamente pode ocupar este espaço e quem não pode.

Estes que não podem ocupar o território central, mas ocupam, geram incômodo não apenas por atrapalharem interesses de classes de maior poder, mas também por serem um cenário que explicita demais – próximo demais – aquilo que não queremos ver com tamanha nitidez. É como se o corpo em suplício voltasse ao centro, ao invés de estar velado pelos métodos disciplinares:

A punição vai-se tornando, pois, a parte mais velada do processo penal, provocando várias consequências: deixa o campo da percepção quase diária e entra no da consciência abstrata; sua eficácia é atribuída à sua fatalidade, não à sua intensidade visível; a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro. (Foucault, 2014, p. 14).

¹⁰⁶ Em poucos meses de reforma, o agora Parque Princesa Isabel já apresentava desgastes e expectativa do poder público em investimento privado para sua manutenção: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/04/frequentadores-convivem-com-sinais-de-abandono-no-parque-princesa-isabel-em-sao-paulo.shtml>. Acesso em 10/07/2023.

A ideia de que há consumo deliberado de drogas ilícitas, possível de ser visto por quem passa ou pelas imagens que circulam em redes sociais *online* e demais mídias, além dos corpos em situações de extrema pobreza, é o contrário do que se convém esperar, segundo o que vimos até aqui: punição, criminalização, higienização do espaço. Segundo Foucault, o espaço punitivo da prisão é “fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados”¹⁰⁷. Neste sentido, as ostensivas operações policiais sobre a “Cracolândia” sob o pretexto da guerra ao tráfico são tentativas de fechar o espaço sob o corpo social do “fluxo”.

Enquanto tamanhos incômodos persistem, estes seguem se tornando espetáculo, uma vez que “não é possível fazer uma oposição abstrata entre o espetáculo e a atividade social efetiva: esse desdobramento também é desdobrado”¹⁰⁸. O espetáculo se confirma quando é a própria realidade vivida a ser contemplada por meio dele, ou seja, “a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente”¹⁰⁹. Se pensarmos nesta dinâmica dentro do contexto aqui pesquisado, estamos partindo do entendimento de que, ao mesmo tempo que somos espectadores da realidade da “Cracolândia” por meio das fotografias publicadas numa rede social *online* como o *Twitter*, somos participantes dela de alguma forma. A maneira como percebemos a vida urbana, segundo La Rocca (2018), está diretamente ligada à sua encenação visual:

Há um jogo permanente entre o vivido da experiência urbana e a solicitação visual contínua desta. Somos uma parte desse “espetáculo”, dessa encenação visual; estamos, então, imersos numa fase onde os vários códigos visuais têm um impacto substancial sobre nossa sensorialidade urbana. Essa sensorialidade deve ser entendida como um vetor de direções onde os diversos sinais indicam e orientam um caminho – por exemplo, as placas das rodovias –, mas também como um vetor de comunicações e informações. (2018, p. 162)

Soma-se a isso a presença das telas, que funcionam como objetos capazes de vestir os corpos da cidade, filtrando a relação espectador-cidadão que somos. Segundo La Rocca (2018), as luzes das telas mudam a própria fisionomia das cidades, sua paisagem é vista por meio de uma nova camada de configuração.

Mas se estamos implicados na realidade social da “Cracolândia” quando a observamos nas fotografias, estas sempre nos aproximam desta população e do território que ela ocupa? Segundo

¹⁰⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 192

¹⁰⁸ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 15

¹⁰⁹ *Ibidem*.

Susan Sontag (2003), ver o sofrimento com a distância proporcionada pelas fotografias não é diferente de estarmos pessoalmente próximos: “ainda é apenas ver”. Olhar, diz a autora, não necessita esforço e podemos interromper este sentido com as pálpebras, além de precisarmos de distância espacial para fazê-lo. Sontag aponta para os diferentes significados que uma fotografia ganha quando impressa em jornal grosseiro ou exposta em uma galeria de arte. “Toda imagem é vista em algum cenário. E os cenários se multiplicaram”¹¹⁰, num momento ainda distante da profusão de telas de *smartphones* e afins, e das redes sociais *online*. Ao comentar sobre a ambição das fotografias publicitárias, que passaram a utilizar recursos da fotografia artística, a autora afirma que:

Grande parte do ceticismo atual em torno da obra de certos fotógrafos engajados parece resumir-se a pouco mais do que o desprazer com o fato de as fotos circularem de modo tão diversificado; de não haver uma forma de garantir condições reverenciais para olhar tais fotos e mostrar-se plenamente sensível a elas. Com efeito, afora os cenários onde se pratica a deferência patriótica aos líderes, parece não haver hoje maneira de garantir um espaço contemplativo ou inibidor para coisa alguma. (2003, p. 100)

De fato, a multiplicidade de cenários não necessariamente garante lugar de contemplação de fotografias. Tal ponto é o que esta pesquisa procura investigar, ao perceber as redes sociais *online* como espaço capaz de multiplicar o acesso à informação (Silveira, 2019) – e às fotografias conseqüentemente – ao mesmo tempo que não nos garante melhor atenção àquilo que nos é difícil ver, aqui exemplificado pela realidade social da “Cracolândia”. O acesso à informação sempre foi instrumento de controle da própria cidadania. “O homem moderno é, talvez, mais desamparado que os seus antepassados, pelo fato de viver em uma sociedade informacional que, entretanto, lhe recusa o direito a se informar”¹¹¹, afirmava Milton Santos (2002a), ainda na década de 1980. Até ali, vivíamos uma estrutura piramidal da informação, segundo o autor, controlada por grupos econômicos hegemônicos e agindo sob seus próprios interesses.

Sabemos que a internet é o que possibilitou a quebra desta hegemonia, com potencial democrático sem igual, se comparada aos outros meios de comunicação, permitindo novas formas de organização de grupos e movimentos sociais, muito além da utilização individual deste espaço. A esfera pública está, portanto, intrinsecamente conectada ao espaço digital (Segurado, 2011). Mas a internet quebrar tal hegemonia e permitir maiores acessos e participações faz com que distâncias

¹¹⁰ SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. 2ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 2003. p. 100

¹¹¹ SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. 7ª edição. São Paulo: Edusp, 2002a. p. 155

sociais sempre se encurtem? No *Twitter*, a integração de diferentes atores em conversas é capaz de conectar e produzir relações sociais diversas e isso traz implicações políticas:

A realidade dos discursos políticos que os usuários do *Twitter* experienciam é moldada pela bricolagem de mensagens e objetos midiáticos aos quais eles acessam em suas visualizações individuais da rede, uma montagem produzida por um processo de significados da conexão em rede, feito por atores dispersos que se referem mutuamente uns aos outros. A rede de tópicos, objetos midiáticos e pessoas no processo de discursos políticos são processos fortemente entrelaçados, que reorganizam as experiências políticas dos usuários. Estes usuários que participam nos discursos se veem em uma negociação pública e social do significado de eventos políticos – por eles mesmos, pela sua rede social, pelos atores da arena política e, portanto, pela sociedade em geral. (Marireder, *et al.*, 2014, p. 316)¹¹²

A rede social *online* é, então, parte da rede social e política na qual vivemos, repercutindo a realidade social dentro de si, ao mesmo tempo que a complementa. A relação de constante alimento e repulsa entre a realidade e o espetáculo que é feito da mesma (Debord, 1997) parece reproduzir algo que nos é intrínseco e enraizado em questões anteriores ao que os espaços digitais podem alcançar:

Somente se chega à metade do caminho, se é que não se retrocede. Quando se confundem cidadão e consumidor, a educação, a moradia, a saúde, o lazer aparecem como conquistas pessoais e não como direitos sociais. Até mesmo a política passa a ser uma função do consumo. Essa segunda natureza vai tomando lugar sempre maior em cada indivíduo, o lugar do cidadão vai ficando menor, e até mesmo a vontade de se tornar um cidadão por inteiro se reduz. (Santos, 2002a, p. 155)

Para Santos (2002a), trocamos histórica e sistematicamente a garantia de direitos pela aquisição deles enquanto consumidores. Assim, ainda que uns possam comprar dignidade social, somos todos implicados em uma mesma recusa à cidadania. Não existem, pois, cidadãos efetivamente num país como o nosso. Tal entendimento, ainda que nos aproxime da realidade social da “Cracolândia”, assim como nossa participação como espectadores, pode ter efeito contrário, já que a lógica do consumo e a produção sistemática e proposital de desigualdades (Santos, 2011) cria em nós a necessidade de distinções e distanciamentos daqueles que não nos parecem participantes da mesma realidade social da qual pertencemos:

Na verdade, a perversidade deixa de se manifestar por fatos isolados, atribuídos a distorções da personalidade, para se estabelecer como um sistema. A nosso ver, a causa

¹¹² Tradução a partir do original: “The reality of political discourses Twitter users experience is shaped by the bricolage of messages and media objects they access through their individually composed streams, an assembly produced in a process of networking meaning by dispersed actors mutually referencing each other. The networking of topics, media objects, and people in the course of political discourses, as described in this text, are heavily entangled processes that reorganise the users’ experiences of the political. Those users participating in the discourses find themselves within a public social negotiation of the meaning of political events—for themselves, for their social network, for the actors of the political arena, and thus, for society in general”.

essencial da perversidade sistêmica é a instituição, por lei geral da vida social, da competitividade como regra absoluta, uma competitividade que escorre sobre todo o edifício social. O *outro*, seja ele empresa, instituição ou indivíduo, aparece como um obstáculo à realização dos fins de cada um e deve ser removido, por isso sendo considerado uma coisa. Decorrem daí a celebração dos egoísmos, o alastramento dos narcisismos, a banalização da guerra de todos contra todos, com a utilização de qualquer que seja o meio para obter o fim colimado, isto é, competir e, se possível, vencer. Daí a difusão, também generalizada, de outro subproduto da competitividade, isto é, a corrupção (Santos, 2011, p. 60).

Este “outro” está representado nas fotografias que vemos e, portanto, é preciso que reconheçamos esta dinâmica enquanto os observamos:

(...) pois o outro, mesmo quando não se trata de um inimigo, só é visto como alguém para ser visto, e não como alguém (como nós) que também vê. Porém, sem dúvida, o soldado talibã ferido que implora pela sua vida, cuja sorte foi mostrada com destaque em *The New York Times*, também tinha esposa, filhos, pais, irmãs e irmãos, alguns dos quais podem, um dia, topar com fotos coloridas do seu marido, pai, filho e irmão ao ser massacrado – se é que já não as viram. (Sontag, 2003, p. 63)

Se partimos do entendimento pretendido por esta pesquisa, que é o de saber como se dá a relação entre os que olham fotografias nas redes sociais *online* (nós) e os que ali estão representados (aqueles “outros”), é de extrema importância que tenhamos em mente a complexa relação que se cria nesta mediação feita pelas imagens e dentro do contexto em que estão inseridas. No *Twitter*, o sentido do que entendíamos por notícia foi modificado, incluindo interpretações, opiniões, classificações sobre qualquer fato mundial (Marireder, *et al.*, 2014). Observar a “Cracolândia” representada neste espaço é, portanto, observar discursos políticos que se formam sobre as próprias imagens publicadas.

2.3. As categorias de análise

A partir do que foi apresentado até aqui, é possível estabelecer quais pontos e questionamentos procurar nas fotografias que foram publicadas no *Twitter* sobre a “Cracolândia”, no período de janeiro a agosto de 2022, a fim de compreendê-las enquanto representações da realidade social que acontecem dentro do contexto das redes sociais *online*. São pontos pensados de forma a atentar nossos olhares para as imagens apresentadas – a partir do conceito de *scanning* (Flusser, 2011, Camargo, 2004), e compreendê-las como partes capazes de mostrar recortes do que é a “Cracolândia”. A formulação destas categorias levou em consideração tanto as reflexões até aqui apresentadas sobre a fotografia, a “Cracolândia” e as redes sociais *online*, quanto um primeiro

olhar sobre a coleta total de fotografias que foram publicadas no *Twitter* durante o período estipulado para a obtenção desta amostra. As categorias estabelecidas são:

- Predominância de publicações feitas pela mídia profissional ou outros usuários da plataforma: vimos que a hegemonia dos grandes grupos de comunicação foi alterada com a chegada e a popularização da Internet, permitindo também que receptores se tornassem emissores neste processo (Segurado, 2011; Silveira, 2019). A partir desta informação, é possível notar um maior número de publicações de fotografias sobre a “Cracolândia” por parte de que tipo de usuário da plataforma *Twitter*, os da mídia profissional ou os demais?
- Autoria e temporalidade: vimos que saber quem faz uma fotografia e quando esta é feita são questões importantes para compreendermos uma imagem (Sontag, 2004; Kossoy, 2012). Mas também vimos que as fotografias presentes no *Twitter* seguem dinâmica de publicação e propagação rápida destas. Neste cenário, foi possível diferenciar a autoria apenas entre publicações de mídias profissionais e de demais usuários, e se a autoria específica era informada diretamente na publicação ou se foi necessária pesquisa mais aprofundada para localizar informações tanto sobre autoria quanto sobre o momento em que as fotografias foram produzidas. Esta categoria também diz respeito à intencionalidade dos autores das fotografias, observando estas imagens em sua totalidade e partindo do princípio de que, mesmo sem identificação específica de autoria, há sempre decisões sendo tomadas por quem detém e utiliza a câmera fotográfica. Quanto à temporalidade, procura-se observar se as fotografias publicadas no *Twitter* correspondiam ao que vinha acontecendo na “Cracolândia” no mesmo período em que foram publicadas ou se eram fotografias de outros momentos;
- Replicações das imagens: se o que distingue a fotografia do entendimento da obra de arte é a sua reprodutibilidade técnica (Benjamin, 2015) e as redes sociais *online* são espaço onde uma fotografia pode, potencialmente, atingir milhares de usuários (Silveira, 2019), as fotografias coletadas nesta pesquisa foram compartilhadas outras vezes? É possível identificar os caminhos que percorreram após a primeira publicação? O *Twitter* é plataforma onde a ferramenta de compartilhamento é contabilizada na própria publicação (prática comumente conhecida como *retweet*), permitindo que tal dado seja abordado nesta pesquisa;

- Perspectiva espacial: se o reconhecimento histórico é parte do que constitui o espaço (Santos, 1978), é possível identificar características do centro da capital paulista nas fotografias pesquisadas? A exemplo das fotografias profissionais que estamparam a capa do jornal *Folha de S. Paulo* no dia seguinte à maior investida policial da operação “Caronte” (Figura 5), a Praça Princesa Isabel, o monumento em homenagem à Duque de Caxias e a degradação da região estão representados nestas fotografias?
- Ângulos e abrangências: de quais posições as fotografias foram feitas, na altura do olhar ou de outras perspectivas? O espaço é visível nas fotografias de que forma, fechado sobre a população, ou aberto, mostrando a paisagem, suas edificações e características?
- O corpo da população circulante: a partir da categoria anterior e do que vimos sobre nossa relação social entre o corpo em suplício e sua punição (Foucault, 2014), como o corpo dos que participam do “fluxo” estão representados nas fotografias do período pesquisado? As fotografias priorizam retratar seus indivíduos, ou o todo, a multidão?
- Quem são os habitantes da “Cracolândia”? Diante dos dados apresentados anteriormente, é possível identificar as características da população? Há, por exemplo, predominância de homens, pretos e pardos? Ainda que em número menor, a presença de pessoas transgêneras é representada nestas fotografias?
- O crack e seu uso no espaço aberto: como vimos, o crack é visto como a peça central da “Cracolândia”, do apelido atribuído em 1995 à justificativa do poder público para sucessivas investidas policiais contra esta população, e à espetacularização do “fluxo” enquanto situação explícita de uso e tráfico constante de drogas. As fotografias efetivamente mostram pessoas consumindo o crack e outras drogas ilícitas ou sua comercialização?
- A atuação institucional: se o período analisado está baseado na temporalidade da principal ação da operação “Caronte” e suas consequências, as investidas policiais e outras intervenções do poder público na “Cracolândia” estão representadas nas fotografias analisadas? De que forma elas aparecem?
- A exclusão e a precariedade: além da representação do corpo, quais os principais aspectos capazes de distinguir e identificar a população circulante da “Cracolândia” como os “outros” (Santos, 2011; Sontag, 2003) ocupantes do espaço da cidade, aos olhos de quem as observa por meio das fotografias aqui analisadas?

- A interferência das telas na representação da realidade social: é possível identificar elementos que corroboram para o entendimento de que a observação da realidade social por meio de telas (Flusser, 2011, 2012; La Rocca, 2014, 2017, 2018) cria outras camadas de interferência em nossa percepção?

No terceiro e último capítulo desta pesquisa, apresentaremos uma amostra de treze das fotografias coletadas no *Twitter* entre os dias 1 de janeiro e 31 de agosto de 2022. Consideramos esta amostra capaz de representar o total das imagens obtidas na coleta realizada, que é de 401 fotografias. Uma apresentação da metodologia adotada para a obtenção desta amostra também será apresentada, de forma a explicitar o processo e suas etapas, até que fosse possível a execução desta tarefa. Com isto, consideramos que a leitura de tais imagens, tendo em mente o que foi apresentado até aqui e as categorias estipuladas para nos orientar, permitem maior compreensão do conteúdo simbólico das fotografias e sua utilização como mediadoras entre as realidades social e digital.

Esta pesquisa partiu do interesse em compreender como o estatuto da imagem foi modificado com a chegada da reprodução digital na internet, mais precisamente nas redes sociais *online*, e como a agilidade na produção, reprodução e possibilidade de amplificação de audiência nem sempre encurtam as distâncias entre o assunto destas imagens e o público que as acessa. Ainda que possamos ver mais imagens da “Cracolândia” no *Twitter*, que elas nos cheguem de forma tão ágil e prontas para o nosso olhar, estamos sempre observando tamanhas complexidades da nossa sociedade em uma tela de dispositivo tecnológico e motivados a já desejar o próximo assunto, no correr dos nossos dedos sobre as telas. Veremos como estas imagens nem sempre condizem com o que acontecia com a “Cracolândia” no momento em que foram publicadas, que a autoria também não é sempre nomeada nas publicações, além da maneira como as ações policiais, a distância dos fotógrafos com os habitantes da “Cracolândia” e como o fotografar de telas de televisão é uma forma distante, mas imediata, de representar esta realidade social numa rede social *online* que, como vimos, procura na velocidade um motor para seu funcionamento, dentre outros aspectos.

TERCEIRO CAPÍTULO

Figura 7 – A operação “Caronte” vista pela primeira vez

FOLHA DE S.PAULO
cotidiano



Polícia invade nova cracolândia e expulsa usuários da praça para prender traficantes

Fonte: Reprodução/Twitter¹¹³.

Esta pesquisa, como tantas outras, parte de uma inquietação pessoal e anterior ao próprio tema e problema aqui apresentados. No dia 6 de maio de 2021, a mais letal chacina da história do Rio de Janeiro, ocorrida na favela do Jacarezinho, resultava na morte de 28 pessoas, em um momento crítico da pandemia de Covid-19. Nas redes sociais *online*, incontáveis vídeos e fotografias do massacre passaram a circular, do momento em que a ação da polícia carioca começou a agir até os dias seguintes. Enquanto usuário de algumas destas redes, pude notar – mesmo que informalmente – que estas imagens eram de todos os tipos, de vídeos transmitidos em tempo real por moradores que pediam socorro, até vídeos de sobreviventes do massacre lavando sangue e balas para fora de suas casas, após o ocorrido. E mais: a repercussão desta chacina foi tamanha,

¹¹³ Disponível em: <https://twitter.com/folha/status/1524337221372948480>.

que parecia ser bombardeado por este material nas redes sociais *online*, repetidos e replicados por incontáveis perfis e entendidos pela própria dinâmica das redes como material que estaríamos interessados em ver.

No *Twitter*, a chacina se tornou *trending topic*, ou seja, um dos assuntos mais comentados e procurados, e, portanto, mais exibido pela plataforma aos seus usuários. No *Instagram*, plataforma que privilegia a publicação de imagens, fotografias e vídeos, apareciam como sugestões no simples rolar da tela, além de povoarem a opção de buscas. O primeiro questionamento diante do que está exposto nesta pesquisa surge deste momento: estariam todos os usuários recebendo tantas imagens desta atrocidade quanto eu? E como não ficar indiferente ao fato em si, vendo estas imagens tão repetidas quanto qualquer outra nestes espaços? Notar esta dinâmica das redes sociais *online*, que me parecia entender as imagens de tamanha atrocidade tão relevantes de serem vistas quanto qualquer outro assunto popular, trouxe o questionamento se tais ferramentas, capazes de nos conectar às informações, às imagens e aos debates que elas possam trazer, de fato nos aproximam, nos sensibilizam mais quanto a essas questões sensíveis.

A discussão sobre o potencial de uma imagem nestes intuitos não é recente, como vimos no capítulo de abertura deste trabalho. O que muda, e que esta pesquisa procura contribuir, é que as fotografias, hoje, podem ser produzidas, reproduzidas, compartilhadas e observadas de maneiras instantâneas, com potencial para atingir um público de massa de forma ainda maior do que víamos acontecer anteriormente. Para um fotógrafo, artista e jornalista, entender este processo é também compreender se a maior reprodutibilidade destas imagens, possibilitada pelas redes sociais *online*, traz consigo maior possibilidade de uma fotografia comunicar sobre questões tão sensíveis quanto a chacina mais letal da história de um estado ou o tema escolhido posteriormente para esta pesquisa, a “Cracolândia” em período de intensas ações policiais.

Deste primeiro incômodo, ainda em 2021, para a formulação e viabilização desta pesquisa, uma série de etapas e adaptações foram necessárias. Uma delas é a que resultou no primeiro capítulo deste trabalho, ou seja, a necessidade de compreender e explicitar a relação entre as imagens que vemos atualmente espalhadas nas redes sociais *online* e a história da fotografia como um todo. Parte essencial do que constitui uma fotografia é a sua capacidade de ser reproduzida de forma precisa e numerosa (Benjamin, 2015), bem como de retratar e mesmo documentar a realidade (Kossoy, 2001), ainda que sua capacidade objetiva seja carregada de subjetividades. Fotografar, tanto quanto olhar fotografias, é, portanto, sempre estabelecer diálogo entre a realidade e o

imaginário social (Martins, 2022). Outras etapas necessárias foram a escolha e a delimitação do tema abordado, a escolha da rede social *online* de interesse e o período a ser analisado, além da metodologia para a coleta de amostra e análise desta. Neste último capítulo, estas etapas serão apresentadas e devidamente justificadas, além da apresentação da amostra obtida, representada visualmente por 13 fotografias, selecionadas do total de 401 e analisadas com base nas categorias apresentadas ao final do capítulo anterior.

3.1. Metodologia adotada e resultados preliminares

Antes mesmo de tema e delimitações serem definitivamente estipulados, esta pesquisa tinha uma premissa importante a ser seguida: se o intuito é o de analisar as fotografias que circulam em uma rede social *online* sobre um tema sensível, incômodo (Segurado, 2007) ou aflitivo (Sontag, 2013), era impreterível que a coleta da amostra priorizasse o próprio tema, em período de publicação previamente determinado. Estipular perfis de usuários, contas oficiais da mídia profissional ou qualquer outra delimitação metodológica, traria interferência prévia indesejada aos resultados obtidos. Idealmente, a amostra a ser obtida seria de todas as publicações – de todos os usuários – que fizessem referência ao tema pretendido e em um determinado período, a fim de obter a totalidade das representações fotográficas deste tema em uma rede social *online*.

Dois obstáculos surgiram logo nesta primeira determinação: a escolha da rede social *online*, e a impossibilidade de se obter a totalidade absoluta das publicações. Ainda que as redes sociais *online* sejam campo de inúmeras possibilidades de pesquisas, são também inúmeras as dificuldades de se obter acesso a uma série de dados, seja pela indisponibilidade de ferramentas específicas de pesquisa ou mesmo a interferência de algoritmos, programados pelas próprias plataformas de forma a filtrar o que temos acesso e modular nosso comportamento:

As plataformas de relacionamento *online* organizam o ambiente da interação social, trabalham muito pouco com a produção de discurso. Delimitam com sua arquitetura informacional e o desenho de suas interfaces a forma do discurso que seus usuários podem inserir. O ponto fundamental é que seus algoritmos controlam quem pode ver os conteúdos. Esse fenômeno de delimitação do que pode ser visto, lido ou ouvido é o elemento fundamental da modulação. (...) O objetivo final do tratamento de dados pessoais realizado pelas tecnologias de *big data* é modular o comportamento das pessoas, levando-as a encontrar mais certas mensagens do que outras. (Silveira, 2019, p. 68)

Como é possível, então, realizar coleta de fotografias em uma plataforma digital de forma a evitar esta interferência? Inicialmente, esta pesquisa tinha a rede social *Instagram* como seu foco de análise, por ser plataforma que prioriza em todas as suas publicações o uso de imagens, sejam estas fotografias únicas, carrosséis de fotografias, vídeos ou ambos os formatos juntos em uma mesma publicação. Mas a plataforma não disponibiliza ferramentas que possibilitem pesquisas elaboradas. Pesquisar qualquer termo de interesse na plataforma resulta em publicações ordenadas de forma aleatória e não há a possibilidade de delimitar resultados por períodos determinados. Outro agravante é que os resultados das pesquisas são diferentes a cada tentativa, mesmo quando feitas em intervalos próximos de tempo.

O *Twitter* foi a plataforma de escolha levando em consideração fatores como o alcance da rede no país, suas maiores possibilidades de pesquisa e sua relevância política no que diz respeito à maneira como estimula e amplifica debates. O *Twitter* é a plataforma de preferência de jornalistas, políticos e pesquisadores, e permite buscas mais detalhadas, apesar de também terem limitações. Ainda que seu crescimento venha estagnando no país, estima-se que mais de 40 milhões de pessoas utilizem a plataforma em 2023, mantendo o Brasil como a quarta maior base de usuários no mundo¹¹⁴; das grandes plataformas digitais atuais, é a única que ainda disponibiliza ferramentas e refinamentos de pesquisa por períodos, método pretendido por esta pesquisa. Outro fator importante a ser colocado é que, quando a coleta das fotografias foi realizada, ainda era possível a utilização das ferramentas de pesquisa sem a necessidade de acessá-la com o reconhecimento de perfil de usuário, o que diminuiu as chances de interferência algorítmica nos resultados obtidos. Como vimos, o simples acesso às plataformas por um perfil já acrescenta à experiência uma escolha do que é visto por nós ou não¹¹⁵.

Há de se reforçar que o *Twitter* é plataforma onde questões como a analisada por esta pesquisa encontram estímulo para acontecerem livremente, permeadas pelo aqui e agora que esta rede social cria, ao mesmo tempo que tal característica não segue os critérios da mídia profissional:

O Twitter hospeda quaisquer explosões curtas de conteúdo (*tweets*) que seus usuários contribuam. Suas mensagens variam muito: do banal (@KimKardashian) ao profundo

¹¹⁴ Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2022/12/14/avanco-do-twitter-perde-forca-no-brasil-e-base-de-usuarios-deve-crescer-so-05percent-em-2024.ghtml>. Acesso em 31/07/2023.

¹¹⁵ Pouco tempo após a coleta para esta pesquisa, o acesso à plataforma sem a necessidade de identificação de perfil foi dificultado e limitado, parte das mudanças que vem acontecendo na plataforma desde sua venda ao bilionário Elon Musk. No momento em que este capítulo é escrito, a plataforma passou a limitar o número de publicações que seus usuários tem acesso, e ganhou o novo nome de “X”: <https://www.estadao.com.br/link/empresas/musk-anuncia-twitter-se-tornara-x-plataforma-nprei/>. Acesso em 31/07/2023.

(@SorenKQuotes), do *networking* à sátira repleta de jargões (@KimKierkegaard). Pode funcionar tanto para ampliar quanto para estreitar públicos e audiências, de acordo com a preferência individual de seus usuários. Ele também se tornou uma ferramenta coletiva e democrática de pesquisas em torno de notícias e conversações. Ao colocar a “hashtag” (#) em frente a um termo, os usuários formam uma “comunidade em tempo real” em seu entorno; qualquer pessoa que clicar no termo verá tweets sobre o assunto publicados nos últimos segundos, horas ou dias. As “hashtags” também servem para nominar alguns termos como “trending” – ou seja, interessantes o suficiente para serem recomendados *em geral*, ao invés de apenas para os *seguidores* que assinam os tweets de um usuário. Os “trending topics” são listados na página inicial do Twitter, na página “Descubra” e de pesquisa. Usuários tendem a entendê-los como os assuntos quentes, divertidos, ou notícias particularmente interessantes, e ativistas usam os “Trending Topics” para avaliar seus sucessos em engajar as audiências em massa. (Pasquale, 2015, p. 76)¹¹⁶

A plataforma está, assim, conectada às novas formas de se compreender e debater fatos sociais – como o que acontece, aconteceu ou está acontecendo na “Cracolândia” da capital paulista – e ao nosso entendimento do que é noticioso, digno de notarmos:

No Twitter, tais processos de negociações sociais quanto ao significado da notícia acontecem imediatamente, pois as mensagens que propagam as notícias talvez já estejam acompanhadas de interpretações. Usuários do Twitter frequentemente conectam eventos da atualidade a suas experiências pessoais, opiniões e visões de mundo: eles explicam, classificam, interpretam e reinterpretam o que receberam. Desta forma, uma gama muito maior de aspectos pode ser incluída em discursos no Twitter do que nas reportagens noticiosas. Eventos podem ser conectados a outros tópicos pela forma como são enquadrados pelos usuários. (...) Observar a formação de discursos políticos no Twitter é observar o processo de negociação social sobre o significado da notícia. (Marireder, *et al.*, 2014, p. 310)¹¹⁷

A partir destas afirmações, podemos entender que as fotografias publicadas no *Twitter* fazem parte destes discursos políticos. Se tais discursos são formados pela combinação entre os eventos sociais, as experiências e opiniões pessoais, e estimulados por uma plataforma calcada no

¹¹⁶ Tradução do original: “Twitter hosts whatever short bursts of content (*tweets*) its users contribute. Their message varies widely: from the banal (@KimKardashian) to the profound (@SorenKQuotes), from networking to gibberish to satire (@KimKierkegaard). It can function as either a broadcaster or a narrowcaster, according to the predilections of individual users. It has also become a crowd-sourced democratic search engine for news and conversation. By putting a hashtag (#) in front of a term, users form an automatic ‘real-time’ community around it; anyone who clicks on the term will see items tweeted about it in the past few seconds, hours, or days. The hashtag also serves to nominate some terms as ‘trending’ – that is, interesting enough to be recommended *generally* rather than simply to the *followers* who subscribe to one’s own tweets. Trending topics are listed on Twitter’s Home, Discover, and Search pages. Users tend to understand them as hot, fun, or particularly interesting news, and activists use the Trending Topics lists to assess their success in engaging a mass audience.”

¹¹⁷ Tradução do original: “On Twitter, such processes of social negotiation of the meaning of news happen right away, because the messages diffusing the news may already include interpretation. Twitter users often connect current events to personal experiences, opinions, and world views: they explain, classify, interpret, and reinterpret what they have received. This way, a much wider range of aspects may be included in Twitter discourses than in news reports. Events may get connected to other topics by the way they are framed by the users. (...) Observing political discourses unfold on Twitter is observing the process of the social negotiation of the meaning of news.”

imediatismo e na profusão de todo tipo de conteúdo, então a fotografia, que parte de uma interpretação da realidade, repleta de recursos técnicos e subjetivos de seus autores (Camargo, 2004), certamente participa da construção do discurso político sobre a “Cracolândia” na plataforma e dos processos de negociações sociais que ressignificam os fatos.

Para que fosse possível notar tais características nas imagens aqui analisadas, foi necessária a delimitação de um período capaz de nos trazer material suficiente para observarmos se o tempo do que acontecia na “Cracolândia” correspondia com o tempo em que os usuários do *Twitter* faziam suas publicações. Entre 1 de janeiro e 31 de agosto de 2022, período estipulado para a coleta, o “fluxo” da “Cracolândia” se movimentava em direção à Praça Princesa Isabel, quando foi interrompido e expulso do local pelo poder público, em 11 de maio daquele ano. Isto acarretou numa série de novas ações policiais, também com o intuito de intensificar a dispersão desta população de outros locais da região central de São Paulo. Esta determinação de temporalidade permitiu que notássemos, dentre outros fatores, que parte considerável das fotografias publicadas não correspondia aos acontecimentos do período, tendo publicações que utilizaram imagens de situações e momentos muito anteriores à localização do “fluxo” na Praça Princesa Isabel – o que veremos mais detalhadamente na segunda parte deste mesmo capítulo.

Apesar de, no período de coleta das imagens, o *Twitter* permitir o acesso à busca sem a necessidade de identificação de usuário e de disponibilizar ferramentas avançadas de pesquisa, os primeiros testes para a obtenção da amostra mostraram que a plataforma restringia os resultados a um número pequeno de publicações. A cada tentativa de busca, independente do período de meses de nosso interesse, os resultados não ultrapassavam a marca de 40 publicações, ou seja, seria necessária a redução do período de pesquisa ou a fragmentação do período na execução da busca dentro da plataforma. Para contornar este obstáculo, e após novos testes com períodos menores, foi possível notar que o espaço de sete dias por vez era o mais adequado para que a plataforma disponibilizasse número significativo de publicações. Desta forma, a totalidade dos oito meses de fotografias que esta pesquisa buscava foi fragmentada e obtida por buscas de semana em semana.

Para exemplificar o método, explicamos o processo detalhadamente: o acesso à plataforma foi feito via computador pelo link www.twitter.com e, na sequência, pelo uso da ferramenta de busca da página. Nela, termo (“Cracolândia”¹¹⁸) e período foram preenchidos de maneira que a

¹¹⁸ Após testes na ferramenta, notamos que a presença de acentuação na palavra não alterava o resultado. Portanto, a pesquisa optou pelo termo pesquisado “Cracolândia” da forma aqui descrita.

plataforma compreendesse a solicitação de que procurávamos as publicações com o termo “Cracolândia” que foram feitas no período de sete dias. Era necessário escrever, na barra de buscas da plataforma, “(Cracolândia) until:2022-01-01 since:2022-01-07”, seguido da semana seguinte, “(Cracolândia) until:2022-01-08 since:2022-01-14”. Feitas desta forma, as solicitações resultavam no número mais significativo de publicações dos usuários sobre o tema e foi possível filtrá-los selecionando, após a primeira conclusão da pesquisa, a opção de visualizar apenas as publicações que continham fotografias. O processo foi repetido 34 vezes na plataforma, sete dias por vez, e os resultados obtidos a cada semana foram contabilizados, de forma a totalizar o número de *tweets* que utilizaram fotografias nestes oito meses de pesquisa.

Até a definição deste processo como método de coleta da amostra, esta investigação também procurou ferramentas que automatizassem a obtenção de amostra, principalmente no intuito de verificar a possibilidade de se obter a totalidade absoluta das publicações sobre a “Cracolândia” que utilizaram fotografias feitas no período de interesse, ou seja, que conseguissem evitar ainda mais a interferência algorítmica nos resultados. Após alguns testes em ferramentas de mineração de dados, como a plataforma *Export Comments*, e a tentativa de acesso por meio do API¹¹⁹ da própria rede social *Twitter*, o método aqui explicitado foi o que se mostrou mais eficiente e preciso na obtenção de amostra, sendo repetido por duas vezes para confirmação. Importante marcarmos aqui a ciência de que, apesar desta certificação, sabemos que o resultado obtido nesta investigação não significa a totalidade absoluta de publicações que se referem à “Cracolândia” e utilizaram de fotografias para tanto no período pesquisado. Uma série de fatores explicam a impossibilidade da obtenção desta totalidade de publicações, sejam as já citadas interferências e limitações da própria rede social, suas constantes mudanças na programação de seu funcionamento e fatores como o apagamento de publicações e perfis pelos próprios usuários.

Esgotadas as possibilidades de processos e realizada a etapa de coleta de amostra, podemos afirmar que foram 1.665 as publicações encontradas que utilizavam o espaço para fotografias e mencionavam o termo “Cracolândia” entre 1 de janeiro e 31 de agosto de 2022. Deste total, 335 são as que efetivamente publicaram fotos da “Cracolândia”, ou seja, das publicações com

¹¹⁹ Sigla para *Application Programming Interface*, ou Interface de Programação de Aplicação. As APIs são os padrões e configurações pelos quais um sistema como os que gerenciam o funcionamento das redes sociais *online* funcionam. Acessá-los significa maior alcance e entendimento de tais funcionamentos, de forma a permitir maiores informações, sem a interferência constante dos algoritmos, inclusive na obtenção de resultados de pesquisas. De forma restrita, o *Twitter* é uma das poucas plataformas que permite algum acesso a seus padrões de funcionamento; esta pesquisa procurou esta alternativa, mas não obteve sucesso.

fotografias feitas no período e que mencionavam a “Cracolândia” em seu texto, 20,1% são as que continham fotografias que retratavam a “Cracolândia” em si. Ao todo, foram 401 fotografias publicadas nestes *tweets*. A partir de observação geral destas 401 fotografias, e de acordo com as categorias já apresentadas no capítulo anterior, foi possível compreender como a “Cracolândia” foi representada imagetivamente no *Twitter* neste período. Como forma de melhor explicitar esta compreensão, optamos por apresentá-la através da análise de 13 destas fotografias, que consideramos capazes de simbolizar as principais características observadas nestes 335 *tweets* coletados e analisados.

3.2. A “Cracolândia” que existe no *Twitter*

Depois de coletadas e organizadas cronologicamente, podemos dizer que as 335 publicações com fotografias que encontramos no *Twitter* parecem, num primeiro momento, dar conta de dizer muito sobre a “Cracolândia”. Mas olhar estas fotografias atentamente acaba por nos mostrar que elas apenas parecem montar um quebra-cabeça, sem nos contar que muitas das peças necessárias para completá-lo sequer estão presentes. Isto parece refletir as complexidades das questões que falam da dignidade humana, da ausência de cidadania, da vigilância constante das forças policiais, ou seja, das muitas questões das cidades que reverberam na própria realidade da “Cracolândia”:

De maneira geral, a cidade não pode se reduzir a uma definição simples e precisa, dado que ela não pode jamais responder à questão “o que é?”, que nos persegue de forma obsessiva, seja na vida do dia a dia seja no contexto de um cientificismo positivista dos mais rigorosos! O que dá sentido ao nosso discurso e se situa à frente nessa fenomenologia é o destaque dado aos “tipos essenciais” próprios da atmosfera quotidiana, como uma constelação de fragmentos, de certa forma, que envolve o quebra-cabeça do imaginário contemporâneo. Isso forma uma visão singular: uma “climatologia” dos nossos tempos que indica tendências na atmosfera em que estamos envolvidos e que dirige o olhar para as situações quotidianas. (La Rocca, 2018, p. 23)

Na constelação de fragmentos que encontramos no *Twitter*, foi possível identificar a autoria das imagens de 163 das 335 publicações (48,7% do total). Destas, apenas 34 eram as que informavam este dado diretamente no *tweet*. A autoria das demais 129 publicações foram identificadas somente após buscas mais detalhadas, feitas fora da plataforma, seja pelos próprios *links* publicados nos *tweets* dos usuários ou pela busca específica pela imagem e fato a ela

relacionado em ferramentas de busca na internet. A presença da mídia profissional, ainda que significativa, não é dominante entre os que publicaram fotografias sobre a “Cracolândia” entre janeiro e agosto de 2022. Apenas 116 das publicações totais encontradas, ou 34,6%, foram realizadas por perfis de jornais, portais de notícias, canais televisivos e afins. A maior parte das publicações, 65,4%, foi feita pelos demais usuários da plataforma¹²⁰. Ainda assim, é da mídia profissional (o jornal *Folha de S. Paulo*) a primeira fotografia a mostrar a ação da operação “Caronte” do dia 11 de maio no *Twitter*, quando o “fluxo” era expulso em definitivo da Praça Princesa Isabel:

Figura 7 – A operação “Caronte” vista pela primeira vez

FOLHA DE S.PAULO
cotidiano



Polícia invade nova cracolândia e expulsa usuários da praça para prender traficantes

Fonte: Reprodução/*Twitter*¹²¹.

¹²⁰ Esta é a única distinção entre os perfis que publicaram fotografias sobre a “Cracolândia” que esta pesquisa se limitou a fazer, por considerar necessária a compreensão do teor noticioso, em combinação com as características imediatistas da própria plataforma. Não é a intenção desta pesquisa perfilar e analisar os usuários da plataforma que publicaram este material, mas sim compreender o que as fotografias em si são capazes de dizer sobre a realidade social da “Cracolândia”.

¹²¹ Disponível em: <https://twitter.com/folha/status/1524337221372948480>.

Olhar uma fotografia produzida na altura do nosso próprio olhar parece facilitar a sensação de estarmos no local, observando junto de seu autor a cena. O horizonte está nítido na imagem, dividindo o quadro em duas partes iguais por uma linha de pessoas acuada ao fundo. Desta forma, a compatibilidade entre a posição do “fluxo” com o nosso olhar, e a nítida certeza da profundidade nos trazem à atenção o único elemento que separa a nós – observadores da cena – daqueles: o agente da força especial IOPE, da Guarda Civil Metropolitana, devidamente paramentado. Sequer precisamos ver seu rosto, ou mesmo a totalidade de seu corpo, para compreender que sua presença é a dominante, a que acua uma multidão sem aparente esforço. Sabemos que a operação contou com cerca de 500 oficiais das polícias municipais e estaduais para esta operação, o que nos faz concluir que, nesta fotografia, o simbolismo desta única presença nos fala mais sobre seu poder diante dos demais, do que propriamente sobre a força utilizada pelas corporações de segurança pública para obter seu intuito na operação.

Como o próprio horizonte das paisagens, não vemos seu fim. Mas neste caso, sua extensão também nos diz que, para além daqueles que vemos formarem sua linha, existem muitos outros. Não os vemos, mas sabemos que estão lá. Ainda que tenha sido feita em amplitude – provavelmente com lente grande angular, este horizonte feito de gente sugere sufoco. Há pequenos pontos luminosos que brilham quando os notamos e que ajudam a criar contornos nos corpos daqueles, mas há predominância do anoitecer e da mistura de temperaturas das luzes da Praça, que trazem outras cores e dramaticidades para a cena. A luz projeta a sombra da multidão sobre ela, surtindo efeito contrário do que se espera: não engrandece, suprime. Vemos pouco do céu neste horizonte, impedido de aparecer pela enorme base de granito que sustenta a escultura feita em homenagem ao Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro. Mesmo para quem não conhece a Praça, o monumento ou mesmo a “Cracolândia”, o sentimento de estarmos diante de um cerco fechado sobre esta população é nítido. Não parece haver saída diante da autoridade atual, simbolizada pelo agente do IOPE em primeiro plano, e parte da história das forças armadas do país, cuja cavalaria, armamento e batalha estão esculpidos no granito.

Esta imagem, carregada de simbologias e acompanhada de título noticioso, nos traz a sensação de momento presente. Mas, ainda que a maior parte das fotografias do período tenham sido publicadas no mês de maio, justamente por ser o mês em que a ação da operação “Caronte” fora deflagrada, nem sempre as publicações trouxeram o presente em suas imagens. Um total de 39,9% dos *tweets publicados* entre janeiro e agosto de 2022, ou 127 das 335 publicações coletadas,

estão concentradas no mês de maio. Ainda assim, a fotografia mais utilizada pelos usuários do *Twitter* para abordar a “Cracolândia”, publicada 14 vezes nos oito meses pesquisados, sequer mostra a Praça Princesa Isabel ou os locais para onde o “fluxo” se movimentou depois da operação. É possível identificar que a imagem foi feita no cruzamento entre a Alameda Dino Bueno e a Rua Helvétia, localidade próxima da Praça Júlio Prestes, onde o “fluxo” permaneceu por mais tempo, desde seu surgimento no centro de São Paulo. Como vimos, em janeiro de 2022, o “fluxo” já se deslocava para a Praça Princesa Isabel e, portanto, a fotografia é de período anterior ao que vinha sendo publicada.

Figura 8 – A fotografia mais publicada



Fonte: Reprodução/*Twitter*¹²².

De que procura falar uma fotografia que não é noticiosa, numa rede que induz às explosões de seus usuários (Pasquale, 2015), para ser replicada tantas vezes? Tomemos a própria informação de sua repetição para compreendê-la enquanto imagem que simbolize a “Cracolândia” de forma mais efetiva, ao menos para os usuários do *Twitter*. Ao que tudo indica, por esta fotografia, o símbolo do que é o “fluxo” seria, deste modo, uma mistura caótica de pessoas, tendas, coisas, ruínas, depredações e uma enormidade de fios. Ao contrário da fotografia publicada pela *Folha de S. Paulo* no dia da ação da operação “Caronte”, esta não nos coloca como participantes do

¹²² Disponível em: <https://twitter.com/tiodonarguile/status/1478748478046183428/photo/1>

momento, sequer parece nos querer incluir no imediatismo de uma ação: estamos suspensos, distantes, vendo do alto pessoas que, desta perspectiva, se confundem com o todo da imagem. 125 do total de imagens coletadas (ou 37,3%) foram feitas desta forma. Há uma prioridade absoluta nestas fotografias de mostrar o cenário de forma abrangente e distante das pessoas que participam da paisagem, ainda que esta angulação impeça definitivamente a possibilidade de construir um horizonte.

Barracas, lonas e toldos cobrem boa parte do quadro e são elas que “vazam” para fora da parte superior, indicando que ali há ainda mais de sua extensão. Podemos não ver o corpo em suplício, ou mesmo a presença do poder público (Foucault, 2014), mas sabemos a tensão social pelo espalhamento dos indivíduos, ocupando um espaço que é do transporte daqueles que sequer aparecem na imagem, pela degradação dos espaços antes privados e agora visivelmente conectados com a realidade da rua, como se fossem continuidade do que acontece em sua frente. A fotografia parece nos dizer que não há disciplina ou controle e, na ausência disso, há desordem e incômodo. Aqui, as pessoas parecem estar para sempre imersas neste espaço caótico, como se o tempo não fizesse parte importante de seus processos individuais. São causa e consequência da degradação histórica do centro de São Paulo, impedem a passagem de carros como se estivessem descoladas da nossa realidade. “Nossa” realidade porque, definitivamente, aqueles são os “outros”, e não parte de um mesmo processo político que privilegia uns em detrimento de outros, num constante exercício de negação da cidadania (Santos, 2002a).

Não é possível ler na imagem, mas pouco acima do primeiro andar do edifício que emoldura a imagem, à direita, sob a marquise de sua entrada, há um cartaz branco, escrito em letras pretas: “A vida é um emaranhado de nós”. A imagem parece mesmo nos sugerir isso, ainda que sem a poesia da mensagem, mas sim com a dureza de um cenário profundamente caótico e sem solução. Ao caminhar pela região, em 2023, é possível notar que este território vem sendo radicalmente modificado com a construção rápida de novos edifícios residenciais, iniciada logo após a saída do “fluxo” do local, em episódio que aconteceu ainda no final de 2021 e em períodos anteriores. Mas ambos os edifícios que emolduram o quadro desta fotografia permanecem ali, mais depredados do que nesta imagem, com janelas e portas bloqueadas por barreiras de concreto, erguidas pelo poder público, de forma a impedir que sejam novamente parte da “Cracolândia”. “A vida é um emaranhado de nós” permanece legível, quase intacta diante do desgaste do tempo e das disputas sociais que presenciou nos últimos anos.

Figura 9 – O espaço sem o “fluxo”



Fonte: Reprodução/Twitter¹²³.

Em 22 de março de 2022, o jornal *O Estado de S. Paulo*, em *tweet* publicado em seu perfil, utilizava uma fotografia (Figura 9) que mostra os mesmos edifícios degradados da encruzilhada entre a Alameda Dino Bueno e a Rua Helvétia para falar sobre o “fluxo” da “Cracolândia”. Mas, desta vez, o intuito era o de simbolizar a sua ausência. Junto da fotografia, o *tweet* trazia a frase: “Vizinhos da Cracolândia vivem ‘liberdade’ com esvaziamento, mas venda de droga segue em praça”. Os dias anteriores a esta publicação foram marcados pela maior migração do “fluxo” para a Praça Princesa Isabel, deixando a encruzilhada – tão conhecida como a principal localização da “Cracolândia” – vazia. Para além do sugestionamento da frase publicada no *tweet* junto desta fotografia – que nos induz a entender aquele território como definidor da “Cracolândia” mais do que a própria aglomeração de pessoas que constituem o “fluxo”, além da direta associação com uma relativa ideia de que não a ter ali é sinal instantâneo de liberdade –, a própria imagem é um comentário do que significa o esvaziamento do local.

Como na fotografia publicada em *tweet* da *Folha de S. Paulo* sobre a operação “Caronte” (Figura 7), recursos sofisticados e subjetivos do fotojornalismo nos trazem sugestões daquilo que não vemos, mas que sentimos a presença (Camargo, 2004). Assim como na maioria das fotografias

¹²³ Disponível em: <https://twitter.com/Estadao/status/1506329865653407744>.

obtidas na amostra desta pesquisa, a angulação aberta para retratar a “Cracolândia” é utilizada (72% do total, ou 290 das 401 fotografias, fizeram uso deste mesmo recurso). Mas aqui a amplitude não nos sufoca com uma infinidade de pessoas: o espaço desocupado das tensões sociais parece se tornar território livre para novas ocupações. Vemos um horizonte muito diferente daquele marcado por uma infinidade de pessoas. Agora, este é feito de caminhos, de um dia ensolarado, com crianças carregando mochilas, uma delas segurando a mão de sua responsável. Podemos não saber se estão indo ou voltando para a escola, mas nos parecem tranquilas, protegidas pela presença da viatura policial, à direita do quadro. Segurança, esperança, o fim do emaranhado de nós que, desta vez, é apenas uma lembrança nos escombros de edificações de um passado a ser superado:

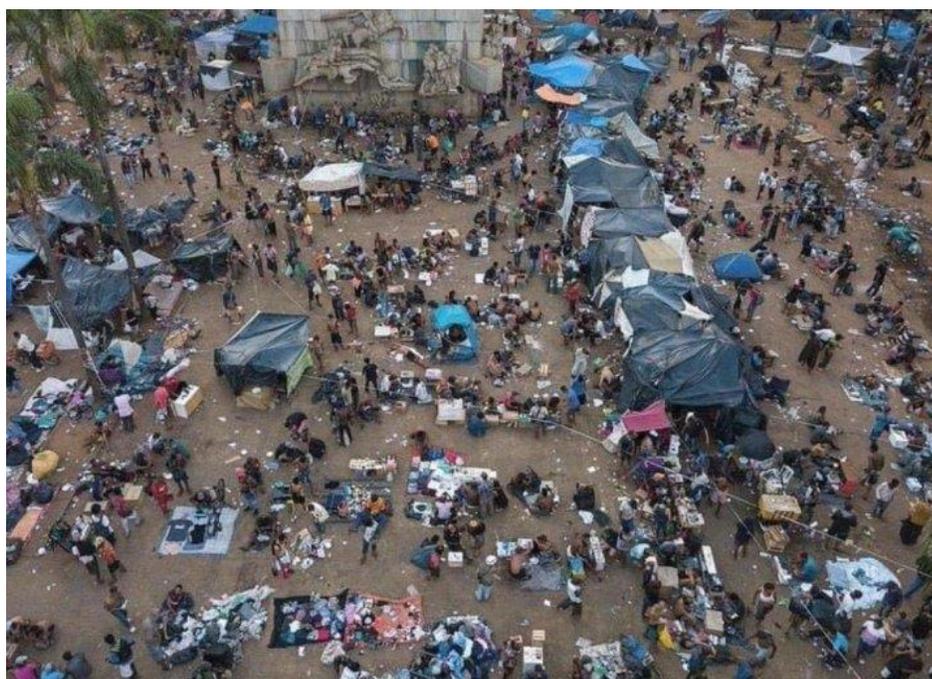
Crescentemente reunidas em cidades cada vez mais numerosas e maiores, e experimentando a situação de vizinhança (que, segundo Sartre, é reveladora), essas pessoas não se subordinam de forma permanente à racionalidade hegemônica e, por isso, com frequência podem se entregar a manifestações que são a contraface do pragmatismo. Assim, junto à busca da sobrevivência, vemos produzir-se, na base da sociedade, um pragmatismo mesclado com a emoção, a partir dos lugares e das pessoas juntos. (...) Nisso, o papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência *naquele* espaço exerce um papel revelador sobre o mundo. (Santos, 2011)

O sumiço repentino da indesejada vizinhança é o pragmatismo desejado de quem fica, e o lugar que antes abrigava o caos é o próprio símbolo da esperança e do futuro, simbolizados nesta imagem com a devida carga de emoção que a racionalidade hegemônica traz como consequência. É como se nós, representados pelas poucas pessoas que aparecem na imagem, e aqueles ausentes sequer fizéssemos parte de uma mesma sociedade, como se o sumiço daquela vizinhança realmente fosse possível, um sonho concretizado. O que acontecia, de fato, era apenas o deslocamento daqueles para poucas quadras dali, na Praça Princesa Isabel.

Figuras 10 e 11 – A Praça Princesa Isabel na altura dos nossos olhos, e do alto



Fonte: Reprodução/Twitter¹²⁴.



Fonte: Reprodução/Twitter¹²⁵.

¹²⁴ Disponível em: <https://twitter.com/FabioBrasil67/status/1505240935566913542>.

¹²⁵ Disponível em: <https://twitter.com/SRivoltri/status/1521164288324481024>.

Meses antes de o jornal *O Estado de S. Paulo* publicar fotografia que associava a “Cracolândia” a um ponto específico do território do centro de São Paulo, insinuando seu suposto fim (Figura 9), o aumento gradativo de parte do “fluxo” na Praça Princesa Isabel já aparecia em outras fotografias publicadas no *Twitter*. A primeira menção à Praça no período pesquisado é de 6 de janeiro de 2022, ainda que as fotografias publicadas no *tweet* não correspondessem à temporalidade da publicação, utilizando imagens de outros momentos da “Cracolândia” e do monumento em homenagem ao Duque de Caxias. Mas em 19 de março, apenas quatro dias antes da publicação de *O Estado de S. Paulo* na plataforma, é possível notar a Praça bastante ocupada pelo “fluxo” (Figura 10). Assim como na maior parte do total de fotografias analisadas (255 das 401 totais, ou 63,6%), vemos, novamente, o “fluxo” da altura do nosso olhar. De maneira similar à utilizada na fotografia profissional da *Folha de S. Paulo* (Figura 7), a marcação do horizonte é novamente o recurso de escolha para evidenciar a população da “Cracolândia”, colocando-a como divisora do quadro da imagem.

Não parece haver no autor da Figura 10 a intencionalidade de mostrar o “fluxo” enquanto multidão coagida pela presença policial, como aconteceu na Figura 7. Aqui, a presença policial – parte de uma viatura da Polícia Militar designada especificamente para o monitoramento do tráfico de drogas – é barreira entre autor da imagem e aquilo que busca registrar. Estar atrás da viatura é encontrar lugar de aparente segurança para que conseguisse mostrar o que observava, como se tivesse na imagem a prova irrefutável do que buscava revelar, denunciar: “Não se espera que uma foto evoque, mas sim que mostre. Por isso as fotos, ao contrário das imagens feitas à mão, podem servir como provas. Mas provas de quê?”¹²⁶

Na lataria do veículo, é possível identificar o símbolo da Polícia Militar do Estado de São Paulo, o do Governo Federal, e a frase “Crack, é possível vencer”, nome de programa federal de combate ao tráfico e consumo de drogas, criado em 2011 e com investimento de 4 bilhões de reais à época. Um dos principais pilares do programa é o monitoramento das áreas de maior circulação de drogas, feita por meio de repasses federais aos policiamentos estaduais. A produção de imagens que comprovem algo sobre a “Cracolândia” é ostensiva. Segundo a descrição oficial da iniciativa, “o programa prevê o policiamento ostensivo e de proximidade nas áreas de concentração de uso de

¹²⁶ SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. 2a edição. São Paulo: Cia das Letras, 2003. p. 42

drogas, onde serão instaladas câmeras de videomonitoramento fixo”¹²⁷. Apesar de a parte da viatura estar proporcionalmente maior, em primeiro plano, sabemos que o interesse principal da imagem é o que marca o horizonte. A distância transforma pessoas, barracas e objetos em uma coisa só, o assunto a ser falado, proporcionalmente menor do que as próprias letras que estampam a palavra “Crack” na viatura, legenda possível para se entender do que se trata a imagem. A própria distância daquilo que seu autor procura mostrar é reveladora: “Normalmente, se existe alguma distância com relação ao tema, aquilo que uma foto ‘diz’ pode ser lido de várias maneiras. Cedo ou tarde, lê-se na foto aquilo que ela *deveria* estar dizendo”¹²⁸.

Nem mesmo tamanha distância foi capaz de capturar o monumento ao Duque de Caxias, principal característica da Praça Princesa Isabel, em sua totalidade. Das 401 fotografias analisadas nesta pesquisa, 133 (33%) foram produzidas na Praça e 56 destas (14% do total) mostram o monumento, completo ou parcialmente. Assim como na Figura 7, esta (Figura 10) revela apenas a base de granito, especificamente a face visível da própria Avenida Duque de Caxias. Seja por sua altura e proximidade do fotógrafo (Figura 7), pela interferência da vegetação (Figura 10), ou mesmo pelo interesse em anular o horizonte (Figura 11), o Duque segue onipresente.

Em 2 de maio, próximo da deflagração da principal ação da operação “Caronte”, vemos a mesma lateral do monumento representar a Praça e a presença maior do “fluxo” no local (Figura 11). Apesar de trazer a sensação de que a fotografia corresponde ao período em que foi publicada no *Twitter*, é possível apenas presumir tal informação. Assim como em 66% das 335 publicações obtidas nesta pesquisa, esta não traz a temporalidade marcada na própria publicação. Em apenas 114 (34%) das publicações analisadas foi possível efetivamente identificar o período em que foram realizadas e a maioria destas (70 *tweets*) foi publicada por perfis de mídias profissionais na plataforma. Nesta Figura 11, publicada menos de dez dias antes da operação “Caronte” expulsar o “fluxo” da Praça, o pedestal com parte da história do patrono do Exército Brasileiro parece apenas servir como escala para o tamanho da população que ocupa seu entorno.

Diferente do que acontece na Figura 10, a distância evidencia o tema da fotografia, como se buscasse nos mostrar que há um problema e que este é mais monumental que o próprio monumento

¹²⁷ A descrição completa do programa “Crack, é possível vencer” está em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/conheca-o-programa-crack-e-possivel-vencer>. Acesso em 11/11/2023.

¹²⁸ SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. 2a edição. São Paulo: Cia das Letras, 2003. p. 28

instalado na Praça. Desta distância, é o emaranhado de nós (Figura 8) que parece predominar a caracterização do nosso imaginário sobre a “Cracolândia”:

Fazer o sofrimento avultar, globalizá-lo, pode incitar as pessoas a sentir que deveriam “importar-se” mais. Também as convida a sentir que os sofrimentos e os infortúnios são demasiado vastos, demasiado irrevogáveis, demasiado épicos para serem alterados, em alguma medida significativa, por qualquer intervenção política local. Com um tema concebido em tal escala, a compaixão pode apenas debater-se no vazio – e tornar-se abstrata. Mas toda política, como toda história, é concreta. (Sontag, 2003, p. 68)

Vista do alto, vemos novamente as pessoas, barracas e objetos se misturarem. Ao mesmo tempo que podemos interpretar a cena como reveladora de uma questão humanitária de grandes proporções, ela nos afasta, pois parece querer evidenciar mais o tamanho da população do que sua própria humanidade, nos permitindo compreendê-la apenas como um problema a ser resolvido. Não parece ter fim o que está acontecendo ali, pois sequer conseguimos ver até onde o “fluxo” está alocado na Praça. Assim como em 58% das fotografias obtidas (ou 233 das 401 totais), o corpo que circula pela “Cracolândia” não é identificado enquanto indivíduo, apenas como parte de uma multidão ou mesmo de uma massa feita de coisas e gente.

Observando com maior cuidado, podemos identificar que há uma organização do espaço, mas é evidente que a intenção da imagem é representar esta realidade social enquanto algo caótico, indesejado, uma desordem típica das últimas décadas e do próprio processo da globalização: “Trata-se de um vale-tudo, com a morte, se necessário, do sentimento e da prática da solidariedade e da própria ideia de nação. Daí as manifestações e a agravação das tensões no território brasileiro” (Santos, 2002b, p. 85). Neste vale-tudo que coloca em xeque nosso entendimento da solidariedade, a distância nem sempre é uma questão da viabilidade de fotógrafos em busca de um registro possível da realidade, mas sim recurso simbólico, mesmo quando não é intencional, e que ganha nova camada quando outra distância faz parte da imagem: a criação de uma fotografia de uma tela que apresenta uma imagem:

Figura 12 – A Praça do alto, mediada por telas



Fonte: Reprodução/*Twitter*¹²⁹.

Em 22 de março de 2022, a ideia de que a “Cracolândia” havia chegado ao fim era contestada por usuário do *Twitter*, que utilizava de mais uma fotografia feita do alto, distante das pessoas que habitavam a Praça Princesa Isabel (Figura 12), para reforçar seu argumento. Nesta imagem, o onipresente Duque de Caxias é visto por completo, e vemos a parte mais central da Praça, mas isto não significa que a escala monumental da escultura se projete soberana sobre a população do “fluxo”. A esta distância, e devido às novas distorções trazidas pela reprodução entre tela e registro, a parte de maior importância do monumento – o próprio Duque e seu enorme cavalo feitos de bronze – se confunde com os demais aspectos da imagem, cujos detalhes ganham contornos embranquecidos ou mesmo brilhantes. Se numa fotografia projetada por tela já vemos pontos luminosos que formam, apenas num primeiro e corriqueiro olhar, uma imagem (Flusser, 2012),

¹²⁹ Disponível em: <https://twitter.com/BStruzani/status/1506300236834418688>.

numa fotografia que registra uma imagem feita de pontos luminosos a distância entre nós, observadores, e o que a imagem procura nos revelar parece se potencializar:

Em todas as imagens técnicas observamos que são pontos computados. A fim de vermos isto, é preciso observarmos tais imagens. Sob olhar superficial, as imagens técnicas parecem planos, mas se dissolvem, deixam de ser imagens, quando observadas. O problema é o da distância entre o espectador e a imagem. De distância determinada as imagens técnicas são imagens de cenas. De outra distância são elas traços de determinados elementos pontuais (fótons, elétrons), enquanto sob visão “superficial” se mostram como superfícies significativas. (Flusser, 2012, p. 51)

Se a própria imagem se dissolve sob olhar atento, a realidade social que ali está parece sofrer da mesma consequência. As interferências são tantas, que a capacidade de retratar com maior fidelidade a realidade – característica fundadora da prática fotográfica (Benjamin, 2011), parece ser substituída pelo efeito contrário ao seu princípio, aproximando-se mais de uma pintura de traços incertos e interferências do feito à mão do que da prova incontestável daquilo que testemunha (Sontag, 2003). Objetos, tendas, monumento, tudo se transforma quase que definitivamente em algo muito distante das complexidades políticas da realidade que observamos. As pessoas, ao invés de detentoras de humanidade, não passam de pontos luminosos incapazes de se diferenciar dos demais elementos que formam a imagem. Estamos trocando, portanto, as complexidades do real pelas complexidades trazidas por suas novas representações:

Se no futuro o vídeo vier a substituir o filme, a dinâmica social “clássica” se inverterá totalmente: a gente não mais sairá do privado rumo ao público a fim de informar-se, mas será empurrada pelas imagens técnicas até o mais privado dos privados a fim de ser informada. Em tal aperto e em tal angústia a sociedade espalhada será doravante programada a vivenciar, a conhecer, a valorizar, e a agir apertando teclas. (Flusser, 2012, p. 76)

Ainda que as afirmações de Flusser não venham se confirmando em precisão, nas redes sociais *online*, tanto estamos agindo publicamente a partir do nosso universo privado, e por meio de teclas, como vemos a presença significativa de vídeos nesta dinâmica, ao ponto de esta interferir em nossa percepção do que define uma fotografia nas plataformas:

Figura 13 – A captura de vídeo



Fonte: Reprodução/Twitter¹³⁰.

No mesmo dia em que um usuário publicava um registro de uma tela (Figura 12, dia 22 de março de 2022), e o jornal *O Estado de S. Paulo* mostrava uma “Cracolândia” vazia (figura 9), o portal de notícias *GI* publicava *tweet* que utilizava excerto de reportagem televisiva para ilustrar sua notícia. A prática de publicar uma captura de vídeo é tão simples de ser executada quanto comum. Qualquer usuário do *Twitter* que deseje publicar um link vê a própria plataforma extrair a fotografia contida neste para ilustrar seu *tweet*. Caso o link a ser mencionado não tenha fotografia, mas sim vídeos em seu conteúdo, a plataforma, automaticamente, sugere um excerto deste vídeo como imagem para acompanhar o *tweet* a ser publicado. Das 335 publicações obtidas por esta pesquisa, 45 delas (13,4%) foram criadas por meio deste recurso, como é o caso da Figura 13.

Um excerto de vídeo se torna, parece com, ou é uma fotografia? Dentro de uma rede social como o *Twitter*, o questionamento parece não ter importância diante do imediatismo que a tudo se sobrepõe. A criação de uma imagem automatizada, incentivada pela própria plataforma, sugere um outro entendimento do que significa a fotografia, ao mesmo tempo que nos fala sobre a relevância de permear o espaço virtual com o máximo de imagens possível. A manutenção do espetáculo se sobrepõe à própria intencionalidade fotográfica:

Quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico. O espetáculo, como tendência a *fazer ver* (por diferentes mediações especializadas) o mundo que já não se pode tocar diretamente, serve-se da visão como o sentido privilegiado da pessoa humana

¹³⁰ Disponível em: <https://twitter.com/g1saopaulo/status/1506290855971201024>.

– o que em outras épocas fora o tato; o sentido mais abstrato, e mais sujeito à mistificação, corresponde à abstração generalizada da sociedade atual. Mas o espetáculo não pode ser identificado pelo simples, olhar, mesmo que este esteja acoplado à escuta. Ele escapa à atividade do homem, à reconsideração e à correção de sua obra. É o contrário do diálogo. Sempre que haja *representação* independente, o espetáculo se reconstitui. (Debord, 1997, p. 18)

A fotografia não é um retrato fiel da sociedade, mas sim um elo entre memória, representação social e nossa sociedade intensamente visual (Martins, 2022). Um excerto de vídeo noticioso (Figura 13), produzido de forma automatizada e carregado da linguagem televisiva, parece nos aproximar mais da ideia de que uma fotografia pode ser documento literal do que de sua capacidade de produzir subjetividades sobre a realidade social que documenta. A notícia da televisão, aqui, nos serve como legenda tatuada na própria imagem: “usuários de drogas se espalham no centro”, ao mesmo tempo que estes teriam saído “das ruas da Cracolândia” e ido até a Praça Princesa Isabel. Novamente, vemos o termo “Cracolândia” mais associado a uma localidade territorial (o cruzamento da rua Helvétia com a Alameda Dino Bueno visto nas figuras 8 e 9) do que à própria população que o constitui. Sabemos também que aqueles outros – os “usuários de drogas” da notícia – não estavam apenas espalhados, mas sim se aglomerando gradativa e prioritariamente em nova localidade.

É isto o que o próprio excerto de vídeo nos diz: ocupando quase a totalidade da parte superior do quadro, vemos a base do pedestal do monumento em homenagem ao Duque de Caxias mais uma vez. Logo abaixo, o horizonte é novamente marcado pela aglomeração do “fluxo”, fazendo com que a população pareça “vazar” para fora da imagem pelas duas laterais, como se não tivesse fim. Ainda que estejamos mais próximos da multidão neste fragmento de reportagem, continuamos sem identificar seus indivíduos e particularidades. É possível apenas presumir quanto a identificadores de quem são: vemos uma maioria de costas e mesmo os poucos rostos visíveis não são capazes de representar a complexidade desta população.

Falar sobre quem são os novos moradores da Praça não parece ser do interesse da imagem, muito menos da legenda noticiosa que os acompanha. Dependemos apenas desta última, que os identifica como “usuários de drogas”, ainda que não vejamos nenhuma das pessoas registradas consumindo qualquer substância. A ausência imagética desta característica, vale dizer, não é exclusividade desta imagem. Apenas quatro das 335 publicações coletadas efetivamente revelam o consumo de crack e outras substâncias (páginas 115, 154 e 168 dos anexos). É ínfima, portanto, a representação do consumo de drogas ilícitas, apesar de ser este o fator definidor de um imaginário

social contaminado pela ideia do uso deliberado e explícito de drogas nas vias públicas da cidade, que deu origem ao próprio termo “Cracolândia”. Era esperado por esta pesquisa que este cenário fosse frequentemente retratado e divulgado pelos usuários do *Twitter*, o que não se confirmou. Esta ausência parece evidenciar ainda mais que os fatores definidores da “Cracolândia” dizem muito mais sobre processos históricos de exclusões e geração de pobreza do que sobre a droga que o simboliza.

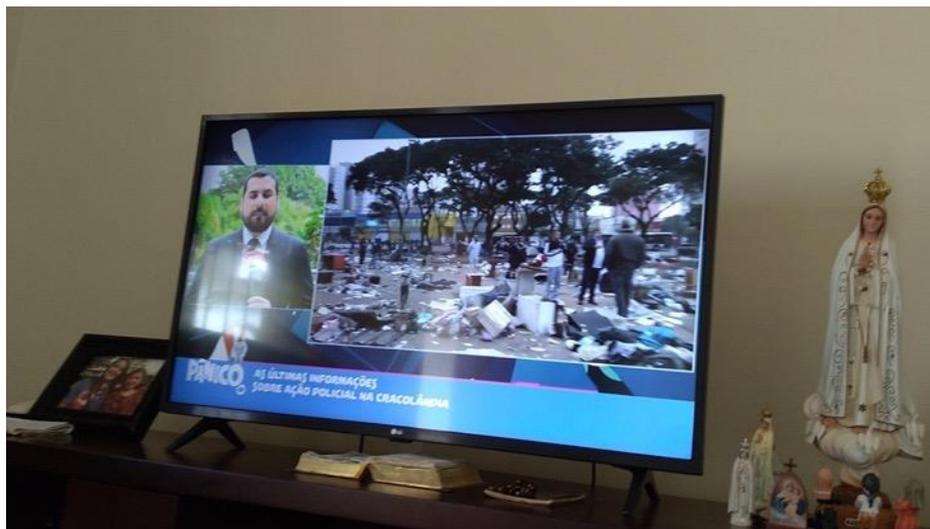
Como vimos até aqui, o dia 22 de março de 2022 é um exemplo de quando a temporalidade da realidade social corresponde com muito de sua representação na realidade *online* do *Twitter* (Figuras 9, 11 e 12), ainda que isto não signifique que o que acontece na plataforma é, predominantemente, reflexo do que acontecia na “Cracolândia”. O deslocamento da maior parte do “fluxo” para a Praça Princesa Isabel de fato se completou na proximidade do dia 22 de março, mas a representação desta população habitando a Praça não prevalece em nenhum momento dos oito meses investigados nesta pesquisa. Em 67% da totalidade das fotografias coletadas (269 das 401 fotografias totais), a “Cracolândia” é retratada em outras localidades da região central. A representação da Praça (que aparece em 133 das 401 imagens observadas) é mais notada antes da ação da operação “Caronte” do dia 11 de maio de 2022, mas não de forma significativa: 55% dos *tweets* que registram a Praça acontece entre 1 de janeiro e 10 de maio de 2022, ou seja, os demais 45% foram publicados quando o “fluxo” já deixava o local.

Nem mesmo nosso marco temporal, uma operação de proporções midiáticas, que resultou na retirada de centenas de pessoas do “fluxo” da Praça Princesa Isabel e envolveu cerca de 500 agentes das forças policiais paulista e paulistana, traz reflexo preciso da temporalidade da realidade social para o *Twitter*. Apesar de a maior concentração de fotografias publicadas nos oito meses pesquisados acontecer entre o dia da operação (11 de maio de 2022) e o final do período de análise (31 de agosto de 2022), são os perfis das mídias profissionais que mais correspondem ao calor dos fatos e impulsionam o aumento de publicações a partir da operação “Caronte”. Como vimos, os perfis da mídia profissional na plataforma publicaram 116 dos 335 *tweets* obtidos como amostra. Destes 116, apenas 32 foram feitos antes da operação e 84 desde seu acontecimento. Os demais usuários, que publicaram 219 das 335 publicações totais analisadas, se mantiveram estáveis durante os oito meses de pesquisa: 113 *tweets* foram feitos antes e 106 a partir do dia 11 de maio de 2022, quando a operação “Caronte” aconteceu.

Importante lembrarmos também que toda publicação feita no *Twitter* está suscetível a ser replicada, amplificando a repercussão destas e, portanto, de seus conteúdos, o que traz outra camada para o entendimento de temporalidade e imediatismo da plataforma. Foi possível identificar que 189 das 335 publicações analisadas foram replicadas por meio da ferramenta *retweet*. Estas foram reproduzidas 2.781 vezes, a partir de suas publicações originais. Deste total de replicações, constatamos que a maior parte (1.894 *retweets*) foi feita na primeira metade do período pesquisado, entre 01 de janeiro e 10 de maio de 2022, ou seja, antes da principal ação da operação “Caronte” ser deflagrada na Praça Princesa Isabel. Podemos notar como as dinâmicas de temporalidade da mídia profissional – que tende a publicar mais conforme a intensificação da presença policial na “Cracolândia” – não é a mesma da que prevalece no *Twitter*, já que a maior parte das demais publicações e de suas replicações aconteceram antes mesmo do dia 11 de maio de 2022, quando o fato mais importante do período pesquisado aconteceu.

A dinâmica imediatista da plataforma parece induzir seus usuários a outros tipos de temporalidades, trazendo como consequência novas compreensões sobre o próprio significado do termo. A popularização das câmeras digitais, que vem se desenvolvendo ao mesmo tempo que as redes sociais *online* ganham espaço determinante no nosso imaginário social, trouxe consigo uma enorme produção de imagens feitas pelos próprios usuários das plataformas, quando estes procuram responder a eventos de crise (Vis, et.al., 2014). Se, no caso da mídia profissional, vemos até a reprodução de excertos de vídeos sendo automaticamente transformados em fotografias ilustrativas (Figura 13), como forma de corresponder imediatamente ao que é noticiado da realidade social, vemos outra forma de reprodução acontecendo entre os demais usuários: 26 das 335 publicações coletadas nesta pesquisa (7,8% do total) apresentam registros de televisores, cujas telas projetavam imagens de reportagens que se referiam à “Cracolândia”. Somando ambos os casos – as reproduções de vídeos e as fotografias de outras telas, 21,2% das publicações (ou 71 das 335 totais) utilizaram destas práticas para mencionar imagetivamente a “Cracolândia” no *Twitter*.

Figura 14 – As fotografias de telas



Fonte: Reprodução/Twitter¹³¹.

Como se não fossem suficientes as distâncias sociais, que nos colocam como diferentes daqueles que, assim como nós, são privados da plena cidadania (Santos, 2002a) e as distâncias imagéticas, reveladas pela predominância de fotografias que observam o “fluxo” apenas como massa de gente, misturada a objetos e destituída de singularidades, uma nova distância se revela com o retrato de uma tela de televisão. O que sobra da realidade social, quando a olhamos em uma imagem como esta (Figura 14), é menos que o próprio entorno que a acompanha. Num aparador escuro, vemos o aparelho de TV dividir os demais pertences entre um porta-retratos, à esquerda, e um pequeno santuário católico, à direita. Ao centro, abaixo da própria televisão, uma Bíblia aberta, cujo dourado decorativo das páginas parece ser o próprio causador do brilho que, na tela da TV, ofusca parte da “Cracolândia” que se apresenta. Não é possível saber quem são aquelas pessoas que enfeitam o porta-retratos, mas já vimos fotografias como esta enfeitarem inúmeros aparadores, assim como imagens que revelam a religiosidade de quem ali habita.

Este lugar, o lar com seus identificadores de conforto, proteção e afeto, tão conhecido do nosso imaginário, é o oposto do que a imagem procura revelar. Naquela parte da superfície televisiva, vemos um horizonte distorcido separar árvores do que restou do “fluxo”, momentos após o fim da ação da operação “Caronte” do dia 11 de maio de 2022. São poucas as pessoas que

¹³¹ Disponível em: <https://twitter.com/SergioSantosRN/status/1524414393571758080>.

aparecem na imagem, tão impossíveis de serem identificadas, que se misturam com a sujeira do chão. Talvez a sujeira seja mesmo identificadora da “Cracolândia” para os usuários do *Twitter*, ainda que boa parte venha do nosso próprio descarte, já que 59% dos frequentadores do “fluxo” afirmam trabalhar na coleta de recicláveis¹³². Sobra pouco quando se retrata a “Cracolândia” por meio de um fragmento de reportagem de vídeo, registrado de parte de uma tela de televisão. No universo das imagens técnicas, a realidade social ocupa menos da metade do quadro fotográfico que procura comentá-la, tirando dela suas complexidades:

Não se trata de apanhar o significado do mundo para torná-lo visível por reflexão: trata-se de conferir significado ao insignificante. Os aparelhos não são refletores, mas projetores. Não “explicam” o mundo, como o fazem as imagens tradicionais, mas “informam” o mundo. (Flusser, 2012, p. 71)

Na notícia estampada na tela, vemos o que melhor parece definir a intencionalidade de se fazer um registro como este. São as “últimas informações” do que acontecia na “Cracolândia” naquele momento. Mais do que efetivamente retratar, é preciso informar, numa nova forma de testemunhar a realidade:

[...] eye witnessing in this instance involves a mediated and spatially removed relationship to the unfolding crisis event. One technology, live TV, allow for still-image creation so that Twitter users can say and show: ‘This is happening right now!’ (Vis, *et.al.*, 2014, p. 395)¹³³

Possivelmente, a prática de se registrar telas de televisores esteja diretamente ligada a eventos de crises, para que estas funcionem como mediadoras e, ao mesmo tempo, provocadoras de interações sociais no *Twitter* (Vis, *et.al.*, 2014). Isto se intensifica ainda mais quando a fotografia procura preencher o quadro com a tela do televisor, excluindo os detalhes da vida cotidiana de seu autor e o lugar em que o aparelho de televisão está (Figura 15). A sensação de imediatismo parece ser o único intuito da imagem. “Urgente”, “agora”, “ao vivo”, palavras imperativas típicas do jornalismo televisivo, acompanham a fotografia que, publicada no *Twitter*, mostra apenas a força policial para falar da “Cracolândia”. Em 27 de maio de 2022, a Guarda Civil Metropolitana de São Paulo contou com o apoio de equipe do Grupo Especial de Reação (GER), equipada com carro blindado e atirador de elite.

¹³² Dado obtido em: https://lecuca.uniad.org.br/Relatorio-LECUCA22_Final.pdf. Acesso em 15/11/2023.

¹³³ Em livre tradução: “neste caso, o testemunho ocular envolve uma relação mediada e espacialmente descolada do evento de crise que se desenrola. Uma tecnologia, a TV ao vivo, permite que a fotografia estática seja criada, de maneira que os usuários do Twitter podem dizer e mostrar: ‘Isso está acontecendo neste exato momento!’”

Figuras 15 e 16 – A presença policial



Fonte: Reprodução/Twitter¹³⁴.

Ao todo, foram 15 *tweets* com fotografias sobre a “Cracolândia” publicados em 27 de maio de 2022, 14 deles com menção a esta nova investida policial, e 9 com fotografias de telas de

¹³⁴ Disponíveis em: <https://twitter.com/oallienigena/status/1530284122467352577> e <https://twitter.com/PaulXbrow2/status/1531011350322892800>

televisores que transmitiam imagens do carro blindado do GER. Não fosse a palavra “Cracolândia” escrita nas notícias dos canais televisivos, poderíamos não saber que as armas de alcance e precisão estavam apontadas para o “fluxo”. Segundo dados oficiais, a nova investida era um desdobramento da operação “Caronte”, que causou a dispersão do “fluxo” no dia 11 de maio e o cumprimento de mais de trinta mandados de prisão contra supostos traficantes da região¹³⁵. A saída do “fluxo” da Praça Princesa Isabel causou, em questão de semanas, a formação de novas aglomerações em novos endereços, dentre eles o cruzamento da Avenida São João com a Rua Helvétia (ponto 3 sinalizado na Figura 6). Deste território, vemos, apenas, parte da estrutura do elevador João Goulart ao fundo, as ranhuras por baixo das pistas e parte das colunas de concreto que as sustentam.

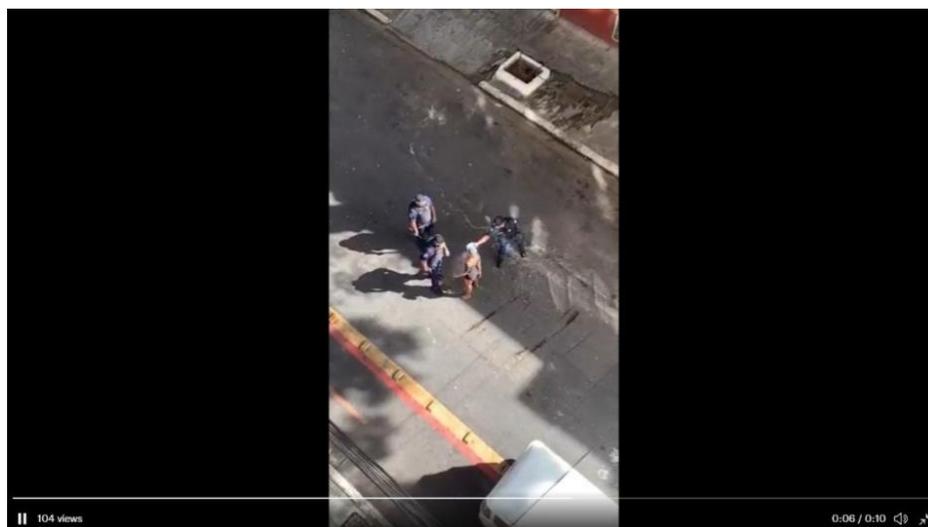
É neste mesmo espaço que uma fotografia sobre outra ação policial está publicada em *tweet* do dia 29 de maio de 2022 (Figura 16). À princípio, pela temporalidade da publicação, pode-se presumir que essa também retratava a operação policial do dia 27 de maio, ou mesmo uma nova operação, que poderia ter sido realizada na sequência. Acontece que esta imagem é de operação anterior, ocorrida no dia 19 de maio de 2022. A fotografia estampou a primeira página do jornal *Folha de S. Paulo*, em 20 de maio de 2022, e é de Danilo Verpa, o mesmo fotógrafo que retratou a operação “Caronte” de 11 de maio de 2022 (Figura 7). Aqui, vemos mais uma vez o recurso que confere a um único indivíduo, um policial de costas para nós, poder absoluto sobre os demais que aparecem no quadro. O rosto, assim como antes, não é necessário para compreendermos sua autoridade. Assim como na reprodução da tela de TV (Figura 15), luz do dia e armas empunhadas trazem maior nitidez para a dinâmica de poder e, desta vez, finalmente identificamos melhor quem é o participante do “fluxo”, mesmo que simbolicamente: abaixo do corpo policial está o corpo de um homem negro, sentado no chão como os demais, com o rosto descoberto, no limite entre a nitidez focal da câmera e o completo desfoque que transforma os demais numa massa de gente, desprovida de qualquer de suas individualidades. No retrato da realidade social que acontece no *Twitter*, é raro notarmos o “fluxo” desta forma.

A identificação de indivíduos é maior entre os agentes públicos do que dos habitantes do “fluxo”, mesmo quando não identificamos seus rostos. Das 401 publicações obtidas como amostra, foram 142 (35,4%) as possíveis de identificar ao menos um indivíduo em destaque e com maior nitidez. Ainda que baixo, o número só cresce com a presença policial: são 76 fotografias em que a

¹³⁵ Em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/05/27/nova-operacao-na-cracolandia-tem-veiculo-blindado-e-atirador-de-elite.htm>. Acesso em 16/11/2023.

identificação foi possível por conta de suas aparições. Soma-se a este número outras 14 fotografias em que outros agentes públicos – equipes de limpeza urbana, agentes de saúde e assistência social – foram identificados. Os habitantes do “fluxo” são identificáveis em apenas 52 imagens, a exemplo do que aconteceu na Figura 16. As forças policiais não são apenas visíveis por suas vestimentas, elas se fazem presentes pela maneira como atuam no local, controlando o espaço, utilizando armas e até mesmo truculência. É o que encontramos no *Twitter*, mesmo em imagens que são reproduções de vídeos de baixa qualidade, produzidos por câmeras de celular e em formato vertical (Figura 17).

Figura 17 – A reprodução de tela com captura de vídeo



Fonte: Reprodução/*Twitter*¹³⁶.

Em 28 de maio de 2022, um vídeo que testemunha a coação e agressão de uma mulher por três agentes da Guarda Civil Metropolitana (GCM) circula nas redes sociais. Em cerca de 30 segundos, vemos a mulher ser perseguida pelos agentes, agredida com um cassetete enquanto caminha e receber um disparo de spray diretamente contra seu rosto. O vídeo, além de ser reproduzido integralmente em *tweets* de usuários, também foi transformado em imagem estática por outros, inclusive por perfis da mídia profissional. O caso é aqui exemplificado pela primeira publicação que o utilizou desta forma, um *tweet* feito pelo perfil do portal de notícias *Revista Fórum*. Nele, é possível reconhecer que o excerto foi criado a partir de vídeo publicado no próprio

¹³⁶ Disponível em: <https://twitter.com/revistaforum/status/153070569427701632>.

Twitter, enquanto era reproduzido em tela de computador. A verticalidade da filmagem faz com que vejamos as laterais pretas da tela ocuparem a maior parte do quadro, além de notarmos as informações de duração e comandos que a plataforma disponibiliza para a visualização de vídeos.

Tantas intervenções transformam o foco da imagem em uma de suas menores partes, ainda que esteja centralizada. O excerto publicado pela *Revista Fórum* seleciona o momento em que um dos policiais dispara o spray contra o rosto da vítima. Podemos notar os respingos do jato pouco abaixo de sua cabeça, antes mesmo de a vítima esboçar qualquer reação, e a proximidade do policial ao cometer o ato. Não fossem as informações textuais das publicações e das reportagens nelas vinculadas, dificilmente associaríamos esta imagem à “Cracolândia”, dada a ausência dos identificadores imagéticos que nos são facilmente assimiláveis. Mesmo para quem frequenta a região central de São Paulo, não há qualquer característica comum deste espaço que esteja registrada na imagem e sequer é possível afirmar se o carro que aparece na imagem está em movimento ou estacionado. Também não é possível identificar quem é a pessoa sendo agredida pelos policiais apenas observando o excerto de vídeo, nem mesmo seu gênero. Como vimos, a representação do “fluxo” nas imagens do *Twitter*, mesmo quando registra individualmente uma das pessoas que o integram, dificilmente traz informações identificáveis sobre ela.

A angulação com que a cena foi capturada nos permite afirmar que o vídeo foi feito de andar de edifício próximo à cena. É um lugar privilegiado para tal registro, já que, assim, cria-se maior espaçamento entre os corpos, trazendo mais clareza de quem são, mesmo em um registro de pouca definição. Talvez esta seja a característica que melhor revela a necessidade de seu testemunho. O vídeo, assim como seu excerto ilustrativo, são registros imediatos para se denunciar uma ação truculenta da polícia, muito antes de qualquer preocupação estética ou subjetividade intencional de seu autor. Publicado da forma como vemos, tal testemunho parece voltar à expectativa de que as palavras expliquem as imagens, muito mais do que as imagens possam nos trazer aquilo que as palavras não nos dão conta de explicar (Sontag, 2004). No contexto imediatista do *Twitter*, seu caráter amador também parece conferir maior veracidade ao que registra, confirmando um entendimento comum do que é válido enquanto documento fotográfico:

Na fotografia de atrocidades, as pessoas querem o peso do testemunho sem a nódoa do talento artístico, tido como equivalente à insinceridade ou à mera trapaça. Fotos de acontecimentos infernais parecem mais autênticas quando não dão a impressão de terem sido “corretamente” iluminadas e compostas porque o fotógrafo era um amador ou – o que é igualmente aproveitável – adotou um dos diversos estilos sabidamente antiartísticos. Ao voarem baixo, em termos artísticos, essas fotos são julgadas menos manipuladoras – hoje,

todas as imagens de sofrimento amplamente divulgadas estão sob essa suspeita – e menos aptas a suscitar compaixão ou identificação enganosas. (Sontag, 2003, p. 26)

Pouco importa se é a reprodução de um excerto de vídeo feito com câmera de celular, com enquadramento vertical e de pouca definição, publicado com margens e desnecessárias informações do tocador que executava o vídeo no momento da captura. A autenticidade do que relata é o que comprova a necessidade de ser publicada no *Twitter* a todo custo. Mas esta não é a regra para todo material de caráter noticioso que vemos na plataforma.

Figura 18 – O “fluxo” na altura do olhar, à distância



Fonte: Reprodução/*Twitter*¹³⁷.

Em 14 de junho de 2022, mais um desdobramento da operação “Caronte” aconteceu contra o “fluxo”, novamente no cruzamento da Rua Helvétia com a Avenida São João. A ação foi prontamente noticiada no *Twitter*, a exemplo da conta oficial do portal de notícias *iG Último Segundo*, que publicou, simultaneamente, o fato em seu site e na plataforma. Apesar de o *tweet* corresponder ao próprio dia da ação, não é possível afirmar o mesmo sobre a fotografia que o ilustra (Figura 18). Nela, sequer vemos a presença policial ou de qualquer outro agente público atuando no local. Como vimos, um registro sem qualquer interesse estético ou subjetividade intencionalmente provocada por seu autor é publicável por denunciar imediatamente um fato (Figura 17), ou, no caso de outros, o simbólico prevalece aos fatos, com o intuito de assimilar

¹³⁷ Disponível em: <https://twitter.com/ultimosegundo/status/1536870947663249408>.

imageticamente a “Cracolândia” a território e dinâmica de fácil compreensão (Figura 8). Neste caso (figura 18), vemos que um registro sem qualquer presença do poder público, data especificada de sua produção, ou mesmo ação relevante a ser denunciada, serve como ilustração da notícia de uma das inúmeras ações policiais contra o “fluxo” e a “Cracolândia”.

Este é um exemplo explícito da retratação das pessoas que compõem o “fluxo” na qualidade de multidão destituída de particularidades. A perspectiva da altura do nosso olhar, prioritária nas fotografias encontradas, ajuda a achatar, aglutinar esta população, fazendo com que centenas de pessoas se tornem uma coisa só. Aqui, não há respiro para o horizonte, muito menos impedimentos entre o autor da imagem e seu assunto de interesse, apenas uma distância proposital, como se o autor procurasse registrar aquela presença sem se colocar como participante de qualquer aspecto do que ela significa. Não é possível identificarmos individualmente qualquer das pessoas registradas, mesmo aquele que, mais próximo da câmera, caminha de costas para o autor, em direção ao “fluxo”. A tranquilidade de seu caminhar parece reforçar que a imagem, definitivamente, não tem qualquer relação com a chegada de agentes policiais ao local.

Neste caso, preencher a marcação do horizonte com os habitantes da “Cracolândia” (mesmo recurso já observado nas figuras 7 e 13) não cria apenas a sensação de a multidão ser capaz de extrapolar os limites do quadro, cria também a nítida sensação de que existe um bloqueio. Se a ideia de que o “fluxo” ocupa indevidamente o espaço das ruas centrais da capital já estava presente e naturalizada (como visto na Figura 8), quando este aspecto é retratado na horizontalidade do nosso olhar, ele é visto atravessando a via em sua totalidade, trazendo de forma ainda mais contundente a mensagem de que o “fluxo” de pessoas não permite que o fluxo de carros aconteça. No nosso entendimento da normalidade funcional das cidades, estas pessoas a impedem de fluir, como se a ideia de dinamismo da metrópole fosse impossibilitada por um problema. Vimos como a região central da capital paulista é alvo da especulação imobiliária e sua degradação serve, muitas vezes, ao propósito de posterior valorização, com novas construções e a chegada de outras populações. Mesmo sem revelar as tantas características históricas do centro da cidade, a imagem sugere o confronto entre o que está, e o que deveria ser:

(...) na questão da remodelação do centro urbano, pelo menos duas óticas se defrontam, a da economia política e a da memória urbana. A economia política da cidade supõe o jogo das forças de mercado mais a regulação por ação ou omissão do poder público. Quanto à memória, tanto ela pode ser herdada do passado, como, simplesmente, projetada no futuro. A paisagem é uma herança que pode ou não ser preservada; ela também pode ser deliberadamente construída para tornar-se simbólica. Em qualquer caso, nas cidades que

acordam tarde para este seu dever, a idéia e a prática de defender o patrimônio histórico defrontam-se com as tendências já fortemente estabelecidas pelo que, hoje, se chamaria de especulação inercial. (Santos, 2002b, p. 24)

Quando percebemos as camadas históricas do centro da capital paulista na própria imagem (como é o caso do contraponto entre as figuras 8 e 9), a sensação de que o “fluxo” impede a cidade de acontecer se desdobra de outras maneiras, mas não menos contundentes. De toda forma, o corpo circulante da “Cracolândia” que o *Twitter* revela vai se tornando argumento para justificar a ideia de que a transformação deste espaço só é possível se ele for extirpado dali. São poucas as imagens encontradas nesta pesquisa em que é possível identificá-lo individualmente (apenas 103 das 401 fotografias, ou 25,6%, sugerem maior proximidade com a população registrada), e mesmo quando são notados, a distância ainda prevalece. É raro, segundo o que estas fotografias nos dizem, que qualquer participante do “fluxo” seja efetivamente retratado (a exemplo do que acontece na Figura 16). Quando isto finalmente acontece, não há a garantia de protagonismo, muito menos de reconhecer suas individualidades. Além da distância física entre fotógrafos e fotografados, há a distância simbólica, igualmente criada a partir de decisões técnicas de enquadramentos, angulações e escolhas focais (Camargo, 2019):

Figura 19 – O corpo fora da multidão



Fonte: Reprodução/*Twitter*¹³⁸.

¹³⁸ Disponível em: <https://twitter.com/correiodamanha1/status/1522272651489812481>

Voltamos uma última vez à Praça Princesa Isabel para observar como uma ação de limpeza urbana coordenada pela Guarda Civil Metropolitana foi retratada no *Twitter* (Figura 19). No dia 5 de maio de 2022, menos de uma semana antes de o “fluxo” ser expulso da Praça pela operação “Caronte”, inúmeros agentes públicos são vistos retirando entulho da Praça, enquanto apenas uma pessoa é vista em situação dissonante das demais. Deitada no chão, enrolada em cobertor, com meias verdes aparentes e apenas uma sandália em seu pé esquerdo, parece em sono profundo. Seu corpo, mesmo em primeiro plano, parece descolado de seu entorno. Esta sensação não se dá apenas por sua expressão corporal, mas também porque o fotógrafo, apesar de próximo, não escolhe se abaixar ao plano do chão, onde aquele está, mas sim rotacionar para baixo seu enquadramento, permitindo que sua câmera registre o corpo circulante da “Cracolândia” sem precisar se igualar a sua altura. Independente das motivações de sua autoria, a escolha não é simples: se nos nivelamos junto àquele que está no chão, sua perspectiva cresce, seu protagonismo se revela, sem deixar de registrar aqueles que, ao fundo, também fazem parte do acontecimento. Quando decidimos permanecer à altura do mutirão de limpeza, escolhemos reduzir aquele ao lugar inferior não apenas do quadro, mas da perspectiva que o comprime ao chão e o diminui perspectivamente em relação aos demais.

Seria este um cidadão? Logo atrás de sua figura, vemos nos quadros que estão sendo retirados pela equipe de limpeza as palavras imperativas “Ame” e “Sonhe”. Elas falam àquele, cuja presença está prestes a ser destituída, ou a nós, que as lemos e nos apropriamos destes desejos? Estes objetos que vemos na imagem, além dos quadros, são mesmo entulhos ou eram os pertences de alguém? A mistura de significados que esta imagem implica nos revela ainda mais a ideia de que existe um impasse entre a urgência em se resolver um problema e a vida dos que ocupam aquele território, abrindo caminho para justificar a prevalência de uma economia política sobre a memória do espaço:

Deixado à lei do mercado, o centro velho será, ainda mais do que hoje, atrativo de atividade e residências pobres, agravando o contraste já presente entre valor venal dos terrenos, valor mercantil dos edifícios, valor locativo e de uso. A oposição agravada entre valor de uso e valor de troca virá acompanhada de uma tendência crescente à deterioração. E esta será tanto maior quanto for maior a rigidez dos regulamentos de uso, que não apenas desestimularão as construções segundo os gabaritos propostos, mas impedirão a própria conservação dos imóveis. A menos que se pense numa intervenção rápida e maciça. Mas aí retornaremos à questão da economia política e da memória, cuja oposição terá de ser resolvida pelo poder público. (Santos, 2002b, p. 25)

A depender do que vemos nesta e na maioria das imagens que circularam no *Twitter* nos oito meses observados por esta pesquisa, a cidade de São Paulo não apenas acordou tarde para seu dever

de preservação histórica, mas também vem colaborando com a ideia de que as únicas soluções possíveis para reverter sua degradação fazem parte desta economia política. O próprio poder público, com sua ostensiva intervenção policial sobre uma população como a do “fluxo”, revela a ideia de limpeza do espaço, em concordância com o principal argumento de que revitalizar o centro da capital paulista é submeter as particularidades de uma questão social de implicações políticas à política da economia, não da memória e da promoção da cidadania. É o que sugerem as próprias imagens da Praça Princesa Isabel, antes tomada pelo “fluxo”, depois desabitada, cercada por grades e à espera da iniciativa privada para mantê-la. A imagem da “Cracolândia” que vemos no *Twitter*, ainda que incompleta e de dinâmicas próprias, parece reverberar isto.

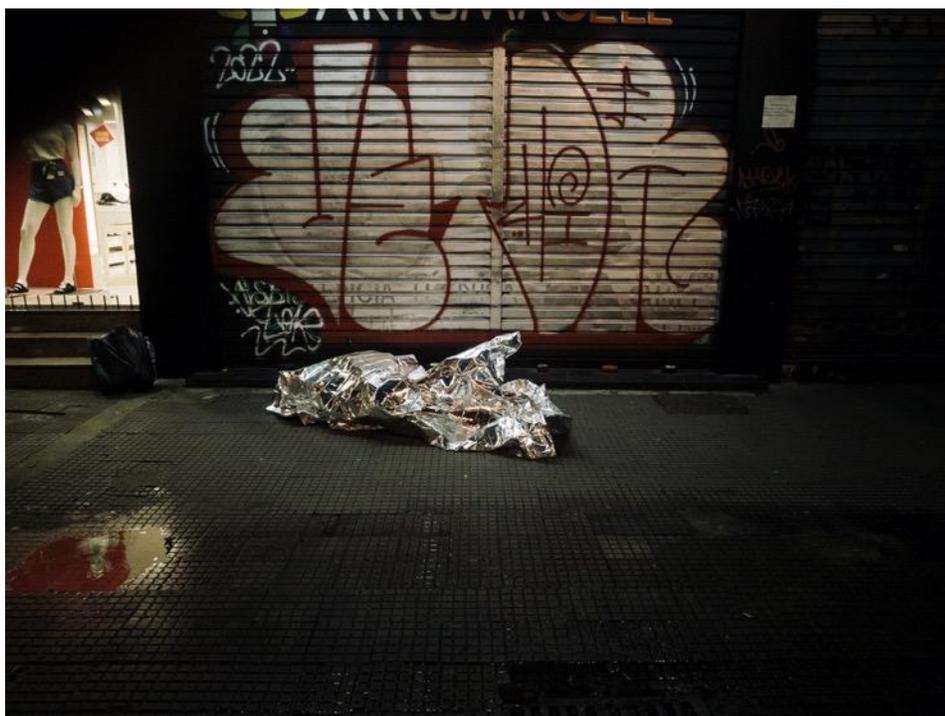
CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidadania, sem dúvida, se aprende. É assim que ela se torna um estado de espírito, enraizado na cultura. É, talvez, nesse sentido, que se costuma dizer que a liberdade não é uma dádiva, mas uma conquista, uma conquista a se manter.
(Milton Santos)

Ainda que pareça uma temática limitada em si mesma, falar das fotografias sobre a “Cracolândia” que circulam no *Twitter* é também falar das fotografias que nos revelam quaisquer outras questões incômodas, que nos convidam a discutir e refletir sobre elas e do lugar onde elas circulam – não apenas as redes sociais *online*, mas também aqueles que, historicamente, entendemos como espaços propícios para este tipo de fotografia, como o jornalismo, as galerias de arte e os museus. Enquanto a investigação aqui apresentada se desenrolava, seus questionamentos reverberavam em minha própria prática fotográfica. Que imagem seria capaz de atravessar tantas camadas e, após tamanho percurso, ainda sensibilizar aquele que a encontra na tela de um dispositivo portátil, não muito maior que a palma de sua própria mão, permeada por *tweets* de todo tipo?

Com a câmera do aparelho celular sempre à disposição, passo a fotografar cenas que encontro pelo centro de São Paulo que remetam às questões cotidianas de exclusões (Figura 20). Como num quebra-cabeça de impressões, procuro falar deste corpo velado dos espaços públicos, coberto por cobertores, refugiado em barracas e até mesmo em plásticos laminados e brilhantes, sem de fato mostrá-lo. Para quem mora, trabalha ou transita constantemente pela região, é notável o aumento da população morando nas ruas, assim como as consequências das investidas policiais sobre a “Cracolândia”. Este corpo não é invisível em nenhum aspecto. Invisível é o que fazemos ele parecer ser, como se não apenas negássemos sua humanidade, mas também justificássemos a nossa própria ideia de cidadania conquistada, ao separar sua presença do mesmo espaço que nós habitamos. É possível falar deste corpo que insiste circular por aquelas ruas, povoadas pela troca financeira do comércio, da especulação imobiliária, pelos que pagam por moradia e fazem parte do mercado de trabalho, sem violar sua própria imagem? Como transmitir tamanha violência do nosso processo sistemático de negação de cidadania em uma fotografia que, além de executada, precisa atravessar todas as camadas tecnológicas e, ainda assim, implicar e sensibilizar ao outro?

Figura 20 – Uma imagem imaginada



Fonte: João Bertholini

O insucesso desta tarefa, sabemos, é certo. Não é próprio das artes a entrega de soluções, fórmulas e métodos completos, mas sim o entendimento de que é importante persistir na busca e no questionamento diante dos incômodos quanto a nossa própria humanidade – ou a falta desta. A fotografia, ainda que tenha quebrado ideias hegemônicas e elitistas das artes quanto à aura irreprodutível de uma obra, como Benjamin nos mostra, carrega muitos dos recursos artísticos que ela mesma rompeu. Pode não ser do intuito da fotografia se tornar unicamente arte, mas ela certamente utiliza deste campo para permanecer relevante, e ter a capacidade de falar de forma abrangente sobre complexidades. Num espaço como o *Twitter*, tais recursos não parecem tão capazes de atravessar barreiras, no intuito de responder com suas subjetividades à ausência de significados e tamanho imediatismo.

Ao olhar o imaginário sobre a “Cracolândia” que povoa o *Twitter*, é inevitável a sensação de que o entendimento da prática fotográfica precisa de novas interpretações e significados. Muitas das subjetividades aqui observadas não parecem vir do entendimento prévio de que todo autor de imagens produz tais subjetividades de forma intencional, ou mesmo que uma fotografia é aquela que congela um instante no clicar de um botão, já que ela também pode ser gerada automaticamente

por programação preparada para transformar um excerto de vídeo em uma imagem. O que pode ser a mera intenção de ilustrar um *tweet* se transforma na geração de uma fotografia que vai nos comunicar algo, criar subjetividades e impulsionar novos sentidos, inclusive o entendimento de uma realidade como a da “Cracolândia”. Para além dos exemplos encontrados nesta investigação, outros desdobramentos vêm surgindo, como o surgimento e o rápido aprimoramento das imagens geradas por inteligência artificial, que, certamente, ampliam possibilidades na mesma medida com que implicam novos desafios para compreendermos a imagem enquanto um retrato possível da realidade social e suas tantas complexidades.

A fotografia parece ser reflexo dos paradoxos da atualidade: ao mesmo tempo que aumentamos a possibilidade de criá-las, seja pelo fato de que qualquer usuário de uma rede social *online* com uma câmera em seu *smartphone* pode registrar, publicar, replicar e conduzir visões de mundo ou de que podemos simplesmente criar uma imagem artificialmente, também vivemos um tempo em que o testemunho lúcido, ético e comprometido do mundo se faz muito necessário¹³⁹. Sim, as fotografias que estão no *Twitter* espelham muitas das questões da realidade social da “Cracolândia”, mas não trazem a dimensão esperada (ou talvez desejada) por quem acredita (ou, ao menos, acreditava) no potencial que uma imagem tem de atravessar obstáculos para, com sua força subjetiva, trazer ao seu observador questionamentos muito além daqueles que as palavras de um *tweet* procuram dar conta ou da suposta racionalidade absoluta de uma notícia, dentre outros exemplos tão comuns de uma sociedade tão permeada por imagens e informações.

Este espelhar da realidade proporcionado pelas fotografias que vemos no *Twitter* é difuso e distante, não encurta as distâncias entre o que vemos e nossa própria sensibilidade e entendimento da realidade. Estas imagens caminham mais para nos mostrar como, apesar da aceleração e profusão de imagens e debates que vemos nas redes sociais *online*, são os significados do que entendemos ser uma imagem que mudam, muito mais do que a possibilidade de, ali, estas imagens nos servirem como reveladoras da brutalidade que é a explícita negação de humanidade em casos como o da “Cracolândia”. Se a cidadania é um exercício que se aprende e que se mantém cotidianamente para que seja enraizado em nossa cultura, não parece haver por parte de um

¹³⁹ Em sua lista com as principais fotografias do ano de 2023, a revista norte-americana *Time* pontua que, em um ano dominado pelo rápido crescimento das imagens produzidos por inteligência artificial, há uma responsabilidade ainda maior de o fotojornalismo atue em sua máxima integridade. Disponível em: https://time.com/6337364/top-100-photos-2023/?utm_source=Novo+mailing&utm_campaign=34440f4666-EMAIL_CAMPAIGN_2018_10_05_07_33_COPY_01&utm_medium=email&utm_term=0_49ed65a6ea-34440f4666-147771925. Acesso em 29/11/2023.

território tão rico de possibilidades e debates permeados por imagens um espaço para que tal exercício aconteça. O que se vê no *Twitter* é a formação de novas ideias de temporalidades, uma construção fragmentada da realidade social, e não apenas no sentido do que já sabíamos – de que tanto as notícias, as imagens e os relatos nunca deram conta de falar do todo, mas sim um outro tipo de fragmentação, permeada por telas, impressões difusas, imediatismos incompletos, repetições imagéticas sem grandes contextualizações e até de intencionalidades que sequer foram premeditadas.

Olhar uma fotografia sobre a “Cracolândia” no *Twitter*, portanto, parece mais nos distanciar daquela realidade social do que nos implicar enquanto participantes ativos daquilo que testemunhamos. Se a fotografia, suas subjetividades e possibilidades, tem o potencial de encurtar distâncias, no contexto da plataforma o efeito parece ser o contrário. Isto se dá tanto por vermos tais imagens com tamanho acesso, facilidade e intermediações tecnológicas, quanto pelas próprias imagens que nos são ofertadas neste ambiente. Quando entramos em uma rede social como o *Twitter*, sabemos que não vamos nos expor apenas às notícias ou aos relatos de amigos e conhecidos. Estamos expostos a toda sorte de conteúdo, fazendo com que o que entendemos como informação seja consequência de estarmos virtualmente presentes no ambiente da plataforma. Sim, podemos interagir tanto quanto assimilar o que nos é ofertado pelos demais usuários, mas isto não significa que vamos ter acesso às imagens que melhor puderem captar as complexidades de uma realidade tão digna de atenção quanto a da “Cracolândia”. Como vimos, não é do intuito da própria plataforma que tais imagens efetivamente falem sobre a “Cracolândia”. É mais importante que algo sempre seja dito, independentemente do que, e que isto aconteça junto de imagens que o ilustrem, a despeito de como elas foram criadas ou do que efetivamente nos revelam.

Olhar, observar fotografias é algo tão complexo quanto o próprio ato de fotografar. Se todos são participantes das discussões que surgem no *Twitter*, então estamos todos implicados nas imagens que publicamos, produzimos ou simplesmente observamos. A dinâmica da realidade social, que nos separa entre quem é ou não cidadão, ainda que nenhum de nós sejamos, de fato, cidadãos, parece se espelhar na dinâmica das redes sociais *online*: estamos presentes nos debates, ainda que não nos entendamos como participantes efetivos. A única afirmação possível, diante deste cenário, é mesmo a de que as imagens da “Cracolândia” que vemos no *Twitter* apenas parecem peças de um quebra-cabeças. Quem se dispuser a montá-lo, na expectativa de

compreendê-la, será frustrado não apenas por não chegar a uma imagem menos difusa e mais condizente da realidade, mas também porque não saberá que suas peças sequer se completam.

Não é possível uma conclusão concreta para uma investigação como esta. A literatura consultada para esta reflexão já nos ensina que é próprio dos estudos da imagem reflexões que mais nos abram questionamentos do que nos tragam respostas definitivas. A fotografia e suas particularidades seguem mudando, muito por refletirem não apenas a realidade social, mas as próprias tecnologias e lugares onde é exibida. Susan Sontag, antes mesmo do surgimento destas novas plataformas, se questionava se uma fotografia criava solidariedade na medida em que atrofiava esta mesma intenção, já que sequer existem provas de que isso seja verdade. E, talvez, não seja mesmo verdade. Mas há de se acrescentar a este debate que as redes sociais *online* nos servem como laboratório possível para compreendermos melhor o papel das fotografias nesta busca. Representar a “Cracolândia” para os usuários do *Twitter*, como vimos, pode sequer ter qualquer intuito solidário. Se as redes sociais *online* vêm negociando constantemente com seus usuários novas maneiras de compreendermos o mundo, a fotografia certamente é mediadora e participante desta negociação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Júlia Ferreira de. *A fotografia e as redes sociais digitais*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

AMÁ, Vitória Prieto, e MARTINO, Luis Mauro Sá, e MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. *Atravessamentos do tempo e do olhar na imagem jornalística de vidas precárias da “cracolândia” (SP)*. Braz Journal. Brasília, v.17-02, p. 452-487, 2021.

ARRUDA, Marcel Segalla Bueno. *A Cracolândia muito além do crack*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. 1ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2015.

_____. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 1ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2011.

BOGOST, Ian. *The age of social media is ending*. The Atlantic, 2022. Disponível em <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2022/11/twitter-facebook-social-media-decline/672074/>. Acesso em: 10 de novembro de 2022.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CAMARGO, Denise. *O achatamento da perspectiva: leitura de uma imagem de morte e violência*. Studium. Campinas, SP, n. 17, p. 66-74, 2019.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: 1*. São Paulo: Paz & Terra, 2013.

CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política*. 1ª edição. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

_____. *A sociedade contra o estado*. São Paulo: Ubu, 2017.

ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

ENGELS, Friederich, e MARX, Karl. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: L&PM, 2001.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FANON, Frantz. *Alienação e liberdade: Escritos psiquiátricos*. São Paulo: Ubu, 2020.

FLUSSER, Vilém. *O universo das imagens técnicas*. 1ª edição. São Paulo: Annablume, 2012.

_____. *Filosofia da caixa-preta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2014.

GONÇALVES, Jeferson Moreira. *Do toque ao touch: a hiperconexão como regime contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2022.

GOMES DA SILVA, Erisvânia, e MALUF-SOUZA, Olimpia, e SILVA, Valdir. *No fluxo: análise da #cracolândia como um sistema dinâmico complexo*. DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem. Pouso Alegre, No. 14, p. 87-104, 2021.

HAN, Byung-Chul. *No enxame: perspectivas do digital*. 1ª edição. São Paulo: Vozes, 2018.

KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Boitempo, 2020.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LA ROCCA, Fábio. A reprodutibilidade tecnológica da imagem. *Tessituras, Pelotas*, v. 2, n. 2, p. 114-128, jul./dez. 2014.

LA ROCCA, Fabio. Territórios híbridos: conectividade e experiências comunicativas tecnometropolitanas. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, vol. 23, núm. 3, set/dez/2016. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LA ROCCA, Fabio. A mutação visual do mundo social. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, vol. 3, núm. 2, 2017, p. 25-31.

LA ROCCA, Fabio. *A cidade em todas as suas formas*. Porto Alegre: Sulina, 2018

LEVY, Pierre. *A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2022.

MANZANO, Marcelo. *O que há por baixo do guarda-chuva das “plataformas digitais?”*. Ciências do Trabalho. São Paulo, No. 21, p. 01-05, 2022.

MARCUSE, Herbert. *Tecnologia, Guerra e fascismo*. São Paulo: Unesp, 2001.

MARIREDER, Axel, AUSSERHOFER, Julian. *Political discourses on Twitter: Networking topics, objects, and people*. Em *Twitter and society*. Organização de Katrin Weller. Nova Iorque: Peter Lang Publishing, 2014.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. 1ª edição. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2007, 18ª edição

MENEZES, Leticia Ferreira. *Entre a saúde e a repressão – políticas públicas na região da “Cracolândia” SP*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

NAAMAN, Mor, BOASE, Jeffrey, LAI, Chih-Hui. *Is it really about me? Message content in social awareness streams*. Em *Proceedings of the 2010 ACM Conference on Computer Supported Cooperative Work*. Nova Iorque: ACM Press, 2010.

OTT, Brian L. *The age of Twitter: Donald J. Trump and the politics of debasement*. *Critical Studies in Media Communication*, número 34, volume 1, 2017.

PASQUALE, Frank. *The black box society: the secret algorithms that control money and information*. Cambridge: Harvard University Press, 2015.

REGUILLO, Rossana. *De las violências: caligrafía y gramática del horror*. *Desacatos*, número 20, setembro – dezembro, 2012.

RIBEIRO, Ana Carolina Fróes. *Tradição, Nacionalismo e Modernidade: O Monumento Duque de Caxias*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2006.

SANTOS, Milton. *Espaço e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. *O espaço do cidadão*. 7ª edição. São Paulo: Edusp, 2002a.

_____. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. 1ª edição. São Paulo: Publifolha, 2002b.

_____. *Pobreza Urbana*. 3ª edição. São Paulo: Edusp, 2013.

_____. *Urbanização brasileira*. 5ª edição. São Paulo: Edusp, 2020.

SEGURADO, Rosemary. *Arte e Política*. Organização de Miguel Chaia. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

_____. *Entre a regulamentação e a censura do ciberespaço*. Revista Ponto-e-Vírgula. São Paulo: 2011. p. 52-70.

SILVA, Wagner Souza e. *Considerações sobre a presença do fotojornalismo no Instagram*. Triade: comunicação, cultura e mídia. Sorocaba, SP, v. 3, n. 6, p. 108-123, dez. 2015

_____. *Fotografia e interfaces digitais: Convergência entre construção, comunicação e significação*. Revista Geminis. Ano 6, número 1,

_____. *Pequena história da fotografia nas redes sociais*. Revista Estudos em Comunicação. Volume 1, número 26, maio 2018.

_____. *Photoviz: Expressões da Fotografia na Era do Big Data*. VIRTUAL: Intercom, 2021.

_____. *Redes de imagem e o telefotojornalismo*. Rio de Janeiro: Intercom, 2015.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. *Democracia e os códigos invisíveis*. São Paulo: Edições Sesc, 2019.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. 2ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

_____. *Sobre fotografia*. 1ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

SOUZA, Joyce, e SILVEIRA, Sergio Amadeu da, e AVELINO, Rodolfo. *A sociedade de controle: Manipulação e modulação nas redes digitais*. São Paulo: Hedra, 2021.

STIEGLITZ, Stefan, e DANG-XUAN, Linh. *Emotions and information diffusion in social media – sentiment of microblogs and sharing behavior*. Journal of Management Information Systems, volume 29, número 4, 2013.

VIS, Farida, FAULKNER Simon, PARRY, Katy, MANYUKHINA, Yana, EVANS, Lisa. *Twitpic-ing the riots: Analysing images shared on Twitter during de 2011 U.K. riots*. Em *Twitter and society*. Organização de Katrin Weller. Nova Iorque: peter Lang Publishing, 2014.

ANEXOS

Anexo 1 - Os tweets de janeiro de 2022

BLOWBACK NEWS @campeotti · Jan 1, 2022
CRACOLÂNDIA, SAO PAULO, SP, CAPITAL, CENTRO.

O pior cego é aquele que não quer ver.

Retrato fiel de uma sociedade que traz em si mesma uma severa anomalia.

Triste Brasil.

ALERTA PERMANENTE.



1 7 4

Piero @GinPiero2 · Jan 5, 2022
O João Doria já começou a exigir o passaporte sanitário na **cracolândia**?



2 5

PR RICARDO SAIBRO Deputado federal... @PrSaibro · Jan 5, 2022
Quero agradecer ao vereador Digão de São Vicente e meu amigo Dudu do mototáxi, pela recepção no bairro do Catiapoa, e na oportunidade fomos na **Cracolândia**, falar de Jesus e orar pelas idas que estão perdidas, minha palavra a vcs e gratidão
[#eudefendoestacausa](#)
Pr Ricardo Saibro



Thomaz Nokull @tiodonarguile · Jan 5, 2022
Replying to @AstolfiEduardo
E aqui temos a **Cracolândia**, parabéns aos envolvidos.



Sergio Eduardo Astolfi Mendes and Guilherme Bunger

1

Ana @g_garc2 · Jan 8, 2022
O governador que iria acabar com a **Cracolândia** faz o que? NADA!

Número de frequentadores da Cracolândia voltou a crescer em 2021



gazetabrasil.com.br
Número de frequentadores da Cracolândia voltou a crescer em 2021

62 205 530

maristela @mariste61740188 · Jan 6, 2022
Tem policiais invadindo as casas dos colegas "não vacinados" para humilhá-los! Polícia da Praça Princesa Isabel/ **Cracolândia** tem um slogan: Crack tem solução! Degenerado Barbie de lycra, deixou destruir o lugar! Estátua do Duque de Caxias! Puro método!



George S Patton @Alpha_Centauro · Jan 6, 2022
Mistura servida aos PMs que estão na Operação Verão na cidade de Caraguatatuba SP.
[Show this thread](#)



1 1 1

Nelson Carvalho @N_Carvalho - Jan 9, 2022
Número de frequentadores da **Cracolândia** voltou a crescer em 2021. / Agência Brasil



6 9 26

Feed Brasil @feedbrasilofc - Jan 11, 2022
Polícia Civil faz operação na **Cracolândia**, em São Paulo
feedbr.com.br/cotidiano/2022. via @FeedBRNoticias #Cracolândia #SP #SaoPaulo



9 16 26

Estrabão @EstrabaoNews - Jan 12, 2022
Questionado se vai ter lockdown na **cracolândia** Dória responde: "Não será preciso, eles já estão na nona dose sem ajuda do governo"



5 16

LOU @LOUnoticias - Jan 13, 2022
Moradores da **Cracolândia** já aplicaram oito doses, só hoje.



26 143 978

Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 - Jan 13, 2022
dia lindo em Essepe foi p/casa do caralho, fui na mini **Cracolândia** q era na rua do Boticário (foto), PM estourou eles foram p/Aurora/S.João, levei absorventes p/manas de lá, elas estão irreconhecíveis esqueléticas, entreguei alguns, acho q nem conseguem menstruar de tão fracas 😞+



Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 - Jan 13, 2022
dia lindo em Essepe

5 9 65

Portal R7.com @portalR7 - Jan 13, 2022
Bandidos usam hotéis da **Cracolândia** (SP) para vender drogas
Polícia prendeu seis homens no centro da cidade, inclusive o chefe do esquema criminoso, conhecido como "Wesley BMW"
r7.com/nylb



2 2 13

Correio do Povo @correio_dopovo - Jan 13, 2022
Repórter Record Investigação mostra a saga de famílias em busca de parentes na **Cracolândia**
bit.ly/3Ft5hb0



1 3

Aprizion Brasil News 1 @aprizion · Jan 13, 2022
(PortalR7.com) #Aprizion > Bandidos usam hotéis da **Cracolândia** (SP) para vender drogas

Polícia prendeu seis homens no centro da cidade, inclusive o chefe do esquema criminoso, conhecido como "Wesley BMW"
r7.com/nylb



4 30 81

MauMau @morlymo · Jan 18, 2022
Replying to @ochineso
bixo, a sp tem a **cracolandia** DKJLASKJLDKJLSDKAJL

por incrível que pareça isso aqui é no centro da cidade, do lado do metrô, se tu inventa de entrar ai no meio, saiba que vc só sai pelado ou morto



1

Jornalista Rosa Cunha @Conservadora191 · Jan 18, 2022
Alguém já foi exigir que os moradores da **Cracolândia** sejam inoculados com os medicamentos experimentais de uso emergencial?



15 84 188

Jornalista Rosa Cunha @Conservadora191 · Jan 18, 2022
ALGUÉM JÁ VIU PEDIREM PASSAPORTE VACINAL NA **CRACOLÂNDIA**?



4 30 81

tutui @Arthur82987808 · Jan 18, 2022
Replying to @luisasonza
Na **Cracolândia** 😞



7 37 126

Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · Jan 20, 2022
vc se imaginou morar numa barraca na miséria que é a **Cracolândia**?
vc se imaginou morar nessa miséria e essa barraca aguentar a chuva que acabou de cair em Essepê?
falaê prefeito cretino Ricardo Nunes?!
#CriseHumanitariaSP



7 37 126

Clóvis José @ClvisJos2 · Jan 22, 2022
Replying to @BlogdoNoblat
Enquanto isso na **cracolandia**!



7 37 126

Garizildo • comlurb @garizildo · Jan 23, 2022
Enquanto pandemia não cessa, gari distribui pão e água para moradores da Cracolândia em SP

Veja a matéria na íntegra: bit.ly/3KJBqx



🗨️ 🔄 ❤️ 📊 📤

ERICK BUENO BENETATTI @ErickBuenodeol2 · Jan 25, 2022
Pra acabar com a cracolândia, Bastava @jaibolsonaro tentar LEGALIZÁ-LA.
O @STFoficial ,o @governosp ,@CFOAB ,@psol50 ,todos se uniriam para exigir seu fim.e SUPREMO DARIA 48 H oara prender os drogaditos e traficantes.



🗨️ 🔄 ❤️ 📊 📤

Diégenes Silva @DiegenesS · Jan 27, 2022
Assim que sp se encontra, região central, Cracolândia está Abandonada...sp agoniza governador e Prefeito nada fazem... Tarcísio governador salvará nosso Estado.



🗨️ 1 🔄 2 ❤️ 3 📊 📤

SUSYBRITO @subrito17 · Jan 24, 2022
#sp1 Cracolândia problema difícil de resolver porque não há tratamento pra quem não quer largar o vício, parecem um bando de zumbis



🗨️ 🔄 ❤️ 📊 📤

Portal R7.com @portalR7 · Jan 27, 2022
SP: polícia cerca Cracolândia e prende ao menos 12 suspeitos de tráfico

Ação fechou a área em busca de traficantes. Até o começo da tarde, frequentadores tiveram de ficar sentados em rua bloqueada



🗨️ 2 🔄 3 ❤️ 22 📊 📤

ÓdioAosPolíticus @OdioDePolítico · Jan 27, 2022
1995 / 2022 Cracolândia!
Os governantes prometem todo ano, como sempre, que vão acabar com a Cracolândia. Só os tolos acreditam nessa conversa fiada de políticos. Povo otário iludido!
#Cracolândia #SP #SP #CORRUPCION #Corruptos #brasil
#OdioDePolíticos #RecordTV



🗨️ 🔄 ❤️ 1 📊 📤

Jornalista Rosa Cunha @Conservadora191 · Jan 29, 2022

Você viu o governador de São Paulo obrigar a vacinação do povo que vive na **Cracolândia**?



7 46 114

BLOWBACK NEWS @campeotti · Jan 31, 2022

CRACOLÂNDIA, SAO PAULO, SP, CAPITAL, CENTRO.

O pior cego é aquele que não quer ver.

Retrato fiel de uma sociedade que traz em si mesma uma severa anomalia.

Triste Brasil.

ALERTA PERMANENTE.



7

Anexo 2 - Os tweets de fevereiro de 2022

Unequal Scenes @UnequalScenes · Feb 1, 2022

Cracolândia, an open air drug market in São Paulo's downtown core.



1 5

BLOWBACK NEWS @campeotti · Feb 1, 2022

CRACOLÂNDIA, SAO PAULO, CAPITAL, CENTRO.

NADA GLAMOUROSA EXPRESSÃO DE NOSSA 'DE MOCRACIA'.

TRISTE BRASIL.



1

Gino @gino_sasia · Feb 3, 2022

Replying to @angelgvillaver

La utopía de "zona roja" ya existe y se llama **Cracolândia**, está en São Paulo, Brasil. Desorden, mugre, adictos, crimen, vagos, etc. Todo junto en un mismo lugar.



7

Vaniaabreusodre @vaniaabreusodre · Feb 6, 2022

Cracolândia! Só deste lugar existir, já é uma AFRONTA a população!!! SÃO TODOS VACINADOS? Hipocrisia!!! PORQUE ESTE LUGAR AINDA EXISTE?? E AS PESSOAS QUE SÃO PRISIONEIRAS EM SUAS CASAS?? SURREAL! SURREAL! ISSO TEM QUE ACABAR!



1 7

Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · Feb 7, 2022
tem criança na Cracolândia Praça Princesa Isabel, só não tem esperança, hoje não consigo, desculpe o lixo continua lá, a miséria gente doente e eu também
#CriseHumanitariaSP
#FilaDaFomeSP



13 30 110

Nelson Carvalho @N_Carvalho · Feb 11, 2022
Megaoperação na Cracolândia contra o tráfico prende 30 pessoas em SP | Terra Brasil Notícias



Na noite desta quinta-feira (11), a polícia realizou uma megaoperação contra o tráfico de drogas na região da Cracolândia, no centro de São Paulo. A ação faz parte da operação Caronte, cujo objetivo é desarticular o tráfico de drogas da região central da capital paulista.

Entre os presos está um homem conhecido como Gordo, que, segundo a polícia, seria um traficante investigado há muito tempo.

Essa foi a segunda etapa da quinta fase da operação da Polícia Civil e da GCM (Guarda Civil Metropolitana).

4 9

Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · Feb 7, 2022
foi "chove para" desde cedo na Cracolândia Praça Princesa Isabel e o lixo continua lá, a miséria gente doente e eu também
#CriseHumanitariaSP
#FilaDaFomeSP



1 5 31

Jornal da Record @jornaldarecord · Feb 11, 2022
Operação na Cracolândia contra o tráfico prende 30 suspeitos em SP
r7.com/Juq1 #JornalDaRecord #JR24H



2 6

Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · Feb 11, 2022
Replying to @Pontifex_pt
Bom dia Padre ☀️
Cracolândia essa madrugada 😞



2 6

Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · Feb 7, 2022
nas setas vermelhas onde deveria ser o BANHEIRO e o BEBEDOURO na Praça Princesa Isabel Cracolândia, 328 SERES HUMANOS sobrevivem ali
o lixo continua lá, a miséria gente doente e eu também
#CriseHumanitariaSP
#FilaDaFomeSP



1 7 28

Ednaldo Souza @Ednaldo.77 · Feb 27, 2022

CRACOLÂNDIA
São Paulo Caapital!

😞😞😞😞
Bom dia!
#BBB22



🗨️ 🔄 1 ❤️ 1 📊 📤

Agarráia! @agarraia · Feb 28, 2022

"A PEDRA VAI FUMAR" - Prefeitura de São Paulo enviará técnicos para a criação de uma **Cracolândia** em Kiev para deter o avanço russo. - Agência AB-Estado



🗨️ 🔄 1 ❤️ 11 📊 📤

Rafael @Rafaelleal00 · Feb 28, 2022

Mamãe falei, porque não foi para **cracolandia** lá e bem parecido com uma guerra, e tem muitos anos. Querendo lacrar né?



🗨️ 1 🔄 📊 📤

Anexo 3 - Os tweets de março de 2022

Robinson Gênesis @robinsongenesi1 · Mar 2, 2022

@DouglasGarcia, boa tarde. Olha a ideia do Dória e do prefeitinho de São Paulo pra acabar com a **Cracolândia**. Bandidos! Poderia denunciar essa prática? Está fazendo isso em todas as cidades ao redor.

POP TV 1 h · 🌐

VÁRZEA PAULISTA ❌



POPTVWEB.COM.BR
Van deixa moradores da Cracolândia no bairro da Vila Real

🗨️ 🔄 ❤️ 📊 📤

Robinson Gênesis @robinsongenesi1 · Mar 2, 2022

O laz@rent# do @jdoriajr quando disse que iria acabar com a **Cracolândia**, não disse como. Tá aí, a solução do governador e prefeito de São Paulo "despejar" os moradores fa **Cracolândia** nas cidades. Precisamos mesmo aprender a votar melhor.

POP TV 1 h · 🌐

VÁRZEA PAULISTA ❌



POPTVWEB.COM.BR
Van deixa moradores da Cracolândia no bairro da Vila Real

🗨️ 🔄 ❤️ 📊 📤

Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · Mar 5, 2022
são dois anos nas filas da fome onde tento ajudar, no CAMPO DE REFUGIADOS no coração de Essepê, a Praça Princesa Isabel, conheci uma mulher bonita, olhos azuis cabelo preto corpão 36 anos, 25 deles na Cracolândia dependente delinqüente, passou um tempo na prisão, esfaqueou um +



44 413 1,745

Professor Rodney @SempreEsquerda7 · Mar 6, 2022
REFUGIADOS DE GUERRA

Cracolândia/SP

Salve o @pejullo e as pessoas que, sem medo, com eles trabalham dia a dia, como @Valeria_Jurado6



1 5 38

Dan Dani Daniel @DanBrDireita · Mar 5, 2022
Será que o Mamãe Falei tem vez na Cracolândia?



2 10

ERICK BUENO BENETATTI @ErickBuenodeol2 · Mar 5, 2022
Replying to @DanBrDireita

A cracolândia está na cara do @arthurmoledoval, cheio de mulheres pobres, mas são feias, então ele não ajuda?



1

Polícia Civil de SP @Policia_Civil · Mar 9, 2022
Polícia Civil deflagra operação na Cracolândia

bit.ly/3Cs8Uhu

#PCSP #PoliciaCivilSP #Decap



1 22

uniaonet.com @uniaonet · Mar 10, 2022
_uniaonet.com/alexandregiova... Guerreiros de Deus - Chamados para ser Discípulos HOJE NA **CRACOLÂNDIA** EM SP Tive o prazer de conhecer e estar com o @pr.rica
Onde fazem um trabalho incrível de ajuda e evangelismo aos dependentes. Por mais dias assim em unidade compartilhando
Faça



🗨️ 🔄 ❤️ 📊 📌

Junior Ferraz @juferraz77 · Mar 19, 2022
Guerra cedo na **Cracolândia**/SP

E aí @alexandre, vai tomar alguma providência, ou apenas vai censurar o Telegram?



🗨️ 🔄 2 ❤️ 3 📊 📌

psiquiatraslivres Sedare Dolorem O... @psiqui... · Mar 20, 2022
Replying to @camilaabdo_ and @TerezaFerrato
Essa é a **Cracolândia** defendida por ONGS ditas humanitárias sem ciência sem saúde! Precisamos de prefeito e governador comprometidos com retirar essa população daí!



🗨️ 🔄 1 ❤️ 4 📊 📌

Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · Mar 11, 2022
uma caixa de isopor, não, um tanque de lavar roupas onde as meninas do cantinho LGBTQIA+ da Pça Princesa Isabel na **Cracolândia**, cuidam de seus poucos pertences
as pessoas das ruas, lavam roupa, tomam banho, fazem xixi, transam, enfim... vivem
vcs as ajudam
#CriseHumanitariaSP



🗨️ 4 🔄 24 ❤️ 136 📊 📌

Show this thread

Fabio @FabioBrasil67 · Mar 19, 2022
João Dória mandou tirar os usuários do ontem a noite da **cracolândia** e trazê-los para a oração princesa Isabel. Para poder fazer campanha dizendo que acabou com a cracolândia. Vimos divulgar as imagens nas redes sociais Twitter Mostrar o que fazem em época de campanha...



🗨️ 🔄 ❤️ 📊 📌

Estadão @Estadao · Mar 22, 2022
Vizinhos da **Cracolândia** vivem 'liberdade' com esvaziamento, mas venda de droga segue em praça bit.ly/36B23Xi



🗨️ 5 🔄 7 ❤️ 52 📊 📌

Aprizion Brasil News 1 @aprizion · Mar 22, 2022
(Estação 📍) #Aprizion > Traficantes e usuários de drogas deixam região da **Cracolândia** e ocupam outras áreas de São Paulo (via @EstadaoSaoPaulo) bit.ly/3wnyqne



🗨️ 🔄 ❤️ 📊 📌

Nelson Carvalheira @N_Carvalheira · Mar 22, 2022
Segundo a Polícia Civil, a dispersão na **Cracolândia** começou na noite da quinta-feira, 17, depois de determinação do crime organizado para que as pessoas deixassem o local.

Terra Brasil Notícias março 22, 2022



🗨️ 4 🔄 5 ❤️ 8 📊 📌

Jornal da Record @jornaldarecord · Mar 22, 2022
Após 'ordem' do crime, moradores de rua e usuários de drogas esvaziam **Cracolândia**, em SP [SPR7.com/QGVp](https://www.spr7.com/QGVp) #JornalDaRecord #JR24H



🗨️ 🔄 1 ❤️ 2 📊 📌

Estação @Estadao · Mar 22, 2022
As ruas perto da Estação Julio Prestes, na região conhecida como **Cracolândia**, estão praticamente vazias desde o final de semana, de acordo com moradores. O local normalmente ocupado por usuários de drogas virou o cenário de obras de limpeza e conservação urbana da Prefeitura.



🗨️ 6 🔄 4 ❤️ 23 📊 📌

Portal R7.com @portalR7 · Mar 22, 2022
Após 'ordem' do crime, moradores de rua e usuários de drogas esvaziam **Cracolândia**, em SP

Polícia acredita que usuários e traficantes passarão a vender drogas em outros locais da cidade, como a avenida Paulista [portalr7.com/QGVp](https://www.portalr7.com/QGVp) #R7 #portalr7



🗨️ 3 🔄 4 ❤️ 13 📊 📌

g1 São Paulo @g1saopaulo · Mar 22, 2022
Usuários de drogas deixam a **Cracolândia** e se espalham pelo Centro de São Paulo ==> glo.bo/3tvJb4 #g1SP



🗨️ 9 🔄 6 ❤️ 38 📊 📌

Nelson Carvalheira @N_Carvalheira · Mar 22, 2022
CRACOLÂNDIA fica vazia e usuários de drogas se espalham pelo centro de SP após ordem de traficantes.

Terra Brasil Notícias março 22, 2022



🗨️ 5 🔄 10 ❤️ 26 📊 📌

Estadão @Estadao · Mar 22, 2022
 O esvaziamento contrasta com o aumento do movimento na Praça Princesa Isabel, distante cerca de 400 metros dali. Moradores temem que a chamada **Cracolândia** tenha mudado de local.



4 3 14

Show this thread

José Mendes @ZazaS · Mar 22, 2022
Cracolândia fica vazia e usuários de drogas se espalham pelo centro de SP
 Polícia Civil informou que determinação veio de traficantes revistaeste.com/brasil/cracola..



1 1

Tunein Brasil @tuneinbrasil · Mar 22, 2022
Cracolândia muda de endereço e vai para praça Princesa Isabel - 22/03/2022 - Cotidiano
 Fonte: www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022...
 +Notícias: tunein.com/radio/News--Ta...



1 1

Desenho Ladino @BStruzani · Mar 22, 2022
 Acabou a **Cracolândia**.... Imagens Praça Princesa Isabel agora:



1 1

Tribuna do Sertão @tribunasertao · Mar 22, 2022
 Vizinhos da **Cracolândia** vivem 'liberdade', mas venda de droga segue em praça. Veja mais em: tribunadosertao.com.br/2022/03/vizinh...



1 1

Sam Nascimento @sam_nascimento · Mar 22, 2022
 O Governador mandou tirar os usuários da **Cracolândia** e simplesmente os amontoou na Praça Princesa Isabel. Tudo para dizer em ano de eleição que a **Cracolândia** acabou. Mas ela segue firme e forte, e cada vez pior! É assim que se acaba com o problema? @g1_sptv #SP1 #SPTV



1 1

DirleyNigra @Dirleynigra · Mar 22, 2022
@jdoriajr é sério que em todo o mandato como prefeito, e como governador de SP, vocês não vão conseguir dar fim a **Cracolândia**? Vergonhosos! A Disney do tráfico a mais de 20 anos! Podem vir que ali não tem policiamento, não tem prisões e não tem inteligência da polícia atuando!



3 7 16 11 1

Nelson Carvalho @N.Carvalho · Mar 23, 2022
-VICIADO QUE TEM, TEME A MORTE...

Ordem do tráfico esvazia **Cracolândia** e usuários se espalham por São Paulo.

Via Correio Braziliense



Traficantes e usuários de drogas deixaram a região conhecida como Cracolândia, na Luz, ao longo do fim de semana passado, e se espalharam por outros pontos do centro de São Paulo. A saída foi ordenada por lideranças do crime organizado na noite de sexta-feira, de acordo com a Polícia Civil. A polícia atribui a saída dos traficantes à atuação de agentes infiltrados e às operações que resultaram em 92 prisões em quase um ano. O aumento do preço das pedras de crack, a "inflação do tráfico", também desmotivou a atuação do crime organizado na região.

3 7 16 11 1

Thais @thaispsc · Mar 23, 2022
Doria não disse que ia acabar com a **Cracolândia**??? 🤔🤔🤔

Jornal O Globo @JornalOGlobo

Com dispersão da Cracolândia em SP, usuários de drogas e traficantes se espalham por diversos pontos do centro da cidade



Doria diz que Cracolândia vai acabar 'muito antes' do fim do seu mandato

Prefeito diz que Guarda Civil 'fez o que tinha que fazer' ao entrar em confronto com os usuários no Centro de São Paulo e que solução virá 'muito em breve'.

Por Will Soares, G1 SP — São Paulo
11/05/2017 13h33 - Atualizado há 4 anos

33 82 335 11 1

Tribuna do Sertão @tribunasertao · Mar 22, 2022
Traficantes e usuários de drogas deixam **Cracolândia** e ocupam outras áreas de SP. Veja mais em: -tribunadosertao.com.br/2022/03/trafic...



3 7 16 11 1

Thais @thaispsc · Mar 23, 2022
Replying to @PSDBoficial and @jdoriajr
E isso aqui Doria?
Vc prometeu que iria acabar com a **Cracolândia**, lembra???

Jornal O Globo @JornalOGlobo

Com dispersão da Cracolândia em SP, usuários de drogas e traficantes se espalham por diversos pontos do centro da cidade



oglobo.globo.com
Com dispersão da Cracolândia em SP, usuários de drogas e traficantes se espalham por diversos...

3 7 16 11 1

Correio Braziliense @correio · Mar 23, 2022
Ordem do tráfico esvazia **Cracolândia** e usuários se espalham por São Paulo

A polícia atribui a saída dos traficantes à atuação de agentes infiltrados e às operações que resultaram em 92 prisões em quase um ano bit.ly/3ty1aYF



6 11 1

Luiz Nunes @NunesLuiz · Mar 23, 2022
Replying to @jdoriajr
Enquanto isso, a **Cracolândia** continua no Limbo do Submundo Terrestre. O Sr. como Prefeito e agora como Governador, simplesmente ignoraram esse Drama Social/Saúde Pública. Isso é Governar para o Povo? Tudo Primário. @alertatotal @Miltonneves @profaborto poder360.com.br/brasil/planos-...



1 1

Eduardo Suplicy @esuplicy · Mar 23, 2022
A respeito do que está acontecendo na região da **#Cracolândia**, concordo com o @pejulo quando ele menciona, em entrevista para a CBN que 'nenhum programa faria desaparecer a população da noite para o dia.' Cabe à @prefsp oferecer opções concretas e humanitárias.



6 14 141

Portal R7.com @portalR7 · Mar 23, 2022
Esvaziamento dispersa **Cracolândia** e autoridades mantêm alerta
Prefeitura e polícia comemoram 'retirada' a mando do PCC, mas dizem que novas concentrações tendem a surgir nos próximos dias
r7.com/Wzav



2 6

aleruaro @aleruaro · Mar 23, 2022
Praça Princesa Isabel 22/03/22
Depois de estourarem a **cracolândia** a população da Praça que era 380 moradores foi para cerca de 5mil pessoas.
Trabalho de documentação com a querida @Valeria_Jurado6



1 14 47

Jornal da Record @jornaldarecord · Mar 23, 2022
Esvaziamento dispersa **Cracolândia** e autoridades mantêm alerta
r7.com/Wzav #JornalDaRecord #JR24H



8

Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · Mar 23, 2022
Pça Princesa Isabel a Nova **Cracolândia**
queria dizer coisas, bateu o cansaço, melhor ficar em silêncio
#CriseHumanitariaSP



5 18 107

MULA LIVRE @OLulaEstaPreso · Mar 23, 2022

É MENTIRA: VÁ NA PRAÇA PRINCESA ISABEL, A **CRACOLÂNDIA** NÃO "SUMIU", APENAS MUDOU DE LUGAR. ANO ELEITORAL JÁ SABE NÉ



5 20 76

Tribuna do Sertão @tribunaserdao · Mar 23, 2022

Tráfico planejou por um mês mudança da **Cracolândia**, diz Prefeitura. Veja mais em: [-tribunadosertao.com.br/2022/03/trafic...](https://tribunadosertao.com.br/2022/03/trafic...)



5 20 76

MULA LIVRE @OLulaEstaPreso · Mar 23, 2022

DEPOIS DE DIZER "APÓS 30 ANOS, REGIÃO DA **CRACOLÂNDIA** NÃO REGISTRA FLUXO DE USUÁRIOS", A MATÉRIA LIXO SE CORRIGE E DIZ QUE APENAS MUDOU DE LUGAR.

ESSA "REGIÃO" QUE ELES ESTÃO AGORA FICA A 1 QUARTEIRÃO. COMO DIZER QUE A REGIÃO NÃO REGISTRA FLUXO? QUEM NÃO CONHECE PENSA O QUÊ?



1 11 28

Diego Santana Vidal - 10 @sr_direigo · Mar 23, 2022

Após umas três décadas de **Cracolândia** mantida na região da Júlio Prestes, agora ela some das ruas da região para ir à Princesa Isabel.

Seria glorioso se aquele verdadeiro "The Walking Dead" fosse limpo ou expurgado da maior cidade do Brasil.

Uma verdadeira aberração!



5 20 76

ERASMO ALLMEIDA @erasmoalm... · Mar 23, 2022

#BDSF Estes prédios deteriorados na região da **Cracolândia** deveriam ser demolidos, outros restaurados e transformados em um parque pois faltam áreas verdes em no centro além de um centro de tratamento psicológico e recuperação de dependentes químicos.



1 1

Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · Mar 24, 2022

terceira vez q retiro essa mulher daqui da **Cracolândia** e vou retirar quantas vezes forem necessárias, levá-la p/junto da família por algum tempo, ajuda muito aqui vc precisa aprender a fracassar na maioria das vezes e seguir sem desistir agora vou pra casa #CriseHumanitariaSP



12 15 137

FOLHA

Folha de S.Paulo @folha · Mar 24, 2022
CRACOLÂNDIA | O novo núcleo da **cracolândia** na praça Princesa Isabel, no centro de São Paulo, é descrito por policiais como um complicador no combate ao crime organizado. [Lêla em mia.bs/00b7ca65](#)
Danilo Verpa/Folhapress
@MariZylberkan, Isabella Menon



8 7 16



Partido Aliança Pelo Brasil @APB_Nacional · Mar 24, 2022
Prefeitura de SP diz que **Cracolândia** foi desocupada; tráfico busca novo local para fluxo [dlvr.it/SMHnmr](#)



8 7 16



Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · Mar 26, 2022
pq brasileiro tem compaixão empatia solidariedade com a tragédia estrangeira e ZERO sentimentos c/a nossa ?
-o menino na guerra de Gaza é uma tragédia
-o jovem q parece um judeu sofrido de campo de concentração de tão magro na **Cracolândia**, não é qualificado?
[#CriseHumanitariaSP](#) [twitter.com/nidaaslama/sta..](#)

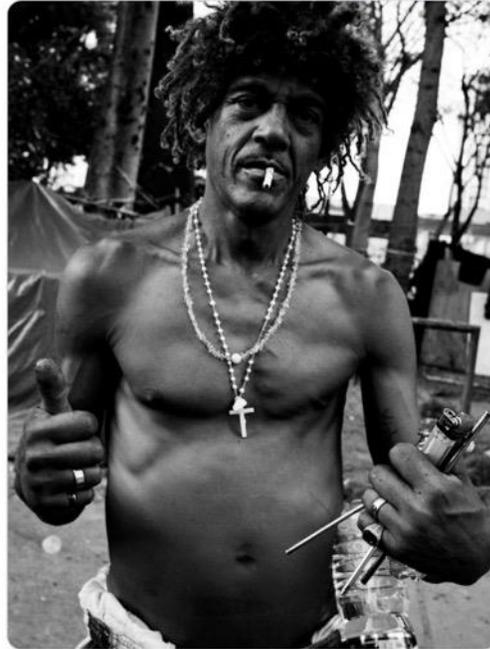


This Tweet is unavailable.

2 6 34



aleruaro @aleruaro · Mar 24, 2022
Crise humanitária em São Paulo. Praça Princesa Isabel, 23/03/22
[#crisehumanitariasp](#) [#cracolandia](#) [#Documentary](#) [#aleruaro](#)



3 3



Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · Mar 24, 2022
Replying to @PaolaCarosella
Vem fazer uma comida aqui na Praça Princesa Isabel, a **Cracolândia** migrou toda pra cá, tem crianças velhos cadeirantes grávidas, tá uma miséria, dá uma força aqui mulé



1 1 3



Luiz Carvalho @LuizCarvalho21 · Mar 26, 2022
Não podemos assistir de Camarote a **Cracolândia** em São Paulo agindo como Referência para os Usuários como ponto Turístico de Destruição. Onde esta o Governo Federal? A Polícia Federal? O Ministro da Saúde? Este ano tem eleições.



4 4 14

OfficeShibata @4月 - 5月 🇺🇸 🇧🇷 🇯🇵 @officeshibata · Mar 27, 2022 ...
サンパウロ市中心部の不法占拠コミュニティが巨大化し警察の手に負えなくな
ってきているというニュース。コロナでブラジルの経済と治安は一段と： Novo
local de tráfico na **cracolândia** vira desafio maior para a policia de SP
buff.ly/3UJK9



🗨️ 🔄 ❤️ 1 📊 📤

Portal R7.com @portalR7 · Mar 28, 2022 ...
Fim da **Cracolândia** (SP) passa por prevenção e foco no usuário

Segundo especialistas, desafio é separar as pessoas em situação de rua dos usuários, além de prevenir o uso de drogas r7.com/7YhM



🗨️ 3 🔄 2 ❤️ 4 📊 📤

Jornal da Record @jornaldarecord · Mar 28, 2022 ...
Especialistas afirmam que a **Cracolândia** só acabará se houver atenção aos usuários. Para fontes que acompanham o problema de perto, o desafio é separar as pessoas em situação de rua de quem consome e prevenir o uso de drogas:
r7.com/7YhM #JR #JR24H #JornaldaRecord



🗨️ 7 🔄 📊 ❤️ 18 📤

Lamonier S Souza @lamonier_s · Mar 28, 2022 ...
Com evento realizado no autódromo de Interlagos, ruas utilizadas pela **cracolândia** ficam vazias.



🗨️ 🔄 3 ❤️ 3 📊 📤

tato @otaseawright · Mar 28, 2022 ...
E hoje que eu passei pela **Cracolândia** e realmente tá sem ninguém! Chocada



🗨️ 1 🔄 📊 ❤️ 3 📤

Correio da Manhã @correiodamanha1 · Mar 29, 2022 ...
Doria diz ter ordenado retirada de barracas da praça Princesa Isabel, a nova **cracolândia** Brasiltinyurl.com/ycw3c5ew



🗨️ 🔄 ❤️ 📊 📤

Ponte Jornalismo @pontejornalismo · Mar 29, 2022 ...
Você sabia que o termo "**Cracolândia**" traz problemas profundos? A criminalização da pobreza e o estigma do crack explicam uma maior indignação com as cenas de consumo e venda de drogas no centro de São Paulo, como explica a pesquisadora Nathália Oliveira, da @iniciativanegra.



🗨️ 1 🔄 12 ❤️ 37 📊 📤

JEFFERSON @Jeffers01136207 · Mar 29, 2022 ...
A **Cracolândia** está atendendo em outro endereço e com novas instalações, para um melhor atendimento...
Estão atendendo agora, na Praça Princesa Isabel... 🙄



Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · Mar 30, 2022
 Replying to @deltanmd
 Doa um pouco pra mim, ajudo na **Cracolândia** em SP e tem crianças e velhos e deficientes que precisam de água comida banho lugar decente para dormir, pode ser só 20 mil, ajuda muito

9 1 140 11 1

Sérgio PAVArini @pavarini · Mar 30, 2022
 Governo higienista expulsa população da antiga Cracolândia bit.ly/3Nywqj8

Sem oferta de ajuda ou programa social, a "limpeza" da região apenas empurrou as pessoas para outras regiões do Centro de SP

Texto-denúncia da querida @Valeria_Jurado6 no @JLIVRES

1 5 11 11 1

Portal Da Notícia @PortalDaNoticia1 · Mar 30, 2022
 Aglomeração estimada da nova **cracolândia** em SP supera a da antiga com mais de 530 pessoas via <https://twitter.com/PortalDaNoticia1/portaldanoticia.com/?p=5813>

1 1 1 1 1

Anexo 4 - Os tweets de abril de 2022

Rei do gatilho, nosso saudoso Mário ... @ReiDoG... · Apr 3, 2022
 Replying to @leandroduarte
 Na **Cracolândia** todo mundo pode rir e cortar o cabelo do jeito que quiser.

9 1 140 11 1

Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · Apr 4, 2022
 limpam **Cracolândia** varrendo SERES HUMANOS p/a Pça Princesa Isabel, ficam por 10 dias, opinião pública não gosta hoje, varrem os mesmos SERES HUMANOS p/vários endereços, criam as **MINI CRACOLÂNDIAS** passa o RAPA e depois vem a LIMPEZA fica o rastro
 @aleruaro
 #CriseHumanitariaSP

4 19 69 11 1

Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · Apr 4, 2022
nas eleições vcs vão lembrar do quê lhes conto aqui, Dória vai usar todos esses argumentos sobre o fim e a HIGIENIZAÇÃO da Cracolândia, como troféus de uma gestão desumana, mas, LIMPINHA, certamente ganhará muitos votos c/a miséria q aprofundou
@aleruaro
#CriseHumanitariaSP



2 6 32

Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · Apr 4, 2022
governo HIGIENISTA de João Dória "acabou" com a Cracolândia não se enganem, ele CRIOU outras MINI CRACOLÂNDIAS a eficiência em LIMPAR é impressionante, muito mais do que isso, É CRUEL
@aleruaro
#CriseHumanitariaSP



1 4 19

Isaac Fontana @isaacsfontana · Apr 4, 2022
Prefeitura realiza limpeza na praça Princesa Isabel, novo endereço da Cracolândia em São Paulo.
Todas as fotos estão disponíveis nas principais agências nacionais.
#fotojornalismo



2 6 32

nao sei @IsmaelManica3 · Apr 4, 2022
Replying to @Conservadora191
Brasil Cracolândia:



2 6 32

OfficeShibata @officeshibata · Apr 5, 2022
ブラジルサンパウロ市当局が公園を占拠する路上生活者のテントや生活用具を排除というニュース。路上生活者は寝たままだし排除しないのはブラジルっぽくて良い: Prefeitura de SP retoma limpeza em praça 17 dias após mudança da cracolândia buff.ly/3u6aPG1



2 6 32

Xavier @EdsonXa09748799 · Apr 5, 2022
Entra Governo são Governo e nada de resolverem os problemas da Cracolândia o que é lamentável #sp1



2 6 32

São Paulo em Fotos @SPFotos · Apr 6, 2022
Foram pelo menos 41 anos de descaso e esquecimento.

Nos últimos anos, com o agravamento da situação dos usuários de drogas na região, **Cracolândia**, a fonte teve vários elementos furtados, foi pichada e tornou-se um fétido banheiro de viciados e pessoas em situação de rua.



2 7 23

Marco Antonio, o véio da praça. @macfa · Apr 8, 2022
Aluguel 300 nem uma barraca dos nóias na **Cracolândia**.



1 2 36

Lucas Jozino @eujozino · Apr 10, 2022
Cracolândia: semanas depois de acompanhar de perto a vida de quem frequenta o fluxo, amanhã estreia uma série de reportagens sobre o maior comércio ilegal de drogas a céu aberto do Brasil. Vai ao ar desde cedo na @RBandeirantes, @radiobandnewsfm e nos telejornais da @BandTV.



1 1 19

ricabolds @doismamilos · Apr 8, 2022
Essa é a **Cracolândia**



2

Tet @Tetizera · Apr 11, 2022
Monumento ao Duque de Caxias, na Praça Princesa Isabel, São Paulo.

Só fiquei que a **Cracolândia** mudou pra lá no dia que parei aí por acidente.



1

soumya: @soumyabg · Apr 12, 2022
A reminder: a doctor at the dangerous neighborhood of Sao Paulo - Cracolandia, gets dressed up everyday as a clown, to reach out to the drug addicts without prejudice and try to rehab them.



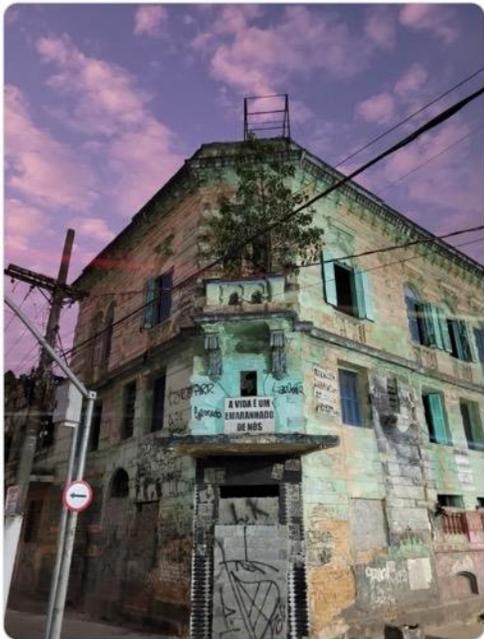
1

(acabou) todo dia o Emmet perdido p... @emmet... · Apr 17, 2022
Dia 51- Cracolândia
Zane foi seguir um rumo próprio, e então Kai seguirá sozinho



2

PTistinha Benjamin Arrola @olcom87 · Apr 18, 2022
Essa foto da cracolandia foi um dos registros mais tristes e lindos que fiz.



16

Josefino @sefino12345 · Apr 12, 2022
Replying to @jdoriajr
Graças a vocês, a cidade inteira parece uma cracolândia.



1

paulo curti @curti_paulo · Apr 18, 2022
Replying to @alertatotal and @SP.Prefeitura1
Pois é, a cidade de São Paulo está largada, é buraco, violência, sujeira, e a Cracolândia esta no meio da praça Santa Isabel usando drogas na frente da polícia militar, já largaram mão ... já virou local restrito para o uso de drogas, veja as fotos de 3 semanas atrás.



2

Wanderley Preite Sobrinho @WPreite · Apr 19, 2022
PM inocenta policiais que impediram padre Júlio Lancellotti de distribuir marmitta a moradores de rua!

Publico hj no @UOL matéria de investigação da PM sobre uma denúncia do padre, que foi impedido por agentes de entregar marmitta a moradores de rua e dependentes na cracolândia



4

Portal R7.com @portalR7 · Apr 19, 2022
Prefeitura de SP instala grades no entorno da Praça Princesa Isabel, após migração da Cracolândia

Gestão municipal afirma que gradis são para 'garantir a segurança de usuários que permanecem durante a execução de serviços' r7.com/5vsW #R7 #portal7



1

marcio yamane @marcio_yamane · Apr 20, 2022

Prefeitura de sp oficializou a **cracolândia**? #bdsp

SBT News @sbtnews · Apr 23, 2022

Nova **Cracolândia**: usuários de drogas atacam guardas de São Paulo sbtnews.com.br/noticia/brasil

金 @krbrsp · Apr 23, 2022

SP precisa de um governador, acabaram com o estado mais rico do Brasil #**cracolandia**

Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · Apr 24, 2022

não chego na **Cracolândia** de mãos vazias, sempre tenho pedidos pendentes, tenho 2, para 2 amigos q estão me tirando o sono, não consigo encontrá-los após o estouro, vai ser mais um dia rodando a região tentando entregar

- ao Bahia arroz feijão óleo
- à Monalisa desodorante sabonete

Sonia Schanzer @sonia_schanzer · Apr 25, 2022

Doria diz que ordenou à Polícia e à GCM para retirarem barracas da nova **Cracolândia**, na Praça Princesa Isabel. (29/3/2022). Foto de 25/4/2022. O que está faltando?

FOLHA **Folha de S.Paulo** @folha · Apr 29, 2022

CRACOLÂNDIA | Levantamento exclusivo feito pela Folha com base em dados da operação revela que 82% (62 pessoas) dos 76 detidos sob a suspeita de tráfico de drogas já tinham passagem pelo mesmo crime.

Leia embit.ly/3MHu5jt

Profissão Repórter @profrepoter · Apr 29, 2022

#ProfissãoRepórter acompanha as mudanças da **Cracolândia**, em SP

A equipe procurou os dependentes químicos que o programa conheceu ao longo dos anos e as consequências da alteração de local: glo.bo/38ySQzJ

FOLHA DE S.PAULO cotidiano

8 em cada 10 presos na **cracolândia** têm mensagem por tráfico

Anexo 5 - Os tweets de maio de 2022

R6 @R90572806 · May 1, 2022
A Praça Princesa Isabel foi tomada pela população viciada DA **CRACOLÂNDIA**, UM PROBLEMA GRAVISSIMO DE SAÚDE PÚBLICA, q teve início nos anos 90 e sempre foi IGNORADO PELA CLASSE POLÍTICA E PELA SOCIEDADE. Atualmente as "cracolândias" estão espalhadas por todo Brasil.

Cuba Venezuela



Senhora RIVOTRIL ❤️ @SRivoltril · May 2, 2022
Teve mais gente na **Cracolândia**, do que na Av Paulista apoiando o Fulano.



9 18 81

Profissão Repórter @profreporter · May 4, 2022
Em março deste ano, o fluxo da **Cracolândia** ocupou a Praça Princesa Isabel, em SP, e saiu das ruas onde ficava, que agora estão desertas. Após uma série de despejos, muitas casas estão com as fachadas tapadas com tijolos. #ProfissãoRepórter



1 1 44

Junior @TheMJunior · May 1, 2022
Replying to @subversiva
Essa foto é da times square em São Paulo, invejosos dirão que é uma tal de **Cracolândia**



1 11 294

O Cussigh 🌟🌟🌟🌟 @OCussigh · May 2, 2022
Líder das pesquisas e **Cracolândia** 🤔🤔🤔



1

Profissão Repórter @profreporter · May 4, 2022
Depois de viver três anos com a filha na **Cracolândia**, em SP, Edna deixou as ruas com a ajuda de projetos: "Vou trabalhar com a maior disposição". #ProfissãoRepórter



2 4 65

 SPINGRV | Niterói, São Gonçalo, Rio de ... @SPI... · May 4, 2022 ...
CRACOLÂNDIA MUDA DE LUGAR EM SÃO PAULO, MAS OS PROBLEMAS CONTINUAM
spingrv.com/2022/05/cracol...



🗨️ 🔄 ❤️ 📊 📄

 **cesar_araujo** @cesar_araujo · May 5, 2022 ...
Cracolândia



🗨️ 🔄 ❤️ 1 📊 📄

 **Thais** @thaispsic · May 8, 2022 ...
Praça Princesa Isabel, centro de São Paulo.
O Governador Dória não deu jeito na **Cracolândia**, mas quer ser Presidente do Brasil.
VERGONHA!!!



🗨️ 62 🔄 353 ❤️ 1,391 📊 📄

 **Marco Angeli** @marcoangeli · May 5, 2022 ...
Sugestão:
A omissa prefeitura de São Paulo -e podemos colocar no mesmo saco o governo do Estado- deveria resolver a miserável situação da **cracolândia**, em pleno centro da cidade, ao invés de despejar grana em showmício de cantora decadente, para campanha ilegal do ladrão. ▾



🗨️ 10 🔄 65 ❤️ 207 📊 📄

 **Correio da Manhã** @correiodamanha1 · May 5, 2022 ...
Ação da GCM na **cracolândia** fecha ruas no centro de São Paulo #Brasil
tinyurl.com/y6kw4wwx



🗨️ 🔄 ❤️ 📊 📄

 **Profissão Repórter** @profreporter · May 8, 2022 ...
Nego Bala é um MC e artista visual nascido e criado na **Cracolândia**, centro de São Paulo. Aos 24 anos, ele usa a música como ferramenta de transformação social: glo.bo/396liby #ProfissãoRepórter



🗨️ 🔄 ❤️ 11 📊 📄

@AlessandraBrvna · May 9, 2022
 São Paulo. E sua rua das ilusões (**cracolândia**)

2 8

Nelson Carvalho @N_Carvalho · May 10, 2022
 O COURO COMEU, Ô MEU

PMs e guardas entram em confronto com usuários de drogas da nova Cracolândia.

De **Gazeta Brasil** — maio 10, 2022

(Cracolândia/ Reprodução Redes Sociais)

1 1 7

Rafael Gloves @rafaelgloves · May 11, 2022
 Legado Doria / Meirelles em São Paulo:

Cofres cheios com povo ESFOLADO por impostos.

Uma nova **Cracolândia**.

16 143 904

FolhaJus @FolhaJus · May 10, 2022
 Na investigação da Operação Caronte, suspeitos presos foram filmados por policiais infiltrados vendendo drogas nas bancas montadas no interior da **cracolândia**: [mia.bs/f6a359a3](https://m1a.bs/f6a359a3)

FOLHA DE S. PAULO cotidiano

'Lagartos' assumiram tráfico na cracolândia no centro de SP antes de migração

1 3 8

g1 São Paulo @g1saopaulo · May 11, 2022
 Veja como ficou a Praça Princesa Isabel, em SP, após nova operação da polícia contra a **Cracolândia**==> glo.bo/3w50TxG #g1SP

12 22 58

FOLHA **Folha de S. Paulo** @folha · May 11, 2022
 MEGAOPERAÇÃO JA Polícia Civil e a Prefeitura de SP desencadearam na manhã desta quarta-feira (11) uma megaoperação contra o tráfico de drogas na praça Princesa Isabel, novo endereço da **cracolândia**.
 Leia em bit.ly/3w0HduO
 Danilo Verpa/Folhapress

FOLHA DE S. PAULO cotidiano

Polícia invade nova cracolândia e expulsa usuários da praça para prender traficantes

ALT

26 31 80

Portal R7.com @portalR7 · May 11, 2022
 Polícia desmonta barracas, apreende drogas e dinheiro em operação na Cracolândia em SP

Até o final da manhã, 20 pessoas foram detidas. Ação contou com 650 agentes, sendo 200 civis, 300 militares e 150 GCMs
r7.com/ATCC



3 2 16

Bom Dia Brasil @BomDiaBrasil · May 11, 2022
 Mais de 600 agentes de segurança participam, nesta quarta-feira (11), de uma operação de combate ao tráfico na nova Cracolândia formada no centro de São Paulo: glo.bo/3yv4nLj #BomDiaBrasil



3 5 13

Sérgio PAVARINI @pavarini · May 11, 2022
 Novo desastre do PSDB na área.

Chamaram a imprensa, mas não havia ninguém pra atender usuários que desejavam a internação.

Em 2017, Dória disse que a cracolândia havia acabado.



SP: polícia invade nova 'cracolândia' e expulsa usuários de praça para prender traficantes

Usuários buscam internação, mas não são atendidos

1 2 9

Bethlucida2 @Bethlucida2 · May 11, 2022
 CRACOLÂNDIA, UM INFERNO REAL, AO INVÉS DE TRATAMENTO MÉDICO, DÃO TRATAMENTO POLICIAL!!!



3 6 29

isinha @isinhatr · May 11, 2022
 hj tinha aula de laboratório mas tá tendo operação da cracolândia perto da minha faculdade aí geral voltou pra casa pq a rua tava mto perigosa



3 26

Herculano Filho @HerculanoBFilho · May 11, 2022
 Acompanhei as ações após a retirada dos usuários de drogas da "cracolândia". Lá, registrei a agressão de um guarda a um morador de rua. Ao dizer que não era dependente químico, levou um golpe de cassetete na cabeça, deixando o rastro de sangue pelo chão

noticias.uol.com.br/cotidiano/ulti



8 28

Portal R7.com @portalR7 · May 11, 2022
Polícia faz operação contra o tráfico de drogas na Cracolândia, no centro de São Paulo

Há bloqueios de ruas e apreensão de entorpecentes. Agentes cumprem 36 mandados de prisão e um de busca e apreensão 7.com/lxtt



4 1 18

Ricardo Lísias @ricardolisias · May 11, 2022
A operação de desmobilização da **cracolândia** é mais uma estupidez da política contra as drogas. Não entendo o que querem. Estão acossando continuamente os dependentes, que agora percorrem algumas ruas de São Paulo.



1 1 8

Jornal Hoje @jornalhoje · May 11, 2022
Mais de 20 pessoas foram detidas numa operação policial na região conhecida como **Cracolândia**, em São Paulo. Os policiais também apreenderam drogas, cadernos com anotações, simulacros de arma de fogo e dinheiro: glo.bo/3M01tSN #JH



1 10

Sergio Santos @SergioSantosRN · May 11, 2022
Cracolândia é um horror! Entra governo e sai governo e não resolve.

Tem que resolver isso, @AbrahamWeint. @programapanico



1 2

Rede Justiça Criminal @JusticaCriminal · May 11, 2022
Nesta madrugada, as polícias Civil e Militar, Guarda Civil Metropolitana e funcionários da Prefeitura de São Paulo realizaram uma operação truculenta na Praça Princesa Isabel, considerado o novo endereço da 'cracolândia'.



1 1 13

Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · May 11, 2022
11/05/2022 Nova **Cracolândia**, às 17hs estacionamos na calçada eu e @alexgps, distribuímos + de 100 cobertores em poucos minutos, o Ale @aleruaro registrou e as polícias de olho no movimento de nós três, que dia, adrenalina tá na boca o frio vem abaixo de 10°
#CriseHumanitariaSP



6 21

101 MILHÃO @eduardoignacio · May 11, 2022

Hoje (11/05/2022)! "Ao vivo".
Local: NOVA CRACOLÂNDIA, sito à Praça Princesa Isabel em SÃO PAULO.
É isso (de mal a pior), a administração do PSBD.



JORNAL DA MANHÃ 2 - 11/05/2022
10 mil assistindo · Início: há 30 min. #JovemPan

Rede Nacional de Feministas Antiproibi... @RE... · May 11, 2022

CRACOLÂNDIA: até quando aceitaremos a violência como pressuposto para a mudança?

A humanização do usuário de crack é indissociável ao projeto de reintrodução dessas pessoas à sociedade.



Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · May 11, 2022

e essa teimosia na foto sou eu, no meio da devastação na ex - Nova Cracolândia, procurando meus amigos malokeros, tentando ajudar, tentando...
@aleruaro
#CriseHumanitariaSP



Fabio Maksymczuk @tvfabio · May 11, 2022

Ouço o barulho do helicóptero do #BrasilUrgente aqui de casa. A Cracolândia espalhou-se pela região central da cidade. Agora, eles estão em plena Avenida Angélica. Praça Marechal Deodoro.



Rádío Guaíba @RdGuaibaOficial · May 11, 2022

Polícia faz operação contra o tráfico de drogas na cracolândia, no centro de São Paulo - guaiba.com.br/2022/05/11/pol...

Estadão @Estadao · May 11, 2022

Nova Cracolândia: operação da polícia na Praça Princesa Isabel tem 20 presos bit.ly/39dBHvC -via @EstadaoSaoPaulo



Rafael Gatto @gattorafael_ · May 11, 2022

As ações na Cracolândia da polícia despreparada e sem assistência social, apenas gera a mudança do ponto. Nunca resolverá o problema! De que adianta combater o tráfico???

Nasce uma nova Cracolândia na Praça Marechal Deodoro!






PT Santo Amaro @ptsantoamaro · May 27, 2022
 Atiradores de elite e carros blindados para atacar os nórias da **cracolândia**. A campanha eleitoral dos fascistas é mostrar que mata a carne preta que a mais barata.



1 1 2



Anatiana Alves @anatiana_alves · May 27, 2022
 #TodosporSP
 #SOSSantaCecilia
 #SOSCentroSP
 #NovaCracoNa77DP
 O poder público precisa agir, estamos todos abandonados, os usuários, os moradores, os comerciantes. Precisamos de ações práticas e efetivas e de tratamento digno e humanizado para os usuários que estão na **cracolândia**.



2 2



Timbeta @txtimbeta · May 27, 2022
 Nova operação da polícia na **Cracolândia** tem veículo blindado e atiradores de elite no Centro de SP - Globo dlvr.it/SRBnbq



1 1 1



Ale Du @Aledualedu · May 27, 2022
Cracolândia, e um absurdo, cada o poder público p resolver, quem do governo ganha em fazer vista grossa, quanto o município gasta com essa gente, fora a degradação do centro da cidade mais risca da América do Sul, um absurdo, governo cruza os braços, não deveríamos pagar impostos



1 1 1



Tunein Brasil @tuneinbrasil · May 27, 2022
 Nova operação na **cracolândia** tem veículo blindado e atirador de elite
 Fonte: noticias.uol.com.br/cotidiano/ulti.
 +Notícias: tunein.com/radio/News--Ta...



1 1 1



Revista Fórum @revistaforum · May 28, 2022
 VÍDEO: Agentes da Guarda Civil Metropolitana agredem mulher na **Cracolândia** em SP

Três agentes cercam uma mulher, um deles a agride com o cassetete e outro dispara spray diretamente no rosto da vítima

Leia mais: tiny.cc/gy2suz



4 22 53

Mulher Patriota @Tali_Mito22 · May 12, 2022
 Aeeee Prefeitiño @ricardo_nunesp distribuir absorvente p alunos trans nas escolas, ok.
 Tomar uma atitude com relação a Cracolândia na Praça Princesa Isabel, nada!?!
 Prioridades né!?! 🙄



4 replies, 3 retweets, 30 likes

Portal R7.com @portalR7 · May 12, 2022
 Após megaoperação da polícia na Cracolândia, usuários de drogas mudam para a rua do Triunfo
 Migração aconteceu após limpeza na praça Princesa Isabel durante a Operação Caronte com prisão de traficantes e apreensões r7.com/L7an
 #R7 #portalr7



2 replies, 12 likes

Jornal A Redação @aredacao · May 12, 2022
 Operação na Cracolândia de SP prende cinco suspeitos por tráfico de drogas aredacao.com.br/noticias/16796...



1 like

ARRODRIGUESS @ALMIRRODRIGUESS · May 12, 2022
 Estado e prefeitura fazem megaoperação policial na nova Cracolândia. Efetivo de 650 homens na praça Princesa Isabel prendeu 20 pessoas e expulsou dependentes químicos



2 replies, 4 likes

SBT Jornalismo @sbtjornalismo · May 12, 2022
 Operação prende traficantes na região da Nova Cracolândia sbtnews.com.br/noticia/sbt-bx



6 replies, 29 likes

Diário de Pernambuco @DiarioPE · May 13, 2022
 Homem morre baleado em ação policial na Cracolândia shre.ink/7cA



1 reply, 9 likes

Ecoar - Juventude Ecosocial... @juventudeec... · May 13, 2022
 VOCÊ SABE O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA CRACOLÂNDIA?

Em São Paulo, desde a última quarta-feira, cerca de 500 policiais civis e militares e 150 guardas civis metropolitanos fazem uma grande e violenta operação em torno da região conhecida como Cracolândia.



1 reply, 10 retweets, 12 likes



Portal R7.com @portalR7 · May 13, 2022

Movimento contra a violência policial na Cracolândia aponta fins políticos em operação da polícia

Em publicação nas redes sociais, movimento escreveu que "agentes fizeram algumas prisões 'em flagrante' para satisfazer as câmeras" r7.com/9cki



3 16



Metrópoles @Metropoles · May 13, 2022

Homem é baleado e morto durante ação policial na região da Cracolândia.

Vítima de 32 anos foi atingida no tórax nos arredores da Praça Princesa Isabel na cidade de São Paulo; tiros foram ouvidos por moradores.

Leia: cutt.ly/eHfPVpN



2 7



Correio Braziliense @correio · May 13, 2022

Cracolândia: vídeo flagra momento em que homens disparam contra multidão

Um grupo de moradores da Cracolândia descia a Avenida Rio Branco quando os atiradores atravessaram a rua e dispararam. Um deles tinha uma arma de cano longo; um morador de rua morreu bit.ly/3sA3v4q



3 6



IG Último Segundo @ultimosegundo · May 13, 2022

Homem morre baleado durante confusão na Cracolândia → bit.ly/3yyNYp8



1 3



Estadão @Estadao · May 13, 2022

>@EstadaoSaoPaulo Homem leva tiro e morre próximo da 'nova Cracolândia', em SP bit.ly/3PlrtKk



1 8



Jornal da Record @jornaldarecord · May 13, 2022

Confusão na região da Cracolândia, em São Paulo, termina com um morto morte7.com/sWGJ #JornalDaRecord #JR24H



4 8



Jornal da Record @jornaldarecord · May 13, 2022
 Movimento contra a violência policial na **Cracolândia** aponta fins políticos em operação da polícia
r7.com/9cki #JornalDaRecord #JR24H



🗨️ 🔄 🍷 5 📊 📤



Luizianne Lins @LuizianneLinsPT · May 13, 2022
 O agravamento da **Cracolândia** em SP é o ápice de uma situação que tem se espalhado pelas grandes capitais brasileiras. Miséria, falta de perspectivas, de emprego, fome. Com Bolsonaro, o cenário só piorou e muito. #cracolandia #ForaBolsonaro #BolsonaroNuncaMais



🗨️ 1 🔄 1 🍷 16 📊 📤



Fabio Maksymczuk @tvfabio · May 13, 2022
 Ouço o barulho do helicóptero do #BrasilUrgente aqui de casa. O programa da Band sobrevoa a região da Avenida Angélica - Rua Helvétia, novo epicentro da **Cracolândia**.



🗨️ 🔄 🍷 2 📊 📤



Jo Melo @jomeloescritora · May 13, 2022
 essa é a **cracolandia** antes e depois. quem acompanhou o noticiário, viu que foi feita uma "mega operação contra tráfegantes". Foi um verdadeiro inferno por 3 dias... bala de borracha, pessoas correndo. o centro está "limpo" agora, segundo eles... mas, na verdade, só jogaram água



🗨️ 1 🔄 🍷 📊 📤



Correio Braziliense @correio · May 14, 2022
 Policiais que fizeram disparos na **Cracolândia** são identificados.
bit.ly/3FMkjDQ



🗨️ 🔄 🍷 6 📊 📤



Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · May 15, 2022
 durante o protesto de hoje sobre a **Cracolândia**, o olhar atento do Ale @aleruaro são os SERES HUMANOS INVISÍVEIS que vamos ajudar na RONDA de terça-feira, dia mais frio que se aproxima cobertores no PIX 11999153796 e voluntários, precisamos RT
 #FrioIntensoSP
 #CriseHumanitariaSP



🗨️ 2 🔄 24 🍷 53 📊 📤

Fausto Salvadori @FaustoSalvadori · May 15, 2022
Quando a Folha publica na mesma semana uma capa higienista de "antes" e "depois" mostrando como a Praça Princesa Isabel ficou melhor sem pobres e negros e um editorial falando em "retomar espaço ocupado pela **cracolândia**", só consigo pensar em 13 de junho de 2013.

Além da repressão

Retomar espaço ocupado pela cracolândia é dever, está amparar os dependentes



2 8 22

Eduardo Suplicy @esuplicy · May 15, 2022
Participei de ato contra às manifestações de violência durante ações da @PrefSP e da Polícia Civil na região da #Cracolândia. O ato relembrou a morte de Raimundo N. R. Rodrigues Fonseca Júnior, assassinado em 12.05 por disparo de arma de fogo da Polícia.



6 17 118

Bancada Feminista do PSOL @bfeministapsol · May 15, 2022
Os problemas na Cracolândia não serão resolvidos com bala de borracha e opressão policial. É preciso política de saúde pública! É preciso ecoar o grito de JUSTIÇA POR RAIMUNDO, mais uma vítima das violentas ações na região. Chega de genocídio do povo de rua!
#VidasNaCracolândia



5

Portal R7.com @portalR7 · May 15, 2022
SP: grupo de manifestantes protesta contra ações da prefeitura na Cracolândia

Segundo a Polícia Militar, o ato, organizado pelo movimento A Craco Resiste, aconteceu de forma pacífica r7.com/a9uv



12 4 20

RMPCarmona @Rocarmona8 · May 15, 2022
Protesto A FAVOR da Cracolândia no centro de SP e o esquerdalha comunista SUPPLICY apoiando! Deletem esses lixos da nossa política!
#TarcisioGovernadorSP



8 9

Antonio Castelo Branco T. Jr. @acbtj · May 15, 2022
Hoje, domingo pela manhã, Rua Helvetia x Av. São João. A PM baixou na praça princesa isabel e espalhou a Cracolândia por todo centro de São Paulo. A população pede socorro. É preciso mais segurança à população e um melhor tratamento aos usuários de drogas. Triste realidade!



2 1 6

Rosana @RosanaA80357793 · May 16, 2022

NÓIACIATA
Manifestantes saem EM DEFESA de viciados da **cracolândia** (SP)
Não sei nem o q dizer.

2 2 2

iG Último Segundo @ultimosegundo · May 16, 2022

MP instaura inquérito para apurar atuação da prefeitura na **Cracolândia**
→ bit.ly/3PrPwXo

3

Centro de Convivência É de Lei @edelei · May 16, 2022

Vidas na Craco Importam!

Estivemos presentes no ato de domingo (15/5) contra as ações da prefeitura na região e pedindo justiça por Raimundo, que foi morto durante as ações na **Cracolândia** na última semana.

#VidasNaCracoImportam

2 9

cacheada da domi @grandonasemmedo · May 16, 2022

não sei pra onde o povo da **cracolândia** ta indo 🤔🤔🤔

2 2

Psychopet @bkp_marcos · May 17, 2022

João Dória, qdo prefeito, inventou a **cracolândia** itinerante. Nova modalidade de desespero. Desde então, nunca mais parou.

Folha de S. Paulo 4 h

Usuários agora se concentram em trecho da rua Helvética onde não há base da polícia.... Ver mais

www1.folha.uol.com.br
Moradores próximos ao novo fluxo da **cracolândia** relatam medo e mudança na ro...

2

g1 São Paulo @g1saopaulo · May 18, 2022

MPF vai à Justiça para que Prefeitura e governo de SP combatam o acúmulo de lixo na **Cracolândia**, Centro de SP ==> glo.bo/3G1RV7x #g1SP

Imagem extraída do google street view, bairro República, 23°32'04.575 46°38'38.17W

3 6

camie @camirocha · May 18, 2022
O fluxo da **Cracolândia** está colado na Avenida São João/Ana Cintra, próximo ao Metrô Santa Cecília e terminal Amaral Gurgel. Eles tomaram a rua Doutor Frederico Steidel. Avisando vcs aqui.



2 14

Metrópoles @Metropoles · May 19, 2022
Polícia realiza nova operação na **Cracolândia** nesta quinta (19/5)

Policiais desocuparam barracas e revistam pessoas na rua, que virou novo fluxo de drogas após desocupação da Praça Princesa Isabel.

Leia: cutt.ly/cHOEGcg



4 5 28

Portal R7.com @portalR7 · May 19, 2022
Polícia cumpre 32 mandados de prisão na região da **Cracolândia**

Ação ocorre pouco mais de uma semana depois da dispersão do aglomerado de usuários e traficantes da Praça Princesa Isabel

r7.com/pUGP #R7 #portalr7



1 7

Ághata Moreira @aghata · May 19, 2022
Av São João 19/05/22. A **cracolândia** não acabou, a **cracolândia** só mudou de endereço. Os moradores do bairro Santa Cecília pedem socorro!
#cracolandia #saopaulo



1 6 23

LabCidade @LabcidadeFAUUSP · May 19, 2022
Diante das recentes ações desastrosas do governo na "**cracolândia**", é possível dizer que brutal repressão aos usuários não é uma política eficiente para a solução do problema.

Mas e se os critérios de eficiência dos poderes constituídos forem outros?

Fio:



1 7 18

Carolina Trevisan @carolinatre · May 19, 2022
a "**cracolândia**" é a síntese do abandono. o que funciona é o acolhimento, a humanidade, a reinserção. a violência nunca deve ser política pública: ela aprofunda todos os problemas. as autoridades sabem disso.



marlene bergamo and Folha de S.Paulo

1 5

Portal R7.com @portalR7 · May 19, 2022
Prefeitura de São Paulo implanta centro de acolhida terapêutica na região da **Cracolândia**

Serviço de atendimento emergencial funciona 24 horas, na rua Helvetia, 876r7.com/veu8



1 1 5

Jornal da Record @jornaldarecord · May 19, 2022
Prefeitura de São Paulo implanta centro de acolhida terapêutica na região da **Cracolândia**r7.com/veu8 #JornalDaRecord #JR24H



3 4

Cherry @_tengo_dinero · May 19, 2022
Chocade que a **cracolândia** tá na esquina do prédio onde eu morava



3 4

Carolina Trevisan @carolinatre · May 19, 2022
a **cracolândia** é a sobreposição de complexas vulnerabilidades: são pessoas em situação de rua, grande parte egressas do sistema prisional, dependentes químicos, desempregadas, sem contato com a família. o crack opera aí como único contato com a vida — veja como é complexo. +



Cracolândia ... sem paralelos em nenhuma cidade do mundo. Fotografia: Brazil Photo Press/LatinContent/Getty Images

The Guardian

1 1 3

Ponte Jornalismo @pontejornalismo · May 19, 2022
Policiais da @policiacivil, da @PMESP e guardas da @GCMSPoficial chegam na tarde desta quinta (19) à Rua Frederico Steidel, o "novo endereço" da cena de consumo e venda de drogas no centro de São Paulo chamada pejorativamente de "**Cracolândia**". Foto: @mendoncjennifer



2 5 22

João Ker @JoaoKer · May 19, 2022
A Polícia Civil de SP fez uma nova ação em busca de 32 traficantes que atuavam na **Cracolândia** da Pça Princesa Isabel e estavam foragidos.

Na rua Frederico Steidel, foram feitas prisões em flagrante e encontrados pacotes de drogas com o 'rótulo' do PCC saopaulo.estadao.com.br/noticias/geral..



1 1 6

Jornal da Record @jornaldarecord · May 19, 2022
Defensoria de SP recorre a órgão internacional após violência registrada na **Cracolândia**. Órgão denuncia uso de violência contra usuários de droga. Pedido foi formalizado à Comissão Interamericana de Direitos Humanos:
[#r7.com/VpoK](https://r7.com/VpoK) #JR #JornalDaRecord #JR24H



1 3

luisinha usuaria de k9 @sadgrelo · May 19, 2022
Automated
Cracolandia hoje, no cruzamento da Frederico com a São João

8h30.



1 7

Correio da Cidadania @correio.cid · May 19, 2022
Por que "funciona" o ataque à **cracolândia** em São Paulo? Com zona de exceção e guerra às drogas, valor dos imóveis despensa e avança o mercado imobiliário e de segurança privada, via @outraspalavras
correiocidadania.com.br/2-uncategorise...



1 10 17

Celso Novaes @celsonovaes · May 19, 2022
Polícia de SPaulo, neste exato momento, com esse frio de 10º, fazendo "operação" na **Cracolândia**. Quem não correu apanhou e tá sentado no asfalto. Prefeitura de SPaulo só faz merda.



1 2



Aghata Moreira @aghata_ · May 19, 2022

Parece que to num filme apocalíptico. Tiraram a **cracolândia** da pça pçsa Isabel e eles migraram pra Sta Cecilia e as autoridades fingindo que solucionaram o problema, os moradores do bairro sem segurança nenhuma, presos em casa com medo! #**cracolândia**



3 1 13



André Augusto Bezerra @AndrAugustoBez1 · May 20, 2022
Cracolândia, São Paulo. Foto: Tiago Queiroz



1 3



Sheik Rodrigo Jalloul @sheikhrodrigo · May 20, 2022

Imagens da ação de ontem na **Cracolândia** na madrugada
Crédito das fotos nosso amigo Victor Ângelo



1 16 60



IaraGB @IaraGB · May 20, 2022

Cracolândia virou um território blindado, onde nada nem ninguém vai resolver o problema.

É um país onde o político governante é o traficante.



Folha de S. Paulo · 7 min

cracolândia: Após operação, frequentadores da **cracolândia** de SP voltam para rua **Helvétia**



folha.uol.com.br
Frequentadores da **cracolândia** de SP voltam...

2 6 27



Hora 1 @hora1 · May 20, 2022

A Polícia Civil de São Paulo realizou uma operação contra o tráfico de drogas na região da **Cracolândia**. A operação cumpriu 32 mandados de prisão contra traficantes que vendem drogas, principalmente crack, para os usuários da região: glo.bo/3o1jLtl #**Hora1**



5

Aghata Moreira @aghata_ · May 19, 2022
Parece que to num filme apocalíptico. Tiraram a **cracolândia** da pça pcsa Isabel e eles migraram pra Sta Cecilia e as autoridades fingindo que solucionaram o problema, os moradores do bairro sem segurança nenhuma, presos em casa com medo! #**cracolandia**



3 1 13

André Augusto Bezerra @AndrAugustoBez1 · May 20, 2022
Cracolândia, São Paulo. Foto: Tiago Queiroz



1 3

Sheik Rodrigo Jalloul @sheikhrodrigo · May 20, 2022
Imagens da ação de ontem na **Cracolândia** na madrugada
Crédito das fotos nosso amigo Victor Ângelo



1 16 60

IaraGB @IaraGB · May 20, 2022
Cracolândia virou um território blindado, onde nada nem ninguém vai resolver o problema.

É um país onde o político governante é o traficante.

FOLHA **Folha de S. Paulo** · 7 min

cracolândia: Após operação, frequentadores da **cracolândia** de SP voltam para rua **Helvétia**



folha.uol.com.br
Frequentadores da **cracolândia** de SP voltam...

2 6 27

Hora 1 @hora1 · May 20, 2022
A Polícia Civil de São Paulo realizou uma operação contra o tráfico de drogas na região da **Cracolândia**. A operação cumpriu 32 mandados de prisão contra traficantes que vendem drogas, principalmente crack, para os usuários da região: glo.bo/3o1jLtl #**Hora1**



5

regina ricca @reginahricca · May 20, 2022
 A foto da **Cracolândia** da capa da Folha de hoje tá pior do que as imagens que nos chegam da guerra na Ucrânia.



Suspeitos de garimpo ilegal movimentaram mais de R\$ 200 mi
 Esquema em terra indígena yanomami seria chefiado por pré-candidato a deputado no partido de Bolsonaro, diz PF

Um grupo suspeito de operar mineração ilegal em terras indígenas, movimentando mais de R\$ 200 milhões em operações, teria sido investigado por um esquema de garimpo ilegal em terras indígenas yanomami, segundo a Polícia Federal (PF). O esquema seria chefiado por um pré-candidato a deputado no partido de Bolsonaro, diz a PF.

A operação movida pela Polícia Federal (PF) para investigar o esquema de garimpo ilegal em terras indígenas yanomami, no estado de Roraima, teria movimentado mais de R\$ 200 milhões em operações, segundo a PF. O esquema seria chefiado por um pré-candidato a deputado no partido de Bolsonaro, diz a PF.

Investigação e reportagem sobre o esquema de garimpo ilegal em terras indígenas yanomami, no estado de Roraima, teria movimentado mais de R\$ 200 milhões em operações, segundo a PF. O esquema seria chefiado por um pré-candidato a deputado no partido de Bolsonaro, diz a PF.

Sheik Rodrigo Jalloul @sheikhrodrigo · May 21, 2022
Cracolândia
 Fotos: @aleruaro @alexgps @Valeria_Jurado6



6 38

O Globo Política @OGloboPolítica · May 22, 2022
 Crise da **Cracolândia** e aumento de roubos pautam pré-campanha em São Paulo globo.com/3agE5T8



5 5 29

Ademar-UNIÃO E RESISTÊNCIA DEMOCR... @etia... · May 22, 2022
 Replying to @freire_roberto @UOLNoticias and @UOL
 Dória, o picareta da garoa, quer doar ao Brasil a **cracolândia** que construiu em SP.



uol
 Moradores do centro de SP protestam contra dispersão da 'cracolândia'

6 6 29

aleruaro @aleruaro · May 22, 2022
Cracolândia - Maio de 2022 - São Paulo.
 Bookings: aleruaro@gmail.com
 #aleruaro #blancoir #blackandwhite #blancoy negro #fineart #art #brazil #paperjournalmag #fotografiaautorai #retrato #portrait #portbox #portraitsbnw #bnw_faces_ #antrop...
[instagram.com/p/Cd3aCsprs60/](https://www.instagram.com/p/Cd3aCsprs60/)



6 6 29

IG Último Segundo @ultimosegundo · May 22, 2022
Roubos e crise na **Cracolândia** pautam pré-campanha de candidatos em SP → bit.ly/3PAbokb



🗨️ 1 🔄 1 📊 📌

Felipe Bambam @feliipebambam · May 23, 2022
Vai que é tua!
Uma fina ironia encanta os paulistanos: sugerir q a **cracolândia** se instale nas dependências ou na porta do Ministério Público Estadual, q sempre tenta impedir ações de polícia ou de Saúde para remover viciados e proteger os pagadores impostos e seus familiares.



🗨️ 6 🔄 📊 📌

Valéria Grangeiro @VaGrangeiro · May 24, 2022
E aí "Desprefeito" @ricardo_nune e aí Desgovernador @rodrigogarcia_? Caras d paul Espalharam a **Cracolândia** e o povo d bem sofre c a falta d competência do #PSDBLixo! Os moradores do centro não podem sair na rua, o comércio fechado! #ForaRicardoNunes #RodrigoGarcia #BoraSP



🗨️ 1 🔄 1 📊 3 📌

Jeová Xavier De Souza @JeovXavierDeSou · May 22, 2022
A **Cracolândia** em São Paulo, comércio a céu aberto de drogas ilícitas, foi dividida pela ação policial, social e política, seguindo exemplos exteriores que não funciona.
Nome pra isso, **INSANIDADE COLETIVA**.
A bolha de conflito lulobolsonarista o mesmo rito, não funciona sem #PND



🗨️ 🔄 📊 📌

F165CS3 @fernandes165 · May 23, 2022
Realmente, Fez... A **cracolândia** so cresceu. 🟡🟡🟡🟡🟡



Rodrigo Maia @RodrigoMaia · May 23, 2022
O @jordajr foi um grande governador de SP, um governo que ainda será reconhecido por todos os brasileiros. Além disso, liderou o Brasil nesse processo da pandemia, trazendo a vacina. Hoje faz um gesto generoso na tentativa de construção de um candidato no nosso campo político.
[Show this thread](#)

🗨️ 🔄 1 📊 📌

Jornal da Record @jornaldarecord · May 25, 2022
Cracolândia muda de endereço e mantém venda e consumo de drogas; veja imagens: r7.com/rEWn #JornalDaRecord #Jr24h



🗨️ 1 🔄 5 📊 📌

R7 Portal R7.com @portalR7 · May 25, 2022

Cracolândia muda de endereço e mantém venda e consumo de drogas

Veja a galeria de fotos completa aqui r7.com/rEWh



2 3 15

uol UOL Notícias @UOLNoticias · May 27, 2022

Nova operação na **cracolândia** tem veículo blindado e atirador de elite

uol.page.link/xwrx2



36 16 72

CP Correio do Povo @correio_dopovo · May 27, 2022

Polícia de SP coloca atiradores de elite e blindado na **Cracolândia**

bit.ly/3NGVHGc



7 68 58

Natan Forte Monte @natanfortemonte · May 26, 2022

CRACOLANDIA

Foto agressiva aos olhos? Difícil de ver?

Imagina quem vive isso todos os dias, sem parar, sem cessar. Para não ver seu filho aqui, tome uma atitude imediata. Não espere chegar a esse ponto. Vai na de quem viveu isso na pele. Não espere nem mais um minuto, pode ser tard.



3 5 22

g1 @g1 · May 27, 2022

Polícia realiza nova operação na **Cracolândia** com veículo blindado em SP glo.bo/3MYexbJ #g1



17 16 126

Lara Torres Villas Boas @VeraPoeta · May 27, 2022

Nesse momento na **Cracolândia** tem Traficante com reféns .
Esse é o Brasil que a esquerda Idólatra .

Polícias e Snipers colocando suas vidas em perigoso.



2 2 15

Metrópoles @Metropoles · May 27, 2022
Polícia faz nova operação na Cracolândia com veículo blindado.

Nesta sexta (27/5), ação ocorre na Rua Helvetia, onde se formou novo fluxo após expulsão de usuários da Praça Princesa Isabel.

Leia: cutt.ly/pjwyqus



7 11 16

O Tempo @otempo · May 27, 2022
Cracolândia é alvo de nova operação da Polícia Civil em São Paulo
otempo.com.br/brasil/cracola...



1 5

Vilmar Ledesma @viledesma · May 27, 2022
Blindado e atirador de elite na cracolândia.
A truculência de SP. Desgoverno em busca de vitrine?
cartacapital.com.br/cartaexpressa/...
noticias.uol.com.br/cotidiano/ulti...



2 2

oALLIEnígena @oallienigena · May 27, 2022
A Rede Record está mostrando AO VIVO o posicionamento dos atiradores de elite na Cracolândia, colocando em risco a vida deles pq #irresponsabilidade #rederecord



6 2 8

APENAS UM BRASILEIRO. @brasil_comando · May 27, 2022
OPERAÇÃO NA CRACOLANDIA PARABÉNS POLICIA DE SÃO PAULO



6 2 8

Fabio Maksymczuk @tvfabio · May 27, 2022
Ótima cobertura da repórter Grace Abdou do #CidadeAlerta que acompanha, in loco, a operação que visa dismantlar a nova Cracolândia. Isso é jornalismo raiz. Ps: ainda ouço o barulho do helicóptero aqui de casa.



6 2 8

Aprizion Brasil News 1 @aprizion · May 28, 2022
Morador que filmou agressão de GCMs na **Cracolândia** é intimidado por vizinhos: 'Interfonaram falando que iam invadir minha casa' | São Paulo #Aprizion

g1.globo.com/sp/sao-paulo/n...



🗨️ 🔄 ❤️ 📊 📤

JN News @jn_newsbr · May 28, 2022
Brasil: Guardas municipais são filmados agredindo mulher na **Cracolândia**; Veja o vídeo.

novoportaldenoticiasfsa.online/2022/05/brasil...

Veja no link acima.



🗨️ 🔄 ❤️ 📊 📤

Portal R7.com @portalR7 · May 29, 2022
Guardas são afastados após agressão a mulher na **Cracolândia**

Agentes usaram cassetete e spray contra pessoa que se afastava. Sindicância foi instaurada para apurar o caso; veja o vídeo r7.com/jblz/#R7 #portalr7



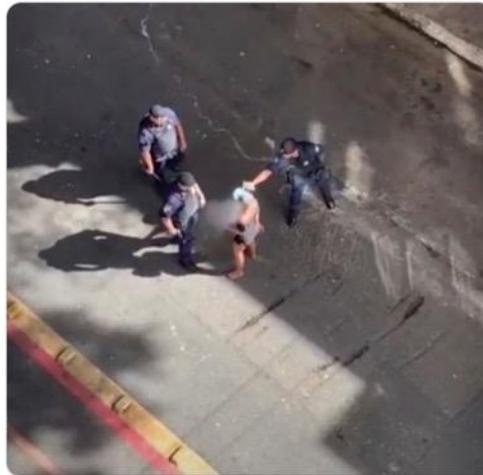
🗨️ 8 🔄 5 ❤️ 21 📊 📤

Agora MT @siteagoramt · May 28, 2022
Guardas são afastados após agressão a mulher na **Cracolândia** is.gd/QoflNV



🗨️ 🔄 ❤️ 📊 📤

TuneIn Brasil @tuneinbrasil · May 28, 2022
Morador que filmou agressão de GCMs na **Cracolândia** é intimidado por vizinhos: 'Interfonaram falando que iam invadir minha casa' | São Paulo
Fonte: g1.globo.com/sp/sao-paulo/n...
+Notícias: tunein.com/radio/News--Ta...



🗨️ 🔄 ❤️ 📊 📤

Paul brow @PaulXbrow2 · May 29, 2022
Cracolandia 😞

Não é a truculência policial que vai resolver o problema.



🗨️ 🔄 ❤️ 2 📊 📤

André Trigueiro @andretrig · May 29, 2022 ...

A **cracolândia** vista de dentro.
 #CidadesemSoluções HOJE!
 21h na @GloboNews



8 28 338

SALLADINO @SALATIE59285591 · May 30, 2022 ...

A Virada Cultural em SP se transformou em "Virada Marginal". Uma vergonha. Um bando de jovens sem um pingote de noção e amor pela vida, no meio da **cracolândia**, e achando que estão mudando a vida com "arte". Lema? "Fora Biruliro". Coitados. Idiotas úteis....

FOLHA DE S.PAULO
VIRADA CULTURAL

Virada Cultural no centro de SP tem arrastões, roubos e ao menos seis esfaqueados



3 4 5

Felipe Bambam @felipebambam · May 30, 2022 ...

Xô, **cracolândia**

Não basta prender traficantes: as autoridades de São Paulo têm a obrigação de proteger e respeitar os pagadores de impostos, limpando suas portas, suas ruas e suas praças de todas as **cracolândias**.



3 10

Anexo 6 - Os tweets de junho de 2022

UOL Notícias @UOLNoticias · Jun 2, 2022 ...

Polícia faz nova operação na **cracolândia** no centro de São Paulo

uol.page.link/LPQo2



9 8 39

Wanderson Ferreira @Wands Ferreira · Jun 2, 2022 ...

Agora toda pauta que tem na **Cracolândia**, o pastor é chamado pra fazer o link ao vivo de lá.



URGENTE
 DINHEIRO EM PARTES ÍNTIMAS DE MULHERES: POLÍCIA CERCA CRACOLÂNDIA AGORA EM SP

3 4 5



Folha de S. Paulo @folha · Jun 3, 2022

ETERNO RETORNO|Cracolândia vive 30 anos de entre truculência e desarticulação. Repressão contra venda e uso de drogas no centro de São Paulo não fez mais que dispersar usuários; especialistas cobram políticas urbanísticas e sociais. [Leia em bit.ly/3mcQQRu](https://bit.ly/3mcQQRu)



Cracolândia vive 30 anos de eterno retorno entre truculência e desarticulação

12 8 61



POÁ COM ACENTO #PCA @PoaComAcento · Jun 3, 2022

Por Daniel Mello

Prefeito anuncia barreiras humanitárias nos pontos de chegada à cidade

A cidade de Sorocaba, no interior paulista, vai fazer barreiras na rodoviária e em outros locais para impedir que pessoas que saíram da Cracolândia, na capital

poacomacento.com/2022/06/03/sor...



1 1 1



Carlos Bezerra Jr @CarlosBezerraJr · Jun 4, 2022

CRACOLÂNDIA | Vi e ouvi muito na manhã de hoje. Falei com gente no fluxo da Cracolândia, com as equipes de abordagem da SMADS, com Consultório na Rua, e acompanhei, ao lado do prefeito e do secretariado, o mutirão dos exames de espirometria, realizados na rua Helvétia.



1 1 5 1 1



Aprizion Brasil News 1 @aprizion · Jun 3, 2022

(Estado) #Aprizion > Vandalismo no centro ocorre por queda da oferta de drogas na Cracolândia, diz delegado (via @EstadoSaoPaulo) bit.ly/3ziXu02



1 1 1 1 1



Marcao do Tatuapé @Caco57810494 · Jun 3, 2022

Até quando iremos ver essa bagunça e violência na Cracolândia? Não tem ninguém p resolver esses problemas #hora1



1 1 1 1 1



Bahia Jornal @bahiajornal · Jun 3, 2022

#Geral Sorocaba tentará evitar entrada de pessoas vindas da Cracolândia divr.it/SRZYGw



1 1 1 1 1



thathiribeirao @grupothathi · Jun 4, 2022

Sorocaba tentará evitar entrada de pessoas vindas da Cracolândia. Ribeirão Preto já pensou nisso? - thathi.com.br/destaque7/soro... #RibeiraoPreto #GrupoThathi



1 1 2 1 1

Fabio Maksymczuk @tvfabio · Jun 2, 2022
 Quando ouço helicóptero por aqui, já sei que é do Cidade Alerta ou Brasil Urgente. Desta vez, é o #BrasilUrgente que sobrevoa a nova Cracolândia. O delegado informa que mulheres agora levam o crack nas partes íntimas para fugir da vistoria da Polícia na região.



1 3

Correio da Manhã @correiodamanha1 · Jun 2, 2022
 Polícia faz nova operação na Cracolândia no centro de São Paulo
[#Brasiltinyurl.com/2573zso9](https://brasiltinyurl.com/2573zso9)



1 3

TuneIn Brasil @tuneinbrasil · Jun 2, 2022
 Vídeos mostram confusão e quebra-quebra na região da Cracolândia durante a madrugada no Centro de SP | São Paulo
 Fonte: g1.globo.com/sp/sao-paulo/n...
 +Notícias: tunein.com/radio/News--Ta...



1 3

Hora 1 @hora1 · Jun 3, 2022
 Desde o fim de março, frequentadores da Cracolândia, em SP, vêm se espalhando pelas ruas. Para a prefeitura e a polícia, é sinal de sucesso nas operações de combate ao tráfico. Mas moradores da região reclamam da dor de cabeça com o espalhamento: glo.bo/3GPjodg
 #Hora1



5

Lailinha Regina @lailinharegina · Jun 2, 2022
 Segundo o prefeito Ricardo Nunes a operação na Cracolândia foi um sucesso... Os moradores que lutem né senhor prefeito

#SP1



1 3

Geraldo Junior @geraldo_2009 · Jun 2, 2022
 E nosso repórter Rafa seguindo o fluxo na região da Cracolândia. Será que teremos uma solução para essa situação terrível de décadas?
 #SP2 @rafa_jhara



2 3

Diário de Pernambuco @DiárioPE · Jun 3, 2022
 Sorocaba tentará evitar entrada de pessoas vindas da Cracolândia
bitly.com/TtPYyg



1 3

Valéria Jurado @Valeria_Jurado6 · Jun 5, 2022
Replying to @LulaOficial
amarrada nas costas feito uma capa na RONDA DOS COBERTORES na Cracolândia ajudando os invisíveis com doações de roupas calçados água cobertores e amizade



2 2 166

Portal R7.com @portalR7 · Jun 6, 2022
Prefeitura de SP adota internações involuntárias de dependentes da Cracolândia

Consentimento de um familiar e assinatura de um médico são suficientes para hospitalização; 22 usuários foram internados
r7.com/in3g



1 5 24

Jornal da Record @jornaldarecord · Jun 6, 2022
Cracolândia: prefeitura de SP adota internações involuntárias de dependentes. Consentimento de um familiar e assinatura de um médico são suficientes para hospitalização; 22 usuários foram internados:

r7.com/in3g #JR #JornalDaRecord #JR24H



1 11

Wanessa @wans · Jun 5, 2022
Esse amontoado de gente são os dependentes de crack, que agora estão no final da Rua Helvetia. É deprimente ver a situação deles, com o poder público empurrando de um lugar para o outro.

#cracolandia



1 1 1

IG Último Segundo @ultimosegundo · Jun 6, 2022
Homem morre em briga com faca perto da Cracolândia →
bit.ly/3zkorQY



1 1 1

São Paulo Notícias @SPNoticias · Jun 6, 2022
A Prefeitura de São Paulo internou de maneira involuntária mais de 20 dependentes químicos da região da Cracolândia desde abril, logo após o "fluxo" ter se mudado para a Praça Princesa Isabel.

#SP #SPNoticias

Wagner Vilas/Agência O Dia/Estadão Conteúdo
G1 SP



1 1 1



BLOWBACK NEWS @campeotti · Jun 6, 2022
CRACOLANDIA, SAO PAULO, SP, CAPITAL, CENTRO.

O pior cego é aquele que não quer ver.

Retrato fiel de uma sociedade que traz em si mesma uma severa anomalia.

Triste Brasil.

ALERTA PERMANENTE.



Brigadeiro Gabriel @brigabriel · Jun 6, 2022
 A DEMOCRACIA PARA O POVO,
 com segurança e desenvolvimento,
 só aconteceu com os militares no poder,
 por isso os corruptos defendem a sua democracia
 e o povo que se foda, debaixo dessa enganação!!!!



Imprensa Pública @imprensadf · Jun 9, 2022
 Prefeitura de SP tenta impedir investigação de possíveis abusos na **cracolândia** - Veja mais no link: imprensapublica.com.br/prefeitura-de-...



Correio da Manhã @correiodamanha1 · Jun 10, 2022
 Atendimento a usuários da **cracolândia** aumentou 25% após operações, diz prefeitura [#Brasil #Saude.tinyurl.com/266ljoc6](https://Brasil.Saude.tinyurl.com/266ljoc6)



Tribuna do Sertão @tribunasertao · Jun 6, 2022
Cracolândia: Prefeitura de SP adota internações involuntárias de dependentes. Veja mais em: [-tribunadoagreste.com.br/2022/06/cracol...](https://tribunadoagreste.com.br/2022/06/cracol...)



Michael Bonissoni @mbonissoni · Jun 8, 2022
 a política de dispersão da **cracolândia**, criou uma espécie de "oxo das drogas", em várias esquinas do centro de SP. Nos resta dar parabéns aos envolvidos...



Portal R7.com @portalR7 · Jun 9, 2022
 Defensoria questiona Prefeitura de SP sobre internações involuntárias na região da **Cracolândia**

Órgão quer saber se há planos de implementar novo programa para promover internação de dependentes químicos na capital 7.com/C6US





Aristóteles T. @Aristoteles004 · Jun 13, 2022
 Replying to @johnn_sr
 Cracolândia - SP



🗨️ 🔄 1 📌 📤



Tribuna do Sertão @tribunasertao · Jun 14, 2022
 Promotoria abre investigação sobre internação 'involuntária' de 22 da Cracolândia. Veja mais em: [-tribunadosertao.com.br/2022/06/promot](https://tribunadosertao.com.br/2022/06/promot)



🗨️ 🔄 📌 📤



Jornal da Record @jornaldarecord · Jun 15, 2022
 Polícia Civil mira traficantes em ação na região da Cracolândia (SP). São cumpridos cinco mandados de busca e apreensão nesta quarta (15). Participam da ação 30 policiais civis e 18 equipes da GCM:

[#R7.com/RDRu](https://r7.com/RDRu) #JR #JornalDaRecord #JR24H



🗨️ 🔄 6 📌 📤



Portal R7.com @portalR7 · Jun 15, 2022
 Projeto que transforma em parque a praça Princesa Isabel, antigo foco da Cracolândia, é sancionado. Aval do prefeito Ricardo Nunes foi publicado no Diário Oficial. Ideia é cercar a praça de 16,6 mil metros quadrados com grades:

[#R7.com/OU4m](https://r7.com/OU4m) #R7 #PortalR7



🗨️ 1 🔄 2 📌 10 📤



IG Último Segundo @ultimosegundo · Jun 14, 2022
 São Paulo: polícia faz quarta operação na Cracolândia em um mês → tinyurl.com/2vf99s4h



🗨️ 🔄 1 📌 2 📤



Portal R7.com @portalR7 · Jun 15, 2022
 Internações involuntárias na Cracolândia podem aumentar; estratégia divide especialistas

Ação pode ficar mais comum por mudança do perfil dos usuários, segundo a prefeitura. Doria tentou movimento parecido em 2017 r7.com/oJUX



🗨️ 🔄 5 📌 📤



Bahia Jornal @bahiajornal · Jun 15, 2022
 #DireitosHumanos MP abre inquérito para apurar internações involuntárias na Cracolândia dlvr.it/SSGHFm



🗨️ 🔄 📌 📤



Caco Brasil @CacoBrasil2 · Jun 16, 2022
 Movimentos criticam projeto de lei para "limpar" praça na Cracolândia. "Higienismo"; redebrasilatual.com.br/cidadania/2022..



🗨️ 🔄 2 📌 📤

Lobo da Copa @lobinodacopa · Jun 18, 2022
Replying to @AparecidaAngela and @tarcisiogdf
Ou pode ser que ele esteja falando sobre isso (porra, tem até verbete na Wikipedia sobre a Cracolândia):



1 1 1 1 1

Tem Quote @TemQuote · Jun 20, 2022
Em meio à repressão policial, arte e solidariedade resistem e modificam vidas na "Cracolândia" ift.tt/iLRi928



1 1 1 1 1

Severino Brito @netbrito1964 · Jun 27, 2022
Se o pessoal da Cracolândia descobrir o que tem atrás do muro vai ser uma festa.... #BDSP



1 1 1 1 1

Diário do Poder @diariodopoder · Jun 20, 2022
A aprovação vai permitir que o local, que se tornou a Nova Cracolândia desde março e vem sendo alvo de ações policiais constantes nos últimos meses, tenha o seu entorno fechado. O projeto será encaminhado para a sanção do prefeito Ricardo Nunes (MDB).



1 4 1 1 1

Somos Centro SP @SomosCentroSP · Jun 23, 2022
É o famoso "enxerga gelo"

De volta à Duque de Caxias.

#SomosCentroSP
#Cracolandia



1 2 2 1 1

Celso Reeks @celsoreeks · Jun 28, 2022

Particpei ontem de matéria no SPTV q teve rara disposição de apresentar um olhar humanizado sobre a complexa questão da **Cracolândia**, fazendo o q nenhuma outra matéria faz: dar voz à população em situação de vulnerabilidade, as maiores vítimas desse imbróglio político e social.

Comerciantes e moradores do Centro da capital falam das mudanças após a dispersão da Cracolândia - ontem, 27/06/2022



1 1 3

Anexo 7 - Os tweets de julho de 2022

Forum **Revista Fórum** @revistaforum · Jul 1, 2022

PM amarra homem com corda em abordagem violenta na **Cracolândia**

Denúncia é do vereador @esuplicy

🔊 Saiba mais e veja VÍDEO: bit.ly/3ye9oGe



6 9 39

Forum **Revista Fórum** @revistaforum · Jul 1, 2022

Irregular

Hospital da prefeitura de SP que recebe pessoas da "cracolândia" não possui alvará

Leia mais: bit.ly/3y8357e



4 10

II **Hora 1** @hora1 · Jul 1, 2022

A Polícia Civil divulgou imagens de uma nova operação na **Cracolândia** na noite desta quinta-feira (30). A intenção da ação era cumprir 28 mandados de prisão e fazer outras prisões em flagrante de traficantes que atuam entre os dependentes químicos: glo.bo/3o1jLtl #Hora1



NOVA OPERAÇÃO DISPERSA 'FLUXO' DA CRACOLÂNDIA
Operação Carante contou com participação da Polícia Civil, Militar e GCM

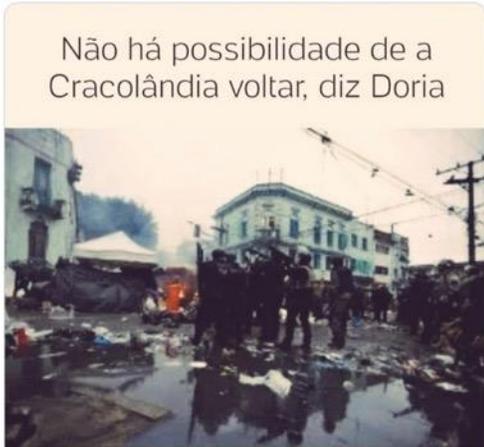
6

sbt **sbtinterior.com** @sbtinterior · Jul 5, 2022

Garcia sobre **cracolândia**: 'Polícia para traficante e tratamento para dependente' sbtinterior.com/noticia/garcia...



Mizael Izidoro Bello | @mizaelizidoro · Jul 6, 2022
Mas o Dória não acabou com a Cracolândia em 2017 e disse que nunca mais ela iria voltar? 🤔



21.mai.2017 - Policiais fazem operação na região da cracolândia, no centro de São Paulo
Imagem: Paulo Whitaker/Reuters

Steh Papaiano | @Steh_Papaiano · Jul 6, 2022
So tô vendo a vagabundagem esquerdista tentando passar recibo de virtude por causa da cracolândia itinerária e a treta com os comerciantes da Santa Ifigênia
A CULPA TB É DE VCS ARR9MB4D0S, pega o movimento antimanicomial e a craco resiste e enfia no meio do cool 🙌
[Show this thread](#)

1 2 28

Brasilzinho | @Brasilzineo · Jul 6, 2022
Cracolândias

Esse tipo de coisa já acontece e todo o Brasil, enquanto os politicopatas viciados em dinheiro roubado do povo mais do que os craqueiros viciados em drogas na cracolândia fingem que tá tudo bem [facebook.com/watch/?v=736608...](https://www.facebook.com/watch/?v=736608...)



Centro de São Paulo
Usuários de drogas da Cracolândia Invadem e destroem comércio na Santa Efigênia, região Central de São Paulo.

4 3

IG Último Segundo | @ultimosegundo · Jul 6, 2022
Vídeo: rua Santa Ifigênia tem saques após dispersão na cracolândia → bit.ly/3iyMn61



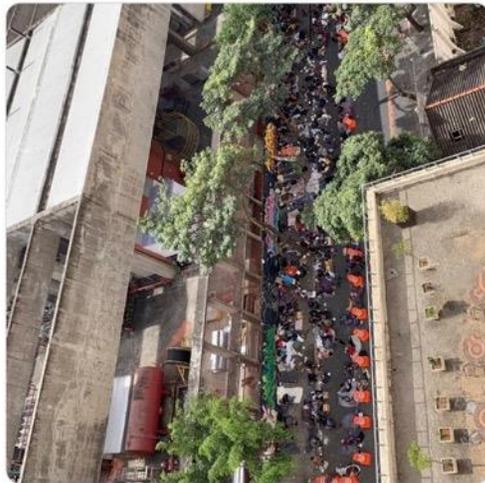
1 4 2

Somos Centro SP | @SomosCentroSP · Jul 6, 2022
Ontem, na reunião do CONSEG SANTA CECÍLIA foi dito que a Rua Helvétia contava com a presença de 40 usuários.

E essa imagem de agora? Mais de 200 pessoas usando crack ao ar livre em plena luz do dia.

Não sabemos contar, @GCMSPoficial?

#SomosCentroSP
#Cracolandia



1 3 9

Correio da Manhã | @correiodamanha1 · Jul 6, 2022
Dispersão de fluxo da cracolândia tem saques e correria na Santa Ifigênia, em São Paulo [#Brasiltinyurl.com/236ob882](https://www.brasiltinyurl.com/236ob882)



1 3 9

Júnior_Junior @PAssistence · Jul 6, 2022
#BalançoGeral Essa **cracolândia** é uma vergonha, é caso de segurança pública e não de saúde, se acabar com o tráfico, não tem drogas. Falta vergonha na cara desse prefeito, tem que colocar o prejuízo na conta da prefeitura e fazer pagar.



🗨️ 🔄 ❤️ 📊 📌

Edson Riyudi Okudi @ograndecaído · Jul 6, 2022
 A vítima verdadeira do arrastão da **cracolândia**: o pobre comerciante. Os crackeiros não merecem a misericórdia de ninguém.



🗨️ 🔄 ❤️ 1 📊 📌

Hora 1 @hora1 · Jul 8, 2022
 Comerciantes de São Paulo fizeram um protesto no principal centro de comércio de produtos eletrônicos da cidade, contra a onda de assaltos a lojas na região. Foi para lá que migrou a **Cracolândia** depois de ações das autoridades no centro da capital: glo.bo/3uAo8yu **#Hora1**



🗨️ 🔄 2 ❤️ 11 📊 📌

Tribuna do Sertão @tribunasertao · Jul 6, 2022
Cracolândia: Santa Ifigênia tem bar saqueado após dispersão de usuários de drogas. Veja mais em: - tribunadosertao.com.br/2022/07/cracol...



🗨️ 🔄 ❤️ 📊 📌

Diário Online @doldiarioonline · Jul 6, 2022
Vídeo: usuários de drogas invadem lanchonete na Cracolândia
mwl.press/DOL730564



🗨️ 1 🔄 1 ❤️ 1 📊 📌

@fabyonly21 · Jul 8, 2022
 Tinha que mandar os Deuses do Olimpo para resolver esse problema na **cracolândia**, já que eles são contra as operações nesses locais.

#AlertaNacional



🗨️ 🔄 ❤️ 3 📊 📌

Gilberto K Martins @gsilvamartins · Jul 9, 2022
 Os comerciantes e moradores da nova região de **Cracolândia** em SP pagam impostos e não têm direito à liberdade.

O que você acha que pode ser feito para solucionar isto?



🗨️ 🔄 ❤️ 📊 📌

👉 **Cosmic Redemption** 👉 @SaraRadicalLove · Jul 10, 2022
Crackland [Cracolândia, São Paulo, Brazil] the place where bodies & souls are destroyed.

Is there any hope for those lost souls?

I know a shepherd that will not rest until He rescues the last lost one in this life or in the ages to come.

His loving kindness endures forever! 🙏



🗨️ 🔄 4 📊 📌

👤 **Edson Riyudi Okudi** @ograndecaído · Jul 12, 2022
Tabela do Medo 📊: passar perto da Cracolândia - Definitivamente SIM.



🗨️ 3 🔄 1 📊 16 📌 📌

TNH1.com.br @PortalTNH1 · Jul 16, 2022
'Limpei hotel por 12 anos para sustentar o vício', conta ex-frequentador da cracolândia tnh1.com.br/noticia/nid/li



🗨️ 🔄 1 📊 1 📌 📌

UOL Notícias @UOLNoticias · Jul 11, 2022
Depois da dispersão da cracolândia, usuários de drogas ocupam 16 diferentes pontos no centro de SP

www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022..



🗨️ 9 🔄 5 📊 26 📌 📌

Correio da Manhã @correiodamanha1 · Jul 11, 2022
Após dispersão da cracolândia, usuários de droga ocupam 16 pontos no centro de SP #Brasil #Saúde tinyurl.com/226m2uxw



🗨️ 🔄 📊 📌 📌

👤 **Gabriel Blindado** @ezrealblindado · Jul 15, 2022
ja pensou ter que passar pela cracolândia móvel com um note que vale mais do que o meu salário? 🤔



🗨️ 8 🔄 📊 14 📌 📌



uniaonet.com @uniaonet · Jul 17, 2022
 Tércia Galúcio está em Cracolândia Sp. · São Paulo ·
 Servindo um campo tão vasto e trabalhando com pessoas que eu
 admiro 🙏🏻
uniaonet.com/amsbsaopaulo.h... #SãoPaulo #SP



🗨️ 🔄 ❤️ 1 📌 📤



The wolf 🐺 @LuisMagnoLobo1 · Jul 19, 2022
 Replying to @MarcosUchoa
 Essa é a POLUÍDA Cracolândia, lugar onde o consumo e o tráfico de
 drogas fazem a destruição da vida de pessoas de todas as idades.
 Mesmo assim, tem gente que apoia a liberação do uso de drogas.
 E o senhor, também acha q as pessoas têm que ficar se poluindo com
 essas porcaria?



🗨️ 🔄 ❤️ 📌 📤



Portal R7.com @portalR7 · Jul 24, 2022
 Polícia prende integrante do PCC por tráfico de drogas na região da
 Cracolândia (SP)
 Paraguai Eugênio Ramon Domingues foi detido após investigação.
 Com ele foi apreendida pedra de crack de quase um quilo r7.com/93AA
 #R7 #portalr7



🗨️ 🔄 1 ❤️ 9 📌 📤



CRAQUINHO @ocraquinho · Jul 18, 2022
 A Cracolândia tá lotada de curioso!



🗨️ 🔄 ❤️ 📌 📤



BENHONÇA @atentonewsfanny · Jul 22, 2022
 A CRACOLÂNDIA de São Paulo acabou ou só mudou de endereço?



🗨️ 🔄 ❤️ 📌 📤



Bisk8 @bisk8_bisk8 · Jul 24, 2022
 Polícia Civil prende paraguaio suspeito de tráfico na cracolândia de São
 Paulo dvr.it/SVQsbb



🗨️ 🔄 ❤️ 📌 📤